

**BENITO
CERENO**

**HERMAN
MELVILLE**

BENITO CERENO

HERMAN
MELVILLE

TRADUÇÃO DE BRUNO GAMBAROTTO



GRUA LIVROS

COPYRIGHT THE ART OF THE NOVELLA © 2014 MELVILLE HOUSE PUBLISHING
COPYRIGHT SÉRIE A ARTE DA NOVELA © 2014 GRUA LIVROS

Essa tradução foi publicada após acordo firmado com a Melville House Publishing, EUA. A série *The Art of The Novella* e sua identificação visual são propriedades da Melville House Publishing, USA.

PRIMEIRA APARIÇÃO NA *PUTNAM'S MAGAZINE*, EM NOVEMBRO DE 1855. UMA VERSÃO REVISADA FOI PUBLICADA EM 1856, NO LIVRO "MELVILLE'S PIAZZA TALES".

DESIGN DA SÉRIE
DAVID KONOPKA

PREPARAÇÃO
THAÍS TOTINO RICHTER

WWW.GRUALIVROS.COM.BR
GRUA@GRUALIVROS.COM.BR

RUA CLÁUDIO SOARES, 72 CJ 1605
PINHEIROS
SÃO PAULO – SP
05422-030
TEL: (011) 4314-1500

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
M486b

Melville, Herman
Benito Cereno / Herman Melville ; tradução Bruno Gambarotto. - 1. ed. - São Paulo : Grua, 2018.

ISBN 978-85-61578-73-2

1. Novela americana. I. Gambarotto, Bruno. II. Título.

18-49592
CDD: 813

CDU: 82-32(73)

Em 1799, Capitão Amasa Delano, de Duxbury, em Massachusetts, tendo sob seu comando um navio caça-focas e de mercadorias em geral, largou âncora com valiosa carga no porto de Santa Maria, ilhota inculta e pouco habitada, próxima à extremidade sul da longa costa do Chile. Ali fundeara para prover-se de água.

No segundo dia, não muito passada a alvorada, ainda acomodado em seu beliche, Capitão Delano recebeu a visita do imediato, informando-o da entrada de uma estranha vela na baía. Não eram muitos então, como hoje, os navios naquelas águas. Ele levantou-se, vestiu-se e subiu ao convés.

Era uma manhã típica daquela região. Tudo era mudez e calma; tudo era cinza. O mar, embora ondulasse nas extensas jeiras¹ de sua marola, parecia inerte, de tono polido como o chumbo que, resfriado, tivesse sido derramado nos moldes de uma fundição. O céu se assemelhava a um manto cinza. Nuvens de agitadas aves

1 “Medida ou extensão agrária que varia de 19 a 36 hectares, segundo o uso dado às terras”. (Dicionário Houaiss) (N.E.)

cinzentas, à imagem e semelhança dos vapores da cinzenta e revolta névoa à qual se misturavam, renteavam caprichosamente as águas, como as andorinhas nos prados antes da tempestade. Sombras presentes, anúncio de mais profundas sombras por vir.

Para a surpresa de Capitão Delano, a estranha nau, vista com o auxílio de luneta, não ostentava bandeira; embora fazê-lo ao surgir num ancoradouro, ainda que ermo, onde estivesse ancorado apenas um único navio, fosse costume entre marinheiros pacíficos de todas as nações. A julgar pelo isolamento sem lei do lugar e pelas histórias, à época, associadas àquelas águas, a surpresa de Capitão Delano se teria transformado num profundo desconforto, não fosse ele pessoa de boa índole, particularmente confiado e pouco suscetível, exceto sob extraordinários e repetidos estímulos — e, mesmo assim, raramente —, a deixar-se levar por alarmes íntimos que, de algum modo, envolvessem a atribuição do mal e da malícia ao homem. Se, diante do que a humanidade é capaz, tal traço sugere, mais do que bom coração, grande sensibilidade intelectual, de agudeza e vivacidade ímpares, compete aos sábios determiná-lo.

De todo modo, fossem quais fossem as dúvidas que o estranho suscitasse à primeira vista, elas teriam, no pensamento de qualquer homem do mar, se dissipado diante da observação de que o navio, ao entrar no surgidouro, aproximava-se da terra mais do que era seguro; havendo, próximo a sua proa, um recife submerso. Com isso provava-se a nau estranha não apenas ao caça-focas,

mas à ilha; logo, não se tratava de um navio pirata, como era comum naquelas águas. Com não pouco interesse, Capitão Delano seguiu em sua observação — procedimento não muito facilitado pela névoa, que escondia parcialmente o casco e através da qual mal se via, à saída de sua cabine, a distante luz matinal; no que esta se assemelhava ao sol — naquele momento, surgindo na linha do horizonte, acompanhando, ao que parecia, o misterioso navio em sua incursão à baía — que, encoberto pelas nuvens baixas que cobriam as águas, não diferia do olho sinistro de uma falsária de Lima a investigar a *plaza* encoberta por sua *saya-y-manta* escura.

Talvez fosse mera ilusão da névoa, mas, quanto mais se observava o estranho, mais curiosas mostravam-se suas manobras. Antes parecia difícil decidir se o navio pretendia entrar ou não — ou, ainda, qual seria sua ação ou intenção. O vento, que soprara um pouco durante a noite, agora era bastante leve e intermitente, o que aumentava ainda mais a aparente incerteza de seus movimentos.

Inferindo, por fim, que se tratasse de navio em dificuldades, Capitão Delano ordenou que se largasse seu bote baleeiro e, a despeito da acautelada oposição de seu imediato, preparou-se para abordar a embarcação e, no mínimo, conduzi-la baía adentro. Na noite anterior, um grupo de marujos pescadores havia atravessado grande distância rumo a um atol isolado, fora do campo de visão do caça-focas, e uma ou duas horas antes do nascer do sol retornou com o que se mostrou um sucesso invulgar. Supondo que o estranho estivesse por muito tempo em

águas profundas, o bom capitão carregou seu bote com algumas cestas de peixe, à guisa de presente, e partiu. Observando o navio muito próximo do recife submerso e julgando-o, então, em perigo, Capitão Delano chamou a atenção de seus homens e apressou-se a advertir a equipagem da embarcação sobre sua situação. Momentos antes, porém, de seu bote realizar a abordagem, o vento, apesar de fraco, mudou de direção, levando o navio a mar aberto e rompendo parcialmente a névoa que o cercava.

Ao obter panorama menos vago, o navio — então bem visível ao longe, no limite do mar de chumbo em que flutuava, e com farrapos de névoa a cobri-lo aqui e ali — mais parecia um monastério caído depois de uma tempestade de raios, empoleirado numa colina borralhenta dos Pirineus. Mas não foi semelhança puramente imaginária a que, então, por um instante, quase levou Capitão Delano a pensar que tinha diante de si nada menos do que um carregamento de monges. Mirando para além da amurada estavam o que de fato pareciam ser, à distância nebulosa, multidões de escuras túnicas; enquanto, caprichosamente reveladas pelas portinholas abertas, avistavam-se vagamente outras escuras formas moventes, como de frades dominicanos que caminhassem pelo claustro.

Mais próximo, tal aparência modificou-se, e o verdadeiro caráter da embarcação desvelou-se — um vaso mercante espanhol de primeira classe; levando de um porto colonial a outro escravos africanos, entre outras valiosas cargas. Uma nau de grande porte e, a seu tempo, muito bonita, tal como, vez por outra, se avistavam na-

queles idos e águas — ora antiquados galeões da frota da prata de Acapulco, ora fragatas aposentadas da Marinha do rei de Espanha, que, como antiquíssimos palácios italianos, ainda, sob o declínio de seus senhores, preservavam sinais de seu antigo estado.

À medida que o bote baleeiro se aproximava mais e mais, identificava-se a causa daquele aspecto caído da embarcação desconhecida — era a negligência desastrosa que a cobria. Mastros, cordame e boa parte da amurada pareciam lanosos, há muito ignorados por escova, raspador e alcatrão. Era como se o navio tivesse a quilha batida, as vaus montadas e a viagem iniciada no Vale dos Ossos Secos de Ezequiel.²

Para o negócio em que, então, se empregava, sua estrutura geral e aparelhagem pareciam não ter conhecido transformação material desde o tempo do cronista Froissart³ e de seus idos como navio de guerra. Bocas de fogo, porém, não se viam.

As gáveas eram espaçosas, cercadas com o que, antes, haviam sido redes de padrão octogonal, todas em melancólico desmantelo. Suspensos, tais cestos assomavam como três passareiras em ruína, numa das quais se via, empoleirada e branca num enfrechate, uma *palerma*

2 Ezequiel 37:2-3 Visão do profeta Ezequiel, em que enxerga um vale cheio de ossos humanos. Os ossos tinham estado lá há muito tempo e estavam muito secos. (N.E.)

3 Jean Froissart (c. 1337- c. 1405) Cronista francês, é uma das principais referências do que se convencionou chamar de *Renascimento cavalheiresco*. (N.E.)

— estranha ave, de alcunha adequada a sua sonâmbula letargia, frequentemente capturada com as mãos em alto-mar. Castigadas e emboloradas, as ameias do tombadilho lembravam uma antiga torre há muito tomada de assalto e, então, abandonada aos próprios escombros. À popa, duas elevadas alhetas, de balaustradas aqui e ali cobertas de musgo marinho, seco e inflamável, e ligadas a uma cabine de Estado maior, cujos postigos, apesar do tempo ameno, mostravam-se hermeticamente fechados e pregados — essas galerias-fantasma elevavam-se sobre o mar como se este fosse o grande canal de Veneza. A principal relíquia de sua grandeza extinta era, entretanto, a imensa estrutura ovalada da figura de popa, sob a forma de escudo, no qual se entalharam com capricho os brasões de Leão e Castela, emoldurados por medalhões feitos de emblemas mitológicos e simbólicos — o mais elevado e central, um sátiro negro, mascarado, cuja pata premia o pescoço abatido de uma figura de rosto igualmente coberto que se contorcia.

Se tinha o navio uma figura de proa, ou tão somente um esporão, não era possível saber, pois havia lona cobrindo tal ponto, fosse para protegê-lo durante reforma, fosse para preservar-lhe a dignidade ante a ruína. Toscamente escrito, a tinta ou cré, numa extravagância de marujo, ao longo da face dianteira de uma espécie de pedestal guardado sob a lona, lia-se: "*Seguid vuestro jefe*" ("Segui vosso líder"); já nas tábuas de proa, próximas, lia-se, em pomposas maiúsculas, outrora douradas, o nome do navio, SAN DOMINICK, de letras cobertas por

uma fina ranhura de ferrugem, à maneira de suas cavilhas de cobre; enquanto, como o crepe do luto, grinaldas de alga balançavam sobre elas, lúgubres e viscosas, acompanhando os movimentos do casco, que jogava como um féretro.

Por fim, quando o bote foi seguro pela proa e conduzido ao longo do costado até o portaló a meia nau, sentiu-se a quilha, não obstante as polegadas que a separavam do casco, tocar asperamente algo que mais parecia um recife de coral submerso. Este se provou uma imensa colônia de cracas encrustadas umas sobre as outras, presas à embarcação sob a água e sobressalentes como um tumor — sinal de longas calmarias e enganosas brisas enfrentadas alhures naqueles mares.

Subindo pelo costado, o visitante viu-se imediatamente cercado por uma agitada multidão de brancos e pretos, estes em número maior do que se poderia esperar em relação aos primeiros, uma vez que se tratasse de um navio de transporte de negros. Numa só língua e numa só voz, todos vazavam uma só história de sofrimento; no qual as negras, que não eram poucas, superavam os demais em sua dolente veemência. O escorbuto,⁴ somado à febre, consumira grande parte de seu contingente, sobretudo de espanhóis. Na região do Cabo Horn,⁵ esti-

4 “Doença aguda ou crônica devida a uma carência de vitamina C, caracterizada por hemorragias, alteração das gengivas e queda da resistência às infecções.” (Dicionário Houaiss) (N.E.)

5 O Cabo Horn, que pertence ao Chile, é o ponto mais ao sul da América do Sul. (N.E.)

veram muito perto de naufragar; em seguida, por dias a fio, permaneceram no transe letárgico de uma calmaria; as provisões escassearam; a água quase se esgotou; seus lábios, naquele momento, estavam crestados.

Enquanto Capitão Delano tornava-se alvo de todas aquelas línguas ansiosas, seu olhar igualmente ansioso lhes estudava os rostos, assim como cada objeto que os cercava.

Sempre ao embarcar pela primeira vez num grande e populoso navio em alto mar, em especial um navio estrangeiro, de equipagem indeterminada, como as formadas por homens recrutados em Manila ou no leste indiano, a impressão difere muito sutilmente da produzida ao se entrar numa casa estranha habitada por estranhos em terra estranha. Casa e nau, uma com paredes e persianas, a outra com amuradas altas como muralhas, escondem à vista seus interiores até o último instante; há, porém, no caso da nau, algo a mais: o grande espetáculo que ela traz consigo, quando súbita e completamente revelado, tem, sob o contraste do oceano vazio que a cerca, efeito encantatório. O navio parece irreal; e seus estranhos costumes, gestos e rostos, não mais que um fantasmagórico *tableau vivant*⁶ a emergir, por um átimo, das profundezas às quais de pronto retorna.

Talvez tenha sido circunstância como a que acima se procurou descrever que, nos pensamentos de Capitão

6 Encenação, por pessoas, de uma pintura ou de uma fotografia. (N.E.)

Delano, intensificou o que, sob equilibrado exame, teria lhe parecido estranho — em especial, as notáveis e grisalhas figuras de quatro pretos idosos, cada qual ostentando cabeça semelhante à negra copa desgalhada de um salgueiro. Estes, em venerando contraste com o tumulto que encimavam, repousavam como esfinges, um na serviola de estibordo, o outro na serviola de bombordo, restando ao par final permanecer face a face, nas amuradas de um lado e de outro, acima das mesas de guarnição. Cada qual tinha em mãos pedaços de junco velho e desfiado, que, numa forma estoica de autocontentamento, transformava em calafeto, do qual pequenos montes se encontravam aos seus respectivos lados. A tarefa se fazia acompanhar de um contínuo, monótono e murmurado canto, de ritmo lamentoso como o de tantos velhos gai-teiros e as marchas fúnebres que seus foles entoam.

O tombadilho se erigia numa ampla e elevada popa, ao limite dianteiro da qual, ao alto, mais de oito pés acima do tumulto geral, à semelhança dos que desfiavam o calafeto, sentavam-se em linha, de pernas cruzadas e separados a intervalos regulares, seis outros pretos; cada qual trazendo à mão uma machadinha ferrugenta que, com o auxílio de um trapo e um pedaço de tijolo, empenhavam-se em polir como se fossem auxiliares de cozinha; enquanto, no espaço aberto entre cada dupla, repousavam pequenas pilhas de machadinhas, com seus fios enferrujados voltados para cima aguardando operação similar. Enquanto os quatro desfiadores de calafeto dirigiam-se esporadicamente a indivíduos ou grupos

da multidão que tinham sob si, os encarregados de dar polimento às machadinhas nem falavam aos demais, nem trocavam qualquer sussurro entre si, concentrados que estavam em sua tarefa, exceto por breves momentos quando, com o particular apreço dos pretos de aliar trabalho e distração, aos pares e de lado retiniam as lâminas umas contras as outras, como címbalos, num bárbaro estridor. Todos os seis, diferentemente dos demais, tinham o semblante bruto de africanos intocados pela civilização.

Mas aquele primeiro e amplo olhar que abrangeu essas dez figuras, além de outras dezenas menos destacadas, não demorou mais do que um instante sobre elas, pois, já aborrecido do alvoroço de tantas vozes, o visitante estava à procura de quem fosse o comandante do navio.

Porém, como quem não fizesse qualquer esforço para impedir a natureza de dar a conhecer sua própria opinião sobre aquela carga sofredora, ou então desesperasse de tanto controlá-la, o capitão espanhol — um homem de porte refinado e olhar reservado, sem dúvida jovem, aos olhos do estranho, vestido com particular sofisticação, mas trazendo a clara evidência de insones cuidados e desassossegos — mostrava-se passivo, recostado ao mastro principal, ora lançando um sombrio olhar de esgotamento a sua gente inquieta, ora mirando o visitante em triste soslaio. Ao seu lado estava um preto de baixa estatura, em cujo rosto rude — o qual, vez por outra, como um cão de pastoreio, erguia mudo na direção de seu senhor — misturavam-se idênticos quinhões de dor e afeto.

O americano adiantou-se ao encontro do espanhol, abrindo caminho em meio à turba; em seguida, assegurou-lhe seu apoio e ofereceu-lhe qualquer ajuda que estivesse a seu alcance. O espanhol agradeceu-lhe o gesto prontamente, apesar do caráter cerimonioso e sombrio de suas palavras, cuja formalidade nacional ganhava tons crepusculinos, próprios à melancolia saturnina de uma saúde abalada.

Sem perder tempo com cumprimentos, Capitão Delano retornou ao portaló e fez com que içassem a bordo as cestas de peixes; e, como o vento continuasse fraco, de modo que fosse forçoso esperar algumas horas até que o navio pudesse ser levado ao ancoradouro, pediu a seus homens que retornassem ao caça-focas e trouxessem tanta água quanto o bote baleeiro pudesse carregar, juntamente com o pão que o taifeiro tivesse a oferecer, as abóboras que lhes restassem no caça-focas, uma caixa de açúcar e uma dúzia de garrafas de sua própria reserva de cidra.

Minutos depois de o bote partir, o vento cessou por completo; e, virando, a maré começou a puxar o navio impotente na direção do mar aberto. O abatimento foi geral; Capitão Delano, no entanto, confiando que a situação não perduraria, procurou encher de esperança os estranhos, não sem sentir grande satisfação com o fato de se mostrar capaz, graças a suas frequentes viagens pelos mares espanhóis, de travar conversação desenvolvida em sua língua nativa, mesmo com pessoas em tais condições.

No período em que esteve sozinho com eles, não demorou a observar coisas que tendiam a reforçar suas primeiras impressões; o espanto, no entanto, perdeu-se em piedade, a mesma por espanhóis e pretos, todos igualmente visivelmente degradados pela escassez de água e provisões; enquanto os padecimentos contínuos e prolongados pareciam ter suscitado as qualidades menos dóceis dos pretos, ao mesmo tempo, aparentavam ter enfraquecido a autoridade dos espanhóis sobre eles. Mas, dadas as circunstâncias, a situação era previsível. Em exércitos, marinhas, cidades e famílias, ou mesmo na natureza, nada afrouxa mais a boa ordem do que a miséria. Ainda assim, Capitão Delano não deixava de ser acometido pelo pensamento de que, fosse Benito Cereno um homem mais enérgico, o desgoverno dificilmente teria se tornado tamanho. Mas a debilidade do capitão espanhol, fosse ela constitutiva ou decorrente de adversidades, fosse ela do corpo ou da mente, era evidente demais para ser ignorada. Vítima do desalento instaurado, como quem há muito sofresse os logros da esperança e a ela não quisesse ceder, mesmo quando esta deixara de lográ-lo, a perspectiva de que naquele dia, ou, no mais tardar, à noite, lançaria âncora e teria água o bastante para sua gente e um capitão fraterno e amigo com quem se aconselhar, não parecia minimamente animá-lo. O esgotamento, se não algo ainda mais sério, parecia afetar-lhe os pensamentos. Encerado naquelas muralhas de carvalho, agrilhado à tediosa rotina do comando, cuja incondicionalidade o desgostava, arrastava-se pelo convés como um abade enfermo, ora

parando de súbito, assustado, ora mirando o vazio, mordendo os lábios, roendo as unhas, corando em febre, perdendo a cor ou cofiando a barba, entre outros sintomas de uma mente entregue ao desleixo e à exaustão. Esse espírito doente abrigava-se, como se sugeriu antes, numa estrutura igualmente doente. Era o que se podia chamar de um homem alto, porém sem dar mostras de ter sido algum dia robusto; naquele momento, com seu sofrimento nervoso, quase se reduzia a um esqueleto. Os indícios de certa enfermidade pulmonar pareciam ter conhecido recente confirmação. Sua voz era como a de alguém cujos pulmões lhe faltassem: cavernosa e suprimida, um suspiro rouco. Não surpreende que, ao cambalear em tal estado, seu criado particular o acompanhasse, apreensivo. Por vezes, o negro oferecia a seu senhor o braço ou tirava para ele o lenço do bolso; prestando este e outros préstimos similares com o zelo e a afeição que transformam atos em si mesmos servis em gestos dignos de filho ou irmão; e que conferiam aos negros a reputação de serem os mais gentis criados domésticos do mundo — de um tipo que os senhores não precisam tratar com superior dureza e que se pode ter em íntima confiança. Menos um criado do que um dedicado companheiro.

Atento à ruidosa indisciplina dos pretos em geral, assim como o que parecia o soturno descaso dos brancos, não era sem comovida satisfação que Capitão Delano testemunhava a prestimosa conduta de Babo.

No entanto, a prestimosa conduta de Babo parecia tão eficiente na dispersão da obscura apatia de

Dom Benito, em sua quase demência, quanto o péssimo comportamento dos demais. Não que fosse precisamente aquela a impressão que a postura do espanhol causara em seu visitante. O desassossego pessoal do espanhol era, então, percebido como a marca mais visível da aflição geral do navio. De qualquer maneira, Capitão Delano não pouco se incomodava com o que não conseguia deixar de entender, naquele momento, como a nada gentil indiferença que Dom Benito lhe reservava. Os modos do espanhol sugeriam, ademais, uma espécie de soturno e casmurro desprezo, que não parecia preocupado em esconder. Mas tal desprezo, o americano, piedoso, atribuiu aos desconfortáveis efeitos da doença, uma vez que, em outras ocasiões, notara a existência de naturezas singulares nas quais o sofrimento físico prolongado parece apagar todo e qualquer instinto social de gentileza; como se, forçadas ao consumo de pão preto, julgassem justo que qualquer um que se lhes aproximasse devesse, indiretamente, mediante descortesia ou afronta, ser obrigado a compartilhar da mesma refeição.

Logo, porém, Capitão Delano ponderou que, por mais tolerante que tivesse se mostrado de início em seu juízo do espanhol, talvez não houvesse sido, por fim, de todo caridoso. No fundo, era a reserva de Dom Benito que o desagradava; mas a mesma reserva demonstrava-se a todos, exceto a seu fiel servidor particular. Mesmo os relatórios formais que, segundo os usos do mar, lhe eram comunicados, a horas específicas, por algum subalterno, branco, preto ou mulato — o espanhol jamais

se apresentava suficientemente paciente para escutá-los sem trair desdenhosa aversão. Seus modos em tais ocasiões não eram diversos, guardadas as devidas proporções, daqueles que se poderiam esperar ter sido de seu compatriota imperial, Carlos V, pouco antes de sua anacoretica⁷ aposentadoria do trono.

Essa aversão entediada a seu posto se manifestava em quase toda função que lhe dissesse respeito. Tão orgulhoso quanto temperamental, não se rebaixava a qualquer instrução direta. Quaisquer fossem as ordens necessárias, delegava sua transmissão a seu criado pessoal, o qual, por sua vez, as conduzia a seu destino final através de mensageiros e vigilantes garotos, espanhóis ou escravos, que, como pajens ou peixes-piloto, rondavam Dom Benito e sempre se mostravam à distância de um chamado. Uma vez diante desse circunspecto inválido, apático e mudo, caminhando sem rumo de um lado para o outro, nenhum homem de terra firme teria imaginado que nele vivesse um ditador para além do qual, no mar, não se conhecia apelo neste mundo.

Desse modo, o espanhol, observado em sua circunspecção, parecia vítima involuntária de algum desarranjo mental. Contudo, essa reserva também poderia ser, em certa medida, deliberada. Se assim fosse, então

7 Referência à reclusão de Carlos V (1500-1558) em um mosteiro, depois de abdicar. Palavra derivada de *anacoreta*, "monge cristão ou eremita que vive em retiro, solitariamente, especialmente nos primeiros tempos do cristianismo" (Dicionário Houaiss). (N.E.)

o que se via era a mórbida postura fria, mas consciente, adotada por praticamente todos os comandantes de embarcações de grande porte — que, exceto em caso de emergências fora do comum, apagam igualmente as manifestações de poder e qualquer traço de sociabilidade; o que os transforma em blocos de pedra, ou ainda, em canhões carregados, que, até haver razão para dispararem, nada têm a dizer.

Sob tal prisma, não parecia mais que decorrência de um hábito perverso, consequência de um longo período de dura autorrestrição, que, apesar da presente condição do navio, o espanhol insistisse naquele comportamento, aparentemente inofensivo ou, quiçá, apropriado numa fragata bem equipada — como *San Dominick* provavelmente fora no início da viagem —, no momento era tudo, menos sensato. Mas, talvez, o espanhol pensasse que com os capitães se passava o mesmo que com os deuses: a despeito do que acontecesse, apenas reserva e prudência lhe podiam servir de guia. É absolutamente crível, porém, que sua aparência de domínio sonolento fosse apenas uma tentativa de disfarce para uma imbecilidade consciente de si — não uma postura profunda, mas uma estratégia vazia. Contudo, a despeito do que quer que fosse — de serem os modos de Dom Benito pensados ou não —, quanto mais Capitão Delano observava sua absoluta reserva, menos se sentia desconfortável em relação a qualquer manifestação de tal reserva em relação a si mesmo.

Mas não era o capitão espanhol seu único foco de interesse. Acostumado à tranquila e confortável or-

dem familiar da equipagem do caça-focas, a barulhenta confusão dos sofridos anfitriões do *San Dominick* desafiava-lhe ininterruptamente o olhar. Observavam-se algumas proeminentes violações, não só da disciplina, mas também da decência. Ambas, Capitão Delano não podia senão atribuir, em grande medida, à ausência de oficiais de convés, subordinados a quem se confia, juntamente com mais elevados deveres, o que se poderia chamar de departamento de polícia de um navio populoso. Verdade seja dita, havia momentos em que os velhos desfiadores de calafeto pareciam representar o papel da guarda observadora de seus concidadãos, os pretos; mas, embora fossem, vez por outra, bem-sucedidos na pacificação de pequenas contendas entre os homens, pouco ou nada eram capazes de fazer no tocante à paz geral. O *San Dominick* vivia a situação de um transatlântico de emigrantes, no qual, em meio à multidão de carga viva, existem indivíduos, sem dúvida, tão pouco agitados quanto fardos e engradados; porém, as amistosas reprimendas de tais indivíduos a seus mais rudes companheiros não são mais efetivas que o braço pouco amistoso do oficial. Falta ao *San Dominick* o que um navio de emigrantes tem: a severidade disciplinar dos oficiais superiores. Em seu convés, contudo, nem sequer um quarto imediato se via.

A curiosidade do visitante foi instigada a compreender em pormenor os infelizes incidentes responsáveis por tamanho absentismo, com suas consequências; pois, ainda que tivesse extraído alguma noção do que fora a viagem dos lamentos que, a um primeiro momento,

o saudaram, de seus detalhes nada sabia. O melhor de-
poimento seria dado, sem dúvida, pelo capitão. A prin-
cípio, contudo, o visitante não se sentiu à vontade para
perguntar-lhe, pois não desejava provocar qualquer fria-
recusa. Tomando coragem, por fim, dirigiu-se a Dom Be-
nito, renovando a expressão de seu benevolente interesse
e acrescentando que, fosse-lhe dado a conhecer (a Capi-
tão Delano) em pormenor as calamidades que afligiram o
navio, talvez pudesse ser mais capaz de mitigá-las. Dom
Benito lhe faria o favor de contar toda a história?

Dom Benito hesitou; então, como um sonâmbu-
lo que subitamente fosse tocado, fitou o visitante com
um olhar vazio e em seguida baixou os olhos ao con-
vês. Manteve essa postura por tanto tempo que Capitão
Delano, quase igualmente constrangido e involuntaria-
mente com quase idêntica rudeza, deu-lhe sem mais as
costas e caminhou à frente para ter com um dos mari-
nheiros espanhóis e, assim, obter a informação desejada.
Mal dera cinco passos, Dom Benito, com uma espécie
de ansiosa impaciência, chamou-o de volta, lamentando
a momentânea ausência de si e declarando-se pronto a
recompensá-lo.

Enquanto boa parte da história era contada, os
dois capitães permaneceram em um ponto privilegiado
na parte de trás do convés principal, sem que ninguém
estivesse por perto além do criado.

“Faz cento e noventa dias”, começou o espanhol,
em seu rouco sussurro, “que este navio, contando com
boa marinhagem e oficialidade e muitos passageiros

— aproximadamente cinquenta espanhóis, ao todo —, partiu de Buenos Aires com destino a Lima, levando consigo uma carga variada, ferramentas, chá paraguaio e coisas do gênero — e”, apontando à frente, “aquele lote de negros, agora não mais que cento e cinquenta, como o senhor vê, mas então somando mais de trezentas almas. Nas imediações do cabo Horn enfrentamos pesados vendavais. A certa altura, à noite, três dos meus melhores oficiais e quinze marinheiros se perderam com a verga principal — o mastro rompeu sob eles nas troças, enquanto arriavam, com espeques, a vela congelada. Para fazer o navio mais leve, os fardos mais pesados de *mate* foram lançados ao mar, com a maioria das pipas d’água no momento amarradas ao convés. E foi essa última necessidade, combinada com as prolongadas calmarias posteriormente experimentadas, que por fim nos levou às principais causas do sofrimento. Quando —”

Houve, então, um súbito e sufocante acesso de tosse, sem dúvida suscitado pela exaustão mental. Foi amparado pelo criado, que lhe sacou do bolso um medicamento e o levou aos lábios. Deu-se uma pequena melhora; porém, sem querer deixá-lo desassistido enquanto ainda imperfeitamente recuperado, o preto segurou seu senhor, cingindo-o com um braço enquanto mantinha os olhos fixos em seu rosto, como quem pretendesse observar o primeiro sinal de sua completa recuperação — ou recaída, como veio a acontecer.

O espanhol deu sequência ao relato, mas de forma truncada e obscura, como quem sonhasse.

—“Oh, meu Deus! Antes de ter passado pelo que passei, teria com alegria saudado os piores vendavais, mas —”

Sua tosse voltou e com violência ainda maior; e quando esta cedeu, com os lábios vermelhos e olhos fechados ele apoiou-se pesadamente contra seu amparo.

“A mente dele delira. Ele estava pensando na praga que veio depois dos vendavais”, suspirou melancolicamente o criado; “meu pobre senhor!”, disse, enquanto fechava o punho de uma das mãos e com a outra limpava a boca. “Mas seja paciente, *señor*”, voltando-se outra vez a Capitão Delano, “esses ataques não duram muito; meu senhor logo vai voltar a si.”

Restabelecido, Dom Benito prosseguiu; porém, como nesse trecho apresentou uma narrativa truncada, tão somente sua substância será aqui exposta.

Aparentemente, depois de o navio ter estado muitos dias à deriva, castigado por tempestades na região do Cabo, eclodiu o escorbuto, ceifando a vida de grande número de brancos e pretos. Quando, por fim, conseguiram dobrá-lo, rumando ao Pacífico, tão danificadas estavam suas vergas e velas, e tão inadequadamente estas tinham sido manejadas pelos marinheiros sobreviventes — a maioria dos quais tornada inválida —, que, incapaz de prosseguir viagem ao norte sob a força do vento, então forte, o navio desgovernado foi, por sucessivos dias e noites, levado a noroeste, onde, em águas desconhecidas, mais uma vez lhe faltou a brisa, que cedeu a uma calmaria abafada. A ausência das pipas d’água provou-se

tão fatal à vida quanto sua presença a havia ameaçado. Causada, ou no mínimo agravada, pela mais que escassa ração d'água, sucedeu ao escorbuto uma febre malsã; com o excessivo calor da prolongada calmaria, esta deu cabo da tripulação e, como fosse um vagalhão, varreu famílias inteiras de africanos e, proporcionalmente, um número ainda maior de espanhóis, incluindo, por triste fatalidade, cada oficial remanescente a bordo. Dessa forma, sob os velozes ventos de oeste que finalmente vieram após a calmaria, as velas já destruídas, tão somente largadas, ante a impossibilidade de colhê-las, como necessário, reduziram-se gradualmente aos farrapos de um mendigo, condição em que, então, se encontravam. Para buscar substitutos aos marinheiros perdidos, bem como suprimento de água e velas, o capitão, na primeira oportunidade, dirigiu-se a Valdívia, o porto civilizado mais ao sul do Chile e da América do Sul; ao se aproximar da costa, contudo, a névoa não lhes permitiu avistar o porto. Desde então, quase sem homens, velas e água e, de tempos em tempos lançando seus novos mortos ao mar, o *San Dominick* reduzira-se a joguete de ventos contrários, a brinquedo das correntes marítimas, e acumulara algas nas calmarias. Como um homem perdido na floresta, em mais de uma ocasião tomara duas vezes o mesmo caminho.

“Mas, depois de passadas todas essas calamidades”, prosseguiu Dom Benito, rouco, virando-se a duras penas dentro do meio-abraço do criado, “tenho de agradecer a esses negros que o senhor vê e que, embora a seus olhos

inexperientes pareçam intratáveis, têm se portado com menos inquietude do que mesmo seus proprietários teriam julgado crível sob tais circunstâncias.”

Aqui, mais uma vez ele desfaleceu. Mais uma vez, ele delirou — mas recompôs-se e, menos obscuramente, prosseguiu.

“Sim, o proprietário estava absolutamente certo em me garantir que seus pretos não careciam de correntes; de modo que não só esses negros sempre estiveram no convés, um costume neste tipo de transporte — e não abandonados ao porão, como no caso dos navios negreiros da Guiné —, como também lhes foi permitido, desde o início, transitar a seu bel-prazer, respeitados certos limites.”

Novamente a fraqueza o acometeu — outra vez, devaneou — mas, recuperando-se, deu sequência ao relato:

“Mas este é Babo, a quem, por Deus, devo mais que minha própria sobrevivência — também a ele se deve o mérito de pacificar seus irmãos mais obtusos, quando vez por outra ficaram tentados a se queixar.”

“Ah, senhor”, suspirou o preto, balançando a cabeça, “não fale de mim; Babo não é nada; Babo só fez o que devia.”

“Que homem fiel!”, exclamou Capitão Delano. “Dom Benito, invejo-o por tal amigo; escravo não posso chamá-lo.”

Enquanto o homem e seu senhor assim permaneceram diante dele, com o preto a amparar o branco,

Capitão Delano não pôde senão pensar na beleza desse relacionamento, capaz de apresentar tamanho espetáculo de fidelidade, por um lado, e de confiança, por outro. A cena ganhava ainda mais força pelo contraste das vestes, que marcavam suas respectivas posições. O espanhol vestia uma jaqueta chilena de veludo escuro, aberta; meias e calção brancos, com fivelas de prata na altura dos joelhos e no peito do pé; um *sombrero* de coroa alta, feito de bom capim; uma espada delgada, de copo prateado, pendurada a um nó da faixa que lhe cingia o tronco — esta, acessório quase invariável de um cavalheiro sul-americano, mais por utilidade que por ornamento, até os dias de hoje. Exceto pelos momentos em que suas contorções nervosas denunciavam o desalinho, havia certo rigor em sua aparência, esta em curiosa desarmonia com a desagradável desordem ao redor; especialmente no pequeno *ghetto*, à frente do mastro principal, inteiramente ocupado pelos pretos.

As vestes do criado reduziam-se a suas calças largas, feitas, a julgar pelos remendos e rusticidade, de alguma vela abandonada; estavam limpas, e presas à cintura por um pedaço de corda desfiada, que, com seu ar singelo e calmo, fazia-o parecer algo como um esmoleiro franciscano.

Por mais inadequados que parecessem ao lugar e ao momento, pelo menos à luz dos descomplicados e retos pensamentos do americano, e estranhamente resistentes a tantas e tamanhas calamidades, os trajes de Dom Benito não representavam mais, no tocante à

moda, do que o estilo dos sul-americanos de sua classe e época. Embora na presente viagem tivesse partido de Buenos Aires, declarara-se nativo e residente do Chile, cujos habitantes não tinham tão amplamente aderido ao mero abrigo e pantalonas, peças outrora plebeias; mas, com apropriada modificação, aderido a seus trajes provincianos, pitorescos como nenhum outro no mundo. De qualquer maneira, quando vista sob a perspectiva da obscura história da viagem e de seu próprio e obscuro semblante, parecia haver algo tão incongruente na vestidura do espanhol que o que se parecia ver era, sim, a imagem de um cortesão inválido arrastando-se pelas ruas de Londres nos anos da peste.

A parte da narrativa que, talvez, mais despertasse o interesse, bem como alguma surpresa, considerando as latitudes em questão, dizia respeito às longas calmarias mencionadas e, mais particularmente, ao longo período que o navio esteve à deriva. Sem comunicar sua opinião, é claro, o americano não podia senão imputar, ao menos parcialmente, as interrupções da navegação tanto aos procedimentos mal realizados quanto à marinhagem despreparada. Observando as pequenas e amareladas mãos de Dom Benito, Capitão Delano facilmente inferia que o jovem capitão não havia exercido o comando postado ao escovém, mas à janela da cabine; e caso assim tenha sido, por que surpreender-se com a incompetência, diante de tal combinação de juventude, enfermidade e fidalguia?

Todavia, afogando seus juízos em compaixão, não sem antes renovar-lhe o apoio, Capitão Delano, tendo

ouvido a história, não só se comprometeu, em primeiro lugar, a ver Dom Benito e sua gente abastecidos de suas necessidades físicas imediatas, mas foi além e prometeu ajudá-lo a conseguir um grande e permanente suprimento de água, bem como velas e cabos; e, apesar do não pouco incômodo que acarretaria para si, destacaria três de seus melhores homens para que fizessem ali as vezes de oficiais de convés; de modo que, sem atraso, o navio pudesse partir rumo a Concepción e, dali, reequipar-se de todo para seguir a Lima, seu destino final.

Tamanha generosidade não foi recebida com indiferença, mesmo pelo inválido. Seu rosto acendeu-se; ansiosos e agitados, seus olhos encontraram a mirada honesta do visitante. Parecia transbordar de gratidão.

“Essa agitação não faz bem para o meu senhor”, sussurrou o criado, tomando-lhe o braço e com palavras reconfortantes recolhendo-o gentilmente ao lado.

Quando Dom Benito retornou, doeu ao americano notar que sua esperança, à maneira do súbito corar de seu rosto, não era senão febril e transitória.

Logo, com tristeza no semblante, olhando na direção da popa, o anfitrião convidou o visitante a acompanhá-lo para ali, com a esperança de que alguma brisa, por menor que fosse, pudesse fazer-lhe bem.

Durante a narrativa da história, Capitão Delano uma ou duas vezes assustou-se com o ocasional retinir das machadinhas levado a cabo pelos que as poliam, tentando compreender como se podia permitir tal interrupção, especialmente naquela parte do navio,

e aos ouvidos de um inválido; ademais, uma vez que as machadinhas tinham tudo, menos boa aparência, e os que as manuseavam, ainda menos, não foi, para dizer a verdade, sem uma discreta relutância ou receio, que Capitão Delano, com fingida satisfação, aceitou o convite de seu anfitrião. E tanto mais quando Dom Benito, com um inconveniente capricho de etiqueta, tornado ainda mais incômodo por seu aspecto cadavérico, solenemente insistiu, em meio a salamaleques castelhanos, que seu convidado o precedesse na escada que conduzia à cobertura do tombadilho; onde permaneciam, cada qual de um lado do último degrau, como sentinela e vigia, dois membros daquele horrível grupo. Capitão Delano passou entre ambos com enorme cautela, e no instante de deixá-los para trás, como quem atravessasse pelos bastões do corredor da morte, sentiu uma fisgada de apreensão nas panturrilhas.

No entanto, quando olhou ao redor e viu a fileira em sua inteireza, igual a de tantos músicos de rua com seus realejos, dedicados a seu trabalho boçal sem qualquer atenção ao que lhes cercasse, conseguiu apenas sorrir do pavor que o acometera.

Em seguida, de pé ao lado de seu anfitrião e olhando à frente, ao convés abaixo, surpreendeu-o um daqueles momentos de insubordinação aos quais já se aludiu. Três meninos negros e dois espanhóis estavam juntos, sentados próximos às escotilhas enquanto raspavam uma rústica travessa de madeira, na qual recentemente se preparara um parco rancho. Subitamente, um dos negrinhos,

enfurecido diante de algo dito por um de seus companheiros brancos, sacou de uma faca e, embora instado a controlar-se por um dos desfiadores de calafeto, acertou o garoto na cabeça, abrindo-lhe um corte do qual o sangue escorria.

Perplexo, Capitão Delano perguntou o que significava aquilo. Ao que o pálido Dom Benito murmurou, com desinteresse, que tudo não passava de brincadeira de criança.

“Brincadeira muito séria, disse não resta dúvida”, respondeu Capitão Delano. “Tivesse coisa do gênero ocorrido a bordo do *Bachelor's Delight*, teria havido imediatamente uma punição.”

Proferidas essas palavras, o espanhol dirigiu ao americano um de seus repentinos e delirantes olhares fixos; e então, recobrando a apatia, respondeu, “Sem dúvida, sem dúvida, *señor*.”

Seria esse homem infeliz, pensou Capitão Delano, um daqueles capitães de fachada que conheci, que por cautela fecham os olhos àquilo que, pela força, não são capazes de subjugar? Não conheço imagem mais triste que a de um comandante que do comando traz tão somente o nome.

“Penso, Dom Benito”, disse ele, então, voltando-se na direção do desfiador de calafeto que tentara agir em relação aos meninos, “que lhe seriam grandes os benefícios se mantivesses os pretos todos ocupados, em especial os mais jovens, a despeito da tarefa, por mais inútil que seja, e a despeito do que aconteça ao navio.

Ora, mesmo com meu pequeno grupo, julgo tal postura indispensável. Certa vez, mantive uma equipagem inteira no meu tombadilho tecendo esteiras para a minha cabine, quando, por três dias, desisti de salvar o navio — esteiras, homens, tudo — de uma rápida destruição, devido à violência de um vendaval durante o qual não podíamos fazer mais do que, impotentes, atravessá-lo à deriva.”

“Sem dúvida, sem dúvida”, murmurou Dom Benito.

“No entanto”, prosseguiu Capitão Delano, novamente atento aos desfiadores de calafeto e, então, aos polidores das machadinhas, mais próximos, “noto que o senhor mantém ao menos alguns de seus hóspedes ocupados.”

“Sim”, foi mais uma vez a vaga resposta.

“Aqueles velhos ali, bradando seus incompreensíveis gritos do púlpito”, continuou Capitão Delano, apontando na direção dos desfiadores de calafeto, “parecem fazer o papel de velhos clérigos aos demais, dada a atenção com que às vezes se escutam seus sermões. É voluntário da parte deles, Dom Benito, ou os designou como pastores para seu rebanho de ovelhas negras?”

“Os postos que ocupam, fui eu quem lhes designou”, retrucou rispidamente o espanhol, como se demonstrasse irritação ante algum reflexo irônico.

“E esses feiticeiros axânti”, prosseguiu Capitão Delano, observando com incômodo o aço que os polidores brandiam e que, em determinados momentos, brilhava, “parece-me curiosa a ocupação desses homens, não acha, Dom Benito?”

“Nos vendavais que enfrentamos”, respondeu o espanhol, “a parcela de nossa carga geral que não foi lançada ao mar ficou muito danificada pela umidade. Desde que o tempo se acalmou, tenho trazido ao convés diariamente muitas caixas de facas e machadinhas para que passem por manutenção e sejam limpas.”

“Uma ideia sensata, Dom Benito. Presumo que seja um dos proprietários do navio e da carga; e quanto aos escravos?”

“Sou proprietário de tudo o que vê”, devolveu, impaciente, Dom Benito, “exceto da companhia maior dos pretos, que pertencia a meu finado amigo Alexandro Aranda.”

Ao mencionar seu nome, acusou profunda tristeza; seus joelhos fraquejaram, e o criado o segurou.

Pensando ter adivinhado a causa de tão inusitada comoção e desejando confirmar a hipótese, Capitão Delano, depois de uma pausa, disse: “E posso eu perguntar, Dom Benito, se — já que há pouco mencionou a presença de passageiros nos camarotes — o amigo cuja perda tanto o aflige viajava com seu próprio carregamento?”

“Viajava.”

“Morreu de febre?”

“Morreu de febre. — Ah, se eu pudesse —”

Outra vez tremendo, o espanhol interrompeu-se.

“Perdoa-me, Dom Benito”, disse Capitão Delano, baixo, “mas creio que, por experiência similar, conheço a lâmina que faz mais pungente a tua dor. Tive a triste desventura de perder ao mar um querido amigo, meu

próprio irmão, então comissário encarregado da venda da carga. Soubesse eu do bem-estar de seu espírito, teria lhe suportado a perda como homem; mas aquele olhar honesto, aquela mão honesta — que meus olhos e mãos tantas vezes tinham encontrado —, aquele coração honesto — tudo, como restos aos cães, lançado aos tubarões! Foi quando, então, jurei que nunca mais teria por companheiro de viagem um homem que amasse, a não ser que, sem que soubesse, eu tivesse providenciado em cada pormenor, no caso de uma fatalidade, a embalsamação de sua parte mortal para enterrá-la na costa. Estivessem os restos do teu amigo agora a bordo deste navio, Dom Benito, a menção a seu nome não o afetaria tão fortemente.”

“A bordo deste navio?”, repetiu o espanhol. Então, com gestos horrorizados, como fossem dirigidos contra algum espectro, Dom Benito caiu inconsciente nos expeditos braços de seu criado, que, num silencioso apelo ao americano, parecia pedir-lhe que não trouxesse à tona novamente tema tão indescritivelmente incômodo a seu senhor.

Ora, este coitado, pensou Capitão Delano, pensoso, é vítima daquela triste superstição que associa goblins⁸ ao corpo abandonado de um homem, assim como fantasmas a uma casa abandonada. Como difere o barro de que somos feitos! O que, para mim, em caso

⁸ Criaturas verdes, semelhantes a duendes, associadas à maldade, originária no folclore europeu. (N.E.)

semelhante, teria significado solene satisfação, causa incomensurável terror ao espanhol ante uma simples sugestão. Pobre Alexandro Aranda! O que você diria, caso se deparasse aqui com seu amigo — que, noutras viagens, quando, por meses, foi deixado para trás, desejou, e muito, eu diria, um único olhar seu — agora levado às raias do horror ao mínimo pensamento de tê-lo de algum modo próximo de si.

Nesse momento, com os lúgubres dobres de um campo-santo, dos quais se deduzia uma rachadura, o sino do castelo de proa, tocado por um dos encanecidos desfiadores de calafeto, proclamou as dez horas na plúmbea calmaria. Foi quando chamaram a atenção de Capitão Delano os movimentos da enorme figura de um negro, que emergia da multidão geral e avançava lentamente na direção do tombadilho. Um grilhão de ferro lhe envolvia o pescoço, do qual pendia uma corrente três vezes enrolada em seu corpo e cujos elos finais encadeavam-se numa longa faixa de ferro que lhe cingia a cintura.

“Caminha como um mudo, esse Atufal”, murmurou o criado.

O preto subiu as escadas da popa e, como um bravo prisioneiro prestes a receber a sentença, permaneceu em indefectível silêncio diante de Dom Benito, agora recuperado de seu acesso.

Ao primeiro sinal de sua aproximação, Dom Benito assustou-se, e uma dolorosa sombra atravessou-lhe o rosto. Como estivesse diante da inesperada lembrança de uma ira vã, seus lábios pálidos colaram-se.

Há de ser um desses amotinados impassíveis como um mulo, pensou Capitão Delano, que, numa mistura de análise e admiração, observava as formas colossais do negro.

“Veja, ele espera a pergunta, senhor”, disse o criado. Uma vez lembrado, Dom Benito, evitando-lhe nervosamente o olhar como se temesse, por antecipação, alguma resposta revoltosa, assim disse, desconcertado:

“Atufal, você pedirá agora meu perdão?”

O preto permaneceu em silêncio.

“Mais uma vez, senhor”, murmurou o servo, fitando seu igual com dura reprovação, “Mais uma vez, senhor; ele ainda vai se dobrar ao senhor.”

“Responda”, disse Dom Benito, ainda lhe desviando a frente, “diga apenas a palavra *perdão*, e você será libertado das correntes.”

Assim dito, o preto, erguendo lentamente os braços, deixou-os cair sem vida, ao mesmo tempo que disse, de cabeça baixa, e os elos retinindo, “Não, estou satisfeito”.

“Então vá”, respondeu Dom Benito, com estranha e incontida emoção.

Tão deliberadamente quanto chegara, o preto obedeceu-lhe.

“Com licença, Dom Benito”, disse Capitão Delano, “mas espantou-me a cena; o que tudo isso significa?”

“Significa que, de todo o bando, somente aquele negro ofendeu-me, de forma muito particular. Ordenei que fosse acorrentado; eu...”

E então interrompeu-se; levou a mão à cabeça,

como se estivesse tonto ou o assaltasse alguma súbita e surpreendente lembrança; encontrando, porém, o gentil olhar do criado, pareceu voltar a si e prosseguiu:

“Eu não podia açoitá-lo tamanho homem. Apenas lhe disse que precisava pedir-me perdão, como ainda não fez. Em meu comando, a cada duas horas ele vem a mim.”

“E há quanto tempo tem sido assim?”

“Sessenta dias.”

“E ele lhe obedece em tudo o mais? É respeitoso?”

“Sim.”

“Com o perdão do comentário”, exclamou Capitão Delano, impulsivamente, “mas esse sujeito tem o espírito da realeza dentro de si.”

“Talvez tenha algum direito a ela”, devolveu com dureza Dom Benito. “Diz ele que era rei em sua terra.”

“Era”, disse o criado, tomando a palavra, “as fendas nas orelhas de Atufal já tiveram cunhas de ouro; mas o pobre Babo aqui, em sua própria terra, era só um pobre escravo. Escravo de um preto, era isso que Babo era, e agora escravo de um branco.”

Em alguma medida irritado com tantas intimidades, Capitão Delano voltou-se com curiosidade ao criado e, em seguida, ao senhor, como se lhe perguntasse a razão de tal liberdade; mas, como se há muito habituados àquelas pequenas informalidades, nem senhor, nem homem pareceram entendê-lo.

“Qual foi a ofensa de Atufal, Dom Benito?”, perguntou Capitão Delano; “caso não tenha sido algo muito

sério, aceita o conselho de um bobo e, diante de sua docilidade, bem como num respeito de certo modo natural a seu espírito, perdoa-lhe a ofensa.”

“Não, não, o senhor jamais vai fazer isso”, aqui murmurou o criado para si mesmo, “o orgulhoso Atufal precisa primeiro pedir o perdão do senhor. O escravo ali carrega o cadeado, mas o senhor aqui carrega a chave.”

Com sua atenção assim dirigida, Capitão Delano notou pela primeira vez que, presa a um fino cordão de seda que pendia do pescoço de Dom Benito, havia uma chave. Num impulso, adivinhando o propósito da chave a partir das sílabas sussurradas pelo criado, o americano sorriu e disse: “Então, Dom Benito, cadeado e chave, símbolos significativos, de fato”.

Mordendo os lábios, Dom Benito fraquejou.

Embora o comentário de Capitão Delano — um homem cuja simplicidade nativa era tal que o tornava incapaz de sátira ou ironia — tivesse sido proferido em jocosa alusão à singular demonstração de domínio do espanhol sobre o negro; fato é que o enfermiço parecia tê-lo compreendido como uma venenosa reflexão acerca de sua confessa inabilidade, até o momento, de submeter, ao menos por intimação verbal, a vontade entrincheirada do escravo. Lamentando o suposto equívoco e apressando-se em corrigi-lo, Capitão Delano mudou de assunto; ao ver, porém, seu conviva mais do que nunca distante, como quem ainda digerisse a borra da presumida afronta acima mencionada, o americano pouco a

pouco fez-se, por seu turno, menos falante, oprimido, contra sua própria vontade, pelo que parecia ser, em sua suscetível morbidez, o secreto caráter vingativo do espanhol. Mas o bom marinheiro, de temperamento tão absolutamente diverso, absteve-se tanto do aspecto quanto do amargor do ressentimento, e se estava em silêncio, este derivava unicamente do contágio.

Em seguida, com o auxílio do criado, o espanhol atravessou à frente de seu visitante com certa descortesia; procedimento que, sem dúvida, poderia ter se passado por vão capricho do mau humor, não tivessem senhor e escravo, demorando-se ao canto da claraboia elevada, começado a cochichar um ao outro. Isso foi desagradável. E mais: o ar temperamental do espanhol, que vez por outra não se manifestava sem uma enfermidade majestade, agora perdia toda sua dignidade; enquanto a intimidade servil do criado perdia os primeiros encantos de um coração simples e fiel.

Em seu constrangimento, o visitante voltou-se para o outro lado do navio. Ao fazê-lo, seu olhar recaiu por acidente sobre um jovem marinheiro espanhol, que, com um pedaço de corda na mão, acabava de saltar ao primeiro enfrechate⁹ do cordame de mezena. Talvez o homem não tivesse despertado a atenção, não fosse o fato de ter, enquanto subia a uma das vergas, mantido

9 Degrau de uma enxárcia “conjunto de cabos e degraus roliços feitos de cabo (no sentido de ‘corda’), madeira ou ferro, que sustentam mastros de embarcações a vela e permitem acesso às vergas. (Houaiss) (N.E.)

os olhos fitos em Capitão Delano, como quem portasse uma intenção secreta, e então tê-los transferido, como em respeito a uma sequência lógica, aos dois sussurrantes.

Com sua própria atenção desse modo dirigida aos dois homens, Capitão Delano sentiu um leve sobressalto. A partir de algo que só então despontava nos modos de Dom Benito, era como se o visitante fosse, ao menos parcialmente, o assunto da consulta restrita em andamento — uma conjectura tão pouco agradável ao convidado quanto pouco elogiosa ao anfitrião.

As inusuais alternâncias de cortesia e má educação no capitão espanhol desafiavam o entendimento, exceto pela assunção de uma das suposições — tratava-se ou de inocente loucura, ou de mal-intencionada impostura.

Mas a primeira suposição, não obstante pudesse ter naturalmente ocorrido a um observador distanciado, e, em certa medida, não tivesse sido até aquele momento de todo estranha aos pensamentos de Capitão Delano — agora que este começava a examinar a conduta do estranho à luz de uma deliberada afronta, a ideia da loucura obviamente se esvaziava. Mas se não era louco, o que seria? Diante de tudo, não poderia qualquer cavalheiro — ou melhor, qualquer honesto roceiro representar o papel interpretado por seu anfitrião? O homem era um falsário — um flibusteiro¹⁰ de torpe origem, fingindo-se Grande dos mares; no entanto, era tão ignorante do

10 Pirata do mar do Caribe nos séculos XVII e XVIII. (N.E.)

indispensável ao mais simples cavalheirismo que o traía em sua absoluta e presente falta de decoro. A estranha cerimônia, noutras oportunidades tão manifesta, também lhe parecia própria a alguém que encarnasse um papel acima de seu verdadeiro nível. Benito Cereno — Dom Benito Cereno — era um nome sonoro. Nome, naqueles idos, não desconhecido de comissários de carga e capitães a negócio pelos mares de Espanha, uma vez que pertencesse, na qualidade de sobrenome, a uma das famílias mais empreendedoras e amplamente mercantis de todas as províncias; com muitos de seus membros portadores de títulos de nobreza; uma espécie de família Rothschild de Castela, com um irmão ou primo nobre em cada grande porto comercial da América do Sul. O dito Dom Benito estava na flor da idade, contando vinte e nove ou trinta anos. Fazer as vezes de uma espécie de cadete vira-mundo nos negócios marítimos de tal casa — o que seria mais apropriado a um jovem patife de talento e espírito? O espanhol, no entanto, era um inválido macilento. Mas isso diz pouco: foi justamente pela capacidade de simulação de doenças fatais que a astúcia de alguns golpistas se fez conhecer. E pensar que, sob o aspecto de uma fraqueza infantil, se podem guardar as mais selvagens energias. Nisto, os veludos do espanhol não diferiam da pata sedosa, que traz garras afiadas dentro de si.

Tais fantasias não decorriam de uma sequência meramente lógica de pensamentos — não vinham de dentro, mas de fora; e também inesperadamente, de um

só e violento golpe, como a rajada fria de uma geada; para subitamente desaparecer com o calor solar da boa natureza de Capitão Delano, quando esta mais uma vez ia a pino.

Passando seu anfitrião outra vez em rápida revista — seu perfil fazia-se, então, visível sobre a claraboia —, impressionava-o a silhueta, cuja precisão de contornos a macilência, relativa à saúde que lhe faltava, refinava, e a barba, que lhe cobria o queixo, enobrecia. Não restavam suspeitas. Tratava-se de descendente legítimo de um verdadeiro e fidalgo Cereno.

Aliviado por estes e outros melhores pensamentos, o visitante, murmurando discretamente uma canção, agora caminhava pela popa sem maior interesse, de modo a não denunciar aos olhos de Dom Benito suas suspeitas de descortesia e, ainda mais, de dissimulação; pois tal descortesia se provaria ilusória e pontual; embora, no momento, a circunstância que a provocara permanecesse desconhecida. Mas quando aquele pequeno mistério se desvelasse, Capitão Delano tinha para si que lamentaria muitíssimo, caso permitisse dar ao conhecimento de Dom Benito as elocubrações tão pouco generosas em que incorrera. Em suma, era preferível, por algum tempo, dar ao espanhol e suas vetustas tradições o benefício da dúvida.

Logo, o espanhol, ainda sob o amparo do criado e com o rosto descorado perdido em melancolia e espasmos, caminhou na direção do visitante; e com constrangimento ainda maior do que o esperado e uma

estranha malícia na entonação de seu rouco sussurro, deu início ao seguinte diálogo:

“*Señor*, posso perguntar há quanto tempo o senhor ancorou nesta ilha?”

“Ah, há apenas um ou dois dias, Dom Benito.”

“E de que porto o senhor veio?”

“De Cantão.”

“E lá, *señor*, creio que disse que trocou suas peles de foca por chás e sedas?”

“Sim. Por sedas, principalmente.”

“E o lucro veio em espécie, suponho.”

Capitão Delano, um tanto inquieto, respondeu:

“Sim; um pouco de prata, não muita.”

“Ah, pois muito bem. Posso perguntar de quantos homens dispõe, *señor*?”

Capitão Delano sofreu um leve abalo, mas respondeu:

“Cerca de vinte e cinco, ao todo.”

“E no momento, *señor*, suponho que todos estejam a bordo.”

“Todos estão a bordo, Dom Benito”, respondeu o Capitão, agora satisfeito.

“E assim estarão à noite, *señor*?”

Diante da última pergunta, fechando sequência tão pertinaz, Capitão Delano pôde apenas fitar com sincera dureza o inquiridor, que, em vez de corresponder-lhe o olhar, com toda a evidência de uma covarde inquietação baixou os olhos ao convés; num indigno contraste com seu criado, que, naquele instante, ajoelhava-se a seus pés,

arrumando uma fivela solta do sapato; enquanto seu rosto desimpedido, com humilde curiosidade, erguia-se abertamente na direção do rosto de seu senhor.

O espanhol, ainda num misto de artil e culpa, repetiu a pergunta:

“E, e estarão à noite, *señor?*”

“Tanto quanto sei, estarão”, respondeu Capitão Delano — “mas não”, forçando-se a uma destemida verdade, “alguns deles mencionaram algo sobre sair noutro grupo de pesca mais ou menos à meia-noite.”

“Suas embarcações geralmente viajam mais ou menos armadas, creio eu, *señor?*”

“Bem, um ou dois canhões de seis libras, para eventuais emergências”, foi a resposta, intrépida e objetiva, “com um pequeno estoque de mosquetes, arpões de foca e cutelos.”

Quando assim respondeu, Capitão Delano novamente fitou Dom Benito, mas os olhos deste não lhe desenvolveram o gesto e desviaram-se. Em seguida, estranha e abruptamente, o espanhol mudou de assunto, fazendo alguma alusão aborrecida à calmaria e, então, sem qualquer deferência, mais uma vez afastou-se com seu criado para a amurada oposta, onde ambos retomaram os sussurros.

Nesse momento, antes que Capitão Delano pudesse dedicar um pensamento equilibrado ao que acabara de suceder, o jovem marinheiro espanhol mencionado anteriormente foi visto descendo o cordame. Enquanto curvava-se no ato de saltar ao convés, sua blusa ou camisa de algodão cru, solta, larga e bastante manchada de

alcatrão, abriu-se à altura do peito, revelando por baixo vestes surradas e sujas do que parecia ser a mais fina cambraia, confinando, à altura do pescoço, com um laço de fina fita azul, tristemente desbotada e puída. Nesse momento, os olhos do jovem marinheiro mais uma vez se dirigiram à dupla, e neles Capitão Delano pensou ter identificado um sentido furtivo, como se naquele instante tivessem sido trocados silenciosos sinais maçônicos.

Outra vez seu olhar era compelido na direção de Dom Benito e, como antes, foi-lhe impossível não inferir que ele próprio constituía o assunto da conferência. Capitão Delano hesitou. Chegou-lhe aos ouvidos o som dos polidores de machadinha. O americano, então, lançou mais um olhar de esguelha, ligeiro, à dupla. Tinham o ar dos conspiradores. Com tudo relacionado — os últimos questionamentos que fizeram, o incidente com o jovem marinheiro, e, agora, isso —, mais uma vez o acometia uma involuntária suspeita, que sua singular inocência não era capaz de suportar. Armandando-se de um semblante alegre e bem-humorado, Capitão Delano atravessou, célere, na direção dos dois, dizendo: “Ora, Dom Benito, seu preto parece gozar de enorme confiança, na verdade, é praticamente seu conselheiro pessoal”.

Em face do comentário, o criado dirigiu-lhe um esgar bem-humorado; seu senhor, contudo, mais parecia sobressaltado com uma picada venenosa. Levou um instante ou dois até que o espanhol se recuperasse o suficiente para responder, fazendo-o, por fim, com frio constrangimento: “Sim, *señor*, confio em Babo”.

Aqui Babo, mudando seu arreganhado esgar anterior, de instintivo humor, num inteligente sorriso, mirou seu senhor com gratidão.

Observando que o espanhol mostrava-se então silencioso e reservado, como quem involuntária, ou mesmo propositadamente, desse indicações de que a proximidade de seu visitante mostrava-se inconveniente, Capitão Delano, sem intenção de parecer deseducado mesmo à própria falta de modos, produziu algum comentário trivial e afastou-se, enquanto em pensamento remoía incessantemente os misteriosos modos de Dom Benito Cereno.

O americano descera do tombadilho e, ocupado de suas ideias, caminhava próximo a uma escotilha escura, passagem à antecâmara, na cobertura inferior, quando, ao notar ali movimentação, virou-se para entender o que se passava. No mesmo instante, acendeu-se uma faísca na escotilha penumbrosa, e Capitão Delano entreviu um dos marinheiros espanhóis, que ali rondava agitadamente, levando a mão ao peito da camisa como quem escondesse algo. Antes mesmo que o homem pudesse estar certo de quem passava, ele esquivou-se para longe da vista. Viu-se dele, porém, o bastante para que se tivesse a certeza de que se tratava do mesmo jovem marinheiro antes dado a conhecer no cordame.

De onde veio aquela faísca?, pensou Capitão Delano. Não era candeia ou fósforo, tampouco carvão aceso. Teria sido uma joia? Mas um marinheiro com joias, como? E quanto às roupas de baixo, adornadas de seda? Será que andara roubando dos baús dos passageiros

mortos? Mas sendo este o caso, não lhe seria possível vestir um dos artigos roubados a bordo da embarcação. Ah, ah, e se, então, o que vi naquele momento tivesse sido um sinal secreto, transmitido entre o suspeito e seu capitão; se pudesse apenas estar certo de que, em meu desconforto, meus sentidos não me traíram, eu então...

Aqui, saltando de uma suspeita a outra, seus pensamentos revolveram o estranho questionário que lhe havia sido colocado em relação a seu próprio navio.

Por uma curiosa coincidência, a cada ponto retomado, os pretos feiticeiros do Império Axânti faziam retinir suas machadinhas, como proferissem um ameaçador comentário às reflexões do branco. Pressionado por tais enigmas e agouros, teria sido praticamente contra a natureza, mesmo ao menos desconfiado dos corações, que algumas terríveis suspeitas não o invadissem.

Observando o navio entregue, sem qualquer resistência, a uma corrente, com as velas paralisadas, à deriva em velocidade cada vez maior rumo ao mar aberto; e percebendo que, de uma projeção de terra só tardiamente examinada, o caça-focas parecia escondido, o intrépido marinheiro começou a tremer sob pensamentos que mal ousava confessar a si mesmo. Acima de tudo, passou a sentir um horror espectral de Dom Benito. E, no entanto, quando pôs-se de pé e estufou o peito, sentiu firmeza nas pernas fortes e perguntou-se com frieza — o que estará por trás de todos esses fantasmas?

Tivesse o espanhol algum plano sinistro, este teria por objetivo não tanto ele próprio (Capitão Delano),

mas seu navio (o *Bachelor's Delight*). Logo, a distância entre as naus, cada vez maior, longe de favorecer qualquer possível estratagem, ao menos naquele momento, tinha consequência oposta. Tornava-se claro que qualquer suspeita que combinasse tais contradições não passaria, necessariamente, de ilusão. Ademais, não era absurdo pensar que uma embarcação com problemas — embarcação que a doença praticamente alijara de seus homens — embarcação cuja marinhagem sofria de sede — não seria mil vezes absurdo que tal embarcação demonstrasse, sob tais condições, disposição bucaneira; ou que seu comandante, tanto para si quanto para aqueles que estivessem sob seu comando, alimentasse qualquer desejo que não o do imediato alívio e descanso? Mas, então, não poderiam ser os sofrimentos gerais e a sede em particular puro fingimento? E não seria possível que aquela mesma e inteira tripulação espanhola, supostamente reduzida a um pequeno grupo de sobreviventes, estivesse naquele mesmo instante à espreita no porão? Sob o comovente pretexto da solicitação de um copo d'água, demônios sob a forma de humanos já haviam invadido residências isoladas, sem se retirar até que se tivesse realizado um feito maligno. E entre os piratas malaios, não era inverossímil que atraíssem navios atrás de si para seus portos traiçoeiros ou provocassem a guarnição de um inimigo declarado em alto-mar com a perspectiva de conveses parcamente equipados ou vazios, sob os quais se escondiam centenas de lanças com braços amarelos prontos a dispará-las através das esteiras.

Não que Capitão Delano desse total crédito a tais coisas. Ouvira falar delas — e, como histórias, elas então lhe vinham à mente. O presente destino da embarcação era o ancoradouro. Ali, ela estaria ao lado de seu próprio navio. Ao conquistar sua vizinhança, não poderia o *San Dominick*, como um vulcão, subitamente liberar as energias que escondia?

Ele relembrou o comportamento do espanhol enquanto contava sua história. Havia ali uma soturna hesitação, uma postura evasiva. Era o comportamento de quem improvisava uma história para vis propósitos. Mas se aquela não era uma história verdadeira, o que era verdade? Que o navio caíra criminosamente em posse dos espanhóis? Mas em muitos de seus detalhes, especialmente em relação às partes mais calamitosas, tais como as mortes entre os marinheiros, a consequente e demorada navegação sem rumo, o sofrimento causado pelas intermináveis calmarias e o sofrimento que se prolongava pela sede; nesses e ainda em outros pontos, a história de Dom Benito fora corroborada não apenas pela lamúria e pelo pranto da turba indistinta, de brancos e pretos, mas igualmente — e isto lhe parecia impossível de simular — por todo ato e fisionomia observado por Capitão Delano. Se a história de Dom Benito era uma invenção completa, então cada alma a bordo, mesmo a da mais jovem negrinha, fora cuidadosamente cooptada a participar da conspiração — uma dedução inconcebível e, no entanto, havia espaço para uma desconfiança legítima em relação à verdade das palavras de capitão espanhol.

Quanto às perguntas do espanhol. Estas, sim, mereciam atenção. Não foram colocadas com objetivo idêntico ao do assassino ou arrombador que, à luz do dia, faz o reconhecimento dos muros de uma casa? No entanto, solicitar tais informações, abertamente e com más intenções, à principal pessoa ameaçada e, desse modo, colocá-la de sobreaviso — que procedimento absurdo era aquele? Assim, não fazia sentido supor que tais perguntas haviam sido colocadas com más intenções. A mesma conduta que, nesse caso, suscitara o alarme, servira para dirimi-lo. Em suma, na prática não havia desconforto ou suspeita que, aparentemente razoável de princípio, não fosse agora, e com igual e aparente sensatez, desfeito.

Por fim, Capitão Delano pôs-se a rir de seus sentimentos; a rir do estranho navio, como se, de algum modo, a aparência deste os confirmasse; e daqueles pretos tão estranhos, em especial daqueles que mais pareciam afiadores de tesoura, os axântis; e daqueles que se portavam como frágeis velhinhas rendeiras, os desfiadores de calafeto. Estava a ponto de se rir também do soturno espanhol, o diabo no centro de tudo.

Quanto ao resto, o que quer que se mostrasse seriamente enigmático era, então, gentilmente desmistificado pela ideia de que, em grande parte, o pobre inválido mal sabia o que se passava ao seu redor; entregue aos negros vapores da bile e colocando perguntas sem utilidade, sentido ou propósito. Esclarecia-se, portanto, que o homem não estava em condições de assumir a responsabilidade

pela embarcação. Mediante algum benevolente pedido de destituição do comando em suas mãos, Capitão Delano enviaria a embarcação a Concepción sob os cuidados de seu segundo imediato, homem de valor e bom navegador — ideia cuja conveniência não era maior ao *San Dominick* do que a Dom Benito; pois, livre de toda preocupação e permanecendo todo o tempo em sua cabine, era provável que, ao fim da viagem, o doente, sob os bons cuidados de seu criado, estivesse minimamente recuperado de seus problemas de saúde e, desse modo, pudesse ter sua autoridade restituída.

Esses eram os pensamentos do americano. Eram pensamentos tranquilizadores. Havia uma diferença entre a ideia de Dom Benito sombriamente predeterminar o destino de Capitão Delano e a de Capitão Delano com alegria preparar o de Dom Benito. De qualquer forma, não era sem alívio que o bom marinheiro, então, avistou seu bote baleeiro à distância. Sua ausência se prolongara por inesperada demora ao lado do caça-focas; ademais, sua viagem de retorno tornara-se mais longa pelo afastamento contínuo do ponto de chegada.

A mancha era observada, em seu avanço, pelos pretos. Seus gritos atraíram a atenção de Dom Benito, que, com um aceno de cortesia, aproximou-se de Capitão Delano e comunicou-lhe sua satisfação com a vinda de víveres, ainda que inevitavelmente escassos e provisórios.

Capitão Delano respondeu; mas enquanto o fazia, algo que se passava no convés abaixo chamou-lhe a

atenção: em meio à turba que subia a amurada voltada à costa e assistia à chegada do bote com ansiedade, dois pretos, ao que tudo indica acidentalmente incomodados por um dos marinheiros, avançaram com violência contra ele, vociferando horríveis impropérios que, de algum modo, o irritaram. Os dois pretos lançaram-no ao convés e saltaram sobre ele, a despeito do que severamente lhes gritavam os desfiadores de calafeto.

“Dom Benito”, disse prontamente Capitão Delano, “veja o que se passa ali? Olhe!”

Assaltado, contudo, por uma crise de tosse, o espanhol cambaleou, com ambas as mãos levadas ao rosto, a ponto de cair. Capitão Delano o teria segurado, mas o criado foi mais rápido e, enquanto segurou o senhor com uma mão, com a outra lhe ministrou o remédio. Com Dom Benito restaurado, o preto deixou de ampará-lo, recolhendo-se um pouco ao lado, porém permanecendo diligentemente ao alcance do mais leve sussurro. Tal sensibilidade se manifestou ao mesmo tempo em que se desfazia, aos olhos do visitante, qualquer nódoa de impropriedade relacionada ao criado pelas indecorosas conferências antes mencionadas; mostrando também que, se o criado tinha culpa, mais era por erro de seu senhor do que por seu próprio, uma vez que era capaz, por si mesmo, de comportar-se bem.

Afastando o olhar do espetáculo de desordem em favor do que mais agradável havia diante de si, Capitão Delano não pôde deixar de mais uma vez cumprimentar seu anfitrião pela posse de tal criado que, embora por

vezes um tanto ousado, de modo geral se mostrava de inestimável ajuda para alguém em tão frágil situação.

“Diga, Dom Benito”, acrescentou, com um sorriso, “eu gostaria de ter esse seu homem para mim. Por quanto o senhor o venderia? Cinquenta dobrões seriam o bastante?”

“O senhor não ia se desfazer de Babo nem por cem dobrões”, murmurou o negro, que escutou a oferta, levou-a a sério e, com a estranha vaidade de um escravo fiel, apreciado por seu senhor, assim se escarneceu ante a vil oferta dada por um estranho. Mas Dom Benito, de forma alguma restabelecido de todo e mais uma vez interrompido por um acesso de tosse, apenas lhe deu uma resposta entrecortada.

Depois que seu incômodo físico tornou-se tão intenso, chegando mesmo a afetar seus pensamentos, como aparentava ser, como quem quisesse esconder o triste espetáculo, o criado gentilmente conduziu seu senhor à cabine.

Abandonado a si mesmo, Capitão Delano, para fazer passar o tempo até que seu bote chegasse, teria agradavelmente se aproximado de um dos poucos marinheiros espanhóis que via; recordando-se, porém, de algo que Dom Benito havia dito concernente à má conduta de seus homens, preferiu conter-se, como um capitão que não tolerasse a covardia ou a infidelidade em homens do mar.

Enquanto, em meio a tais pensamentos, tinha os olhos à frente, na direção do dito grupo de marinheiros,

de repente o americano julgou que um ou dois deles correspondiam-lhe o olhar e com algum tipo de mensagem. Ele esfregou os olhos e olhou mais uma vez; e mais uma vez parecia ver a mesma coisa. Sob uma forma nova, porém mais obscura que a anterior, as velhas suspeitas retornaram — apenas o terror, com a ausência de Dom Benito, era menor. A despeito da má opinião dada sobre os marinheiros, Capitão Delano decidiu, sem hesitação, abordar um deles; e, descendo do tombadilho, abriu caminho entre os negros. Seu movimento suscitou um estranho rebote dos desfiadores de calafeto, sob o qual os negros, recolhendo-se rapidamente, dividiram-se diante do americano; fechando-se, no entanto, logo atrás dele, em relativa ordem, como estivessem curiosos para ver o que suscitava a deliberada visita a seu *ghetto* e, assim, seguissem o desconhecido branco em seu caminho. Com seu progresso, então, proclamado por aqueles arautos montados a cavalo e escoltado como que por uma guarda de honra africana, Capitão Delano, assumindo ares bem-humorados e não premeditados, seguiu em sua passada; dirigindo, vez por outra, alguma palavra descontraída aos negros, enquanto seus olhos examinavam com interesse os rostos dos brancos, aqui e ali misturados aos pretos, como peões brancos desgarrados que ousadamente tivessem ocupado as fileiras de peças do oponente.

Enquanto pensava que marinheiro escolher para seus propósitos, ocorreu-lhe observar um marinheiro sentado ao convés ocupado de alcatroar a correia de um

moitão grande, com um círculo de negros de cócoras bastante interessados no processo.

A vil ocupação do homem estava em desacordo com algo de superior em sua figura. Sua mão, preta de enfiar-se continuamente no balde de alcatrão que um negro segurava para ele, não parecia comunicar-se naturalmente com seu rosto — um rosto que, não fosse pelo abatimento, revelar-se-ia muito belo. Se tal abatimento tinha algo a ver com a criminalidade, não era possível determinar; uma vez que, da mesma forma que frio e calor intensos, embora distintos, produzem sensações similares, inocência e culpa, quando manifestadas em qualquer estampa visível através de associação colateral com a dor mental, valem-se de um único selo — o da ruína.

Não que tal reflexão tivesse ocorrido naquele instante a Capitão Delano, caridoso que era. Era uma outra ideia. Pois, ao observar tão peculiar abatimento combinado com um olho roxo, incômoda e vergonhosamente escondido, e então mais uma vez relembrando a má opinião confessa de Dom Benito sobre sua marinhagem, o americano insensivelmente trabalhou segundo certas noções gerais que, ao dissociar dor e humilhação, ligavam-nos necessariamente ao vício.

Se, de fato, existir qualquer intenção viciosa a bordo deste navio, pensou Capitão Delano, é tão certo que aquele homem tenha mergulhado nela suas mãos como agora as mergulha no piche. Não tratarei com ele. Tratarei, sim, com este outro, este velho marujo aqui no sarilho.

Capitão Delano caminhou na direção de um velho marinheiro de Barcelona. Este vestia um calção vermelho esfarrapado e um gorro imundo; tinha o rosto vincado e bronzeado, e as suíças tão bastas quanto arbustos repletos de espinhos. Sentado entre dois africanos sonolentos, esse marinheiro, tal como seu mais jovem companheiro de embarcação, ocupava-se do cordame — fazia a costura num cabo —, enquanto os negros sonolentos realizavam a tarefa menos nobre de segurar a parte externa das cordas para ele.

Diante da aproximação de Capitão Delano, o marinheiro imediatamente baixou a cabeça um nível a mais do que o necessário ao trabalho. Era como se desejasse que o julgassem absolutamente compenetrado em sua ocupação, para além da costumeira diligência. Quando interpelado, ergueu os olhos, porém com um ar tímido e evasivo, que em nada convinha a seu rosto maltratado da vida em alto-mar — tal qual um urso pardo que, em vez de morder e bramir, sorrisse e exibisse olhos de ovelha. Ele fez diversas perguntas relativas à viagem — questões que intencionalmente remetiam a pontos específicos da narrativa de Dom Benito, não corroborados, antes, pelos gritos violentos que saudaram o visitante em sua primeira subida a bordo. Suas respostas foram breves e confirmaram tudo que restava confirmar no tocante à história. Os negros próximos ao sarilho juntaram-se ao velho marinheiro; contudo, à medida que aqueles se mostravam mais falantes, este aos poucos emudecia; quedando, por fim, bastante soturno, demonstrou morosa má-vontade

de responder a outras questões, muito embora, entretantos, seu ar ursino permanecesse misturado ao de ovelha.

Desenganado de travar conversa sem constrangimentos com aquele centauro, Capitão Delano, depois de investigar em volta à procura de um semblante mais promissor, sem, contudo, ter sucesso, solicitou cordialmente aos pretos que lhe abrissem caminho; e assim, entre sorrisos forçados e contorções faciais, retornou à popa, sentindo-se um pouco estranho a princípio, sem saber exatamente o porquê, mas de um modo geral com a confiança renovada em Benito Cereno.

Com que clareza, pensou ele, aquele velho de suíças ali traiu a consciência de seu desvalor. Sem dúvida, quando viu minha aproximação, temia que, informado pelo capitão do mau comportamento geral da marinhagem, eu me aproximasse com palavras duras contra si; por isso baixou a cabeça. E no entanto — e no entanto, agora me ocorre, aquele velho sujeito, se não estou equivocado, era um daqueles que, antes, parecia me observar atentamente. Ah, essas correntezas fazem uma cabeça dar voltas quase tanto quanto o fazem com o navio. Ah, veja só — agora temos uma espécie de olhar alegre; e bastante sociável, também.

Sua atenção se dirigia a uma negra ensonada, parcialmente vislumbrada em meio à laçaria do cordame, deitada sob a amurada a sotavento com seus jovens membros em displicente descanso, como uma corça à sombra de uma rocha na floresta. Esticada sobre seus seios, encontrava-se a cria, bastante agitada e completa-

mente nua, com seu corpinho preto levemente erguido em relação ao convés, cruzado em relação ao da fêmea; as mãos da criaturinha, como duas patas, a tentavam escalar; sua boca e nariz focinhavam-na sem sucesso em busca do alimento; produzindo ligeiros e irritantes grunhidos, que se misturavam ao calmo roncar da negra.

Dada a insistência, o vigor incomum da criança acabou por despertar a mãe. Ela se assustou, enquanto à distância observava Capitão Delano. Mas, como não estivesse de modo algum preocupada com a postura na qual fora flagrada, tomou a criança no colo com alegria e uma efusividade maternal e a cobriu de beijos.

Eis a natureza, nua e crua; o mais puro amor e ternura, pensou Capitão Delano, satisfeito.

O incidente sugeriu-lhe a observação das demais negras com mais atenção. Seus modos o agradavam; como as mais incultas mulheres, pareciam ter a um só tempo dureza de constituição e doçura de coração; igualmente prontas a morrer ou lutar por sua cria. Ingênuas como leopardos; amorosas como pombos. Ah!, pensou Capitão Delano, estas, talvez, sejam algumas das mulheres que Mungo Park¹¹ viu em pessoa na África e sobre as quais deixou tão nobre relato.

Sem que o notasse, os panoramas da natureza aprofundaram o que nele havia de confiança e tranquilidade.

11 Mungo Park (1771-1806) foi um explorador escocês que fez grandes viagens pela África Ocidental, sendo o primeiro europeu a navegar pelo rio Níger. Publicou seu relato de viagem em 1803. Morreu em expedição pelo rio Níger em 1806. (N.E.)

Por fim, o americano procurou seu bote para ver a que altura do percurso estava; era ainda grande a distância. Em seguida, voltou-se para verificar se Dom Benito havia retornado. Não havia.

Para mudar de cenário, bem como obter uma aprazível e despreocupada perspectiva do bote que se aproximava, Capitão Delano galgou a mesa de guarnição de mezena e, não sem esforço, subiu na alheta¹² a estibordo — um dos balcões de aspecto veneziano suspensos sobre a água antes mencionados —, cujos retiros guardavam isolamento do convés. No momento em que seu pé pressionou as algas meio secas, meio úmidas, que como uma esteira forravam o lugar, e um fortuito e fantasmagórico sopro — um corredor de brisa, sem prenúncio, nem consequência —, no momento em que tal sopro fantasmagórico roçou-lhe o rosto, seus olhos tocaram a fileira de pequenas e redondas portinholas — todas fechadas como os olhos cobreados dos mortos em seus caixões —, bem como a porta do camarote de Estado — que outra se comunicava com a alheta, enquanto as portinholas a vigiavam de cima, e agora se mostrava lacrada como a tampa de um sarcófago, com painel, montante e batente alcatroados num rosa enegrecido; e ele pensou no tempo em que a cabine do capitão e sua alheta ouviram as vozes dos oficiais do rei espanhol, e as formas das filhas do vice-rei de Lima talvez tivessem se debruçado onde ele

12 “Parte curva do costado de um navio, de um e outro bordo, junto à popa.” (Dicionário Houaiss) (N.E.)

estava — ao mesmo tempo em que essas e outras imagens bruxuleavam em sua mente, não diversas do sopro que atravessara a calmaria, ele sentiu-se gradualmente acometido de uma sonhadora inquietude, como aquela de quem, sozinho na pradaria, sente o desconforto que advém depois da sesta.

Ele debruçou-se contra a balaustrada entalhada, outra vez mirando seu bote à distância; percebeu, porém, que seus olhos buscavam a fita de alga, que se estendia ao longo da linha d'água do navio, reta como a borda de uma caixa verde; e os parterres¹³ do mesmo vegetal marinho, traçando crescentes e óvalos que flutuavam próximos e distantes, com o que pareciam ser, entre tais formas, longas e simétricas alamedas que cruzavam os terraços dos vagalhões e ganhavam curvas descendentes como conduzissem a grutas submersas. E, sobre tudo, estava a balaustrada de sob seu braço, que, parte manchada de piche, parte relevada em musgo, assemelhava-se à ruína incendiada de uma casa de veraneio num grande jardim há muito abandonado à destruição.

Ao tentar quebrar o encanto, porém, sentia que este se renovava. Embora sobre a imensidão do mar, era como se estivesse em algum país encravado no interior do continente; prisioneiro de algum *château* deserto, no qual só lhe restasse contemplar uma paisagem vazia e

13 “Canteiro disposto em terraços abertos e planos, obedecendo a padrões geométricos, característico dos jardins franceses do século XVII”. (Dicionário Houaiss) (N.E.)

examinar estradas de contorno indefinido, jamais cruzadas por carroça ou viajante.

Quando, entretanto, seus olhos deram com a corrosão da mesa de guarnição do mastro principal, o encanto cedeu um pouco ao desencanto. Construída em estilo antigo, maciça e enferrujada em seus elos, argolas e cavilhas, ela parecia ainda mais adequada aos presentes negócios do navio do que àqueles para os quais o navio fora construído.

Foi quando pensou ter visto alguma coisa se movendo perto da mesa de guarnição. Ele esfregou os olhos e forçou a vista. Bosques de cabos cobriam a mesa; e ali, à espreita atrás de um grande estai, como um índio atrás de um arbusto de cicuta, viu-se um marinheiro espanhol, com um passador de cabos na mão, fazendo o que pareciam gestos imperfeitos dirigidos à alheta; imediatamente, porém, como tivesse se assustado com os passos de outrem no interior do convés, desapareceu nos recessos da floresta de cânhamo, como um caçador em propriedade alheia.

O que significava aquilo? Alguma coisa que o homem buscasse comunicar, alguma coisa desconhecida de todos, mesmo de seu capitão. Um segredo de conteúdo desfavorável a seu comandante? E os antigos receios de Capitão Delano estariam prestes a se confirmar? Ou, em seu humor espectral do momento, teria ele confundido algum movimento eventual e involuntário do homem, enquanto este se ocupava do estai, talvez em reparos, com um chamado significativo?

Não sem perplexidade, Capitão Delano mais uma vez olhou para fora, na direção do bote. Naquele instante, uma projeção de rocha da ilha o escondia. Quando, ansioso que estava, curvou-se sobre a balaustrada em busca de um primeiro vislumbre de sua proa, a estrutura cedeu ao seu peso, como se estivesse carbonizada. Não tivesse se agarrado a um cabo que pendia do lado de fora, teria ido ao mar. O rompimento, ainda que tênue, e a queda, ainda que leve, dos fragmentos podres, fora de certo ouvida. O americano olhou para cima. Um dos desfiadores de calafeto, tendo deslizado de seu poleiro para uma trave externa, observava-o com sóbria curiosidade; enquanto, debaixo do velho negro, sem que este pudesse vê-lo, e examinando de uma portinhola o arredor como uma raposa da boca de seu covil, insinuava-se mais uma vez o marinheiro espanhol. A partir de alguma coisa que de repente a fisionomia do homem lhe sugeriu, agitou-se na mente de Capitão Delano uma insanidade. A alegada indisposição de Dom Benito, ao recolher-se à cabine, não passava de um pretexto — na verdade, o homem ocupava-se de ali amadurecer seus planos, dos quais o marinheiro, informado sabia-se lá como, pretendia alertá-lo; compelido, talvez, pela gratidão decorrente de alguma palavra de conforto proferida na subida ao convés. Foi por prever interferências como essa que, de antemão, Dom Benito denunciara o mau caráter de seus marinheiros, enquanto elogiara os pretos? Mesmo que os primeiros fossem, sim, tão cordatos quanto sórdidos os

últimos? Os brancos, também, por natureza, eram a raça mais astuta. Não seria absolutamente verossímil que um homem munido de vis interesses elogiasse a estupidez cega a sua vileza e maldissesse a inteligência da qual não pudesse escondê-la? Provavelmente, seria. Porém, se os brancos guardavam obscuros segredos relativos a Dom Benito, então Dom Benito era de algum modo cúmplice dos pretos? Mas eles eram muito estúpidos. Ademais, quem teria ouvido falar de um branco tão renegado a ponto de abandonar sua própria espécie e confederar-se contra ela com negros? Tais dificuldades somavam-se às primeiras. Perdido em labirintos, Capitão Delano, que então acabara de retornar ao convés, o atravessava incomodado, quando observou um novo rosto — um marinheiro já idoso, sentado de pernas cruzadas próximo à escotilha principal. Tinha a pele enrugada de vincos como os do papo vazio de um pelicano; o cabelo, branco como a neve; e o semblante, sério e tranquilo. Suas mãos estavam cheias de cabos, com os quais trabalhava para amarrar um grande nó. Alguns pretos postavam-se ao seu redor, auxiliando-o no alcatroamento das fibras, aqui e ali, tal como a operação exigia.

Capitão Delano caminhou em sua direção e permaneceu em silêncio observando o nó; enquanto seus pensamentos, numa transição em nada desarmônica, passavam de seu próprio emaranhado ao do cânhamo. Intrincado como era, jamais vira nó como aquele em navio americano; nem, a bem da verdade, em qualquer outro. O velho marinheiro se assemelhava a um sacerdote

egípcio, fazendo nós górdios¹⁴ para o templo de Ámon.¹⁵ O nó parecia uma combinação de nó de lais de guia holandês, nó de força, nó de frade e nó dobrado.

Intrigado, depois de tentar compreender o sentido de tal nó, Capitão Delano reportou-se ao responsável:

“Que você está atando, homem?”

“O nó”, foi a resposta breve, sem olhar para cima.

“Assim parece; mas para quê?”

“Para que alguém o desfaça”, murmurou de volta o velho, cujos dedos, então, aplicavam ainda mais força ao nó, praticamente completo.

Capitão Delano o observava, de pé, quando, de repente, o velho lançou o nó em sua direção, dizendo num inglês imperfeito — era o primeiro a utilizá-lo a bordo — algo como: “Desfaça-o, corte-o, rápido”. Isso se disse baixo, mas com tal e condensada rapidez, que as longas e lentas palavras em espanhol, que o tinham precedido e seguido, praticamente funcionaram como disfarce para o breve inglês de entre elas.

Por um instante, com o nó nas mãos e o nó nos pensamentos, Capitão Delano permaneceu calado; enquanto,

14 Relativo a Górdio, rei da Frígia, na Ásia Menor. A lenda conta que Górdio amarrou a carroça com a qual chegara à cidade, para não se esquecer de seu passado humilde, a uma coluna no templo de Zeus. Seu filho Midas expandiu o reinado. Depois que Midas morreu, o Oráculo profetizou que quem desatasse o nó (impossível de desatar) conquistaria o mundo. Diz a lenda que em 334 a.c. Alexandre o Grande, sabendo da história, foi ao templo, e, com a espada, cortou o nó. (N.E.)

15 Deus da mitologia egípcia, seu nome significa “o escondido”.

sem mais dar-lhe atenção, o velho marinheiro ocupou-se de outros cabos. Fez-se, então, uma breve agitação às costas de Capitão Delano. Virando-se, identificou o negro acorrentado, Atufal, pondo-se tranquilamente de pé. No momento seguinte, o velho marinheiro ergueu-se murmurando e, seguido de seus subordinados negros, mudou-se para a proa do navio, onde desapareceu na multidão.

Um negro de idade, em cueiros como os de uma criança, de cabelos levemente encanecidos e com uma espécie de postura de advogado, aproximou-se de Capitão Delano. Num espanhol aceitável e com uma bem-humorada piscadela de entendedor, informou-o de que o velho fazedor de nós era simplório, porém inofensivo; não raro, fazia brincadeiras estranhas. O negro concluiu pedindo encarecidamente pelo nó, pois é claro que o estrangeiro não precisava se dar ao trabalho com ele. Sem o perceber, ele lhe entregou. Com uma espécie de mesura, o negro o recebeu e, dando-lhe as costas, examinou-o como um oficial detetive de Alfândega em busca de laços contrabandeados. Em seguida, com alguma interjeição africana de irritação, lançou-o ao mar.

Tudo é muito estranho, pensou Capitão Delano, com emoção similar à náusea; no entanto, como quem sente um princípio de enjoo em alto-mar, ele lutou, ignorando os sintomas, para livrar-se do mal. Outra vez, então, ele voltou-se ao mar em busca do bote. Para sua alegria, este deixara a projeção rochosa à ré e ressurgia em seu campo de visão.

A sensação aqui experimentada não só aliviou o desconforto com eficiência inesperada, como o eliminou por completo. A perspectiva já não tão remota daquele bem conhecido bote — na qual se o avistava não como antes, misturado à névoa, mas com contornos definidos, de modo que sua individualidade, como a de um homem, se manifestava; daquele bote, batizado *Rover*, que, embora em mares desconhecidos, muitas vezes marcara a areia das praias do lar de Capitão Delano e, levado à porta para reparos, ali permanecera como parte da família, um cão labrador; a perspectiva daquele bote doméstico evocava milhares de sólidas e verdadeiras associações que, em contraste com as suspeitas anteriores, enchiam-no não apenas de uma luminosa confiança, mas também de autorreprimendas mais ou menos bem-humoradas por sua ausência anterior.

O que eu, Amasa Delano — o Marujo da Praia, como me chamavam quando criança — eu, Amasa; o mesmo que, com a mochila de brim às costas, costumava remar junto à linha da praia para a escola, instalada dentro de um velho casco; eu, o Marujinho da Praia, que costumava sair para colher morangos e mirtilos com o primo Nat e os demais; eu, assassinado aqui, nos confins do mundo, a bordo do navio-pirata de um espanhol horrendo!? Não faz o menor sentido! Quem assassinaria Amasa Delano? Sua consciência está limpa. Ai, ai, ai, Marujo da Praia! Você é mesmo uma criança; a criança de uma segunda infância, velho menino; temo que esteja começando a babar e variar.

Leve de corpo e alma, pôs-se a caminhar quando, ali, o criado de Dom Benito encontrou-o e, com expressão afável, à altura de seus próprios sentimentos no momento, informou-o de que seu senhor se recuperara dos efeitos da crise de tosse e pedira a ele (Babo) que apresentasse a seu bom visitante, Dom Amasa, seus cumprimentos e lhe dissesse que ele (Dom Benito) logo teria a alegria de juntar-se ao americano.

E agora isto, prestou atenção?, outra vez pensou Capitão Delano, caminhando na popa. Que imbecil fui eu. Este agradável cavalheiro que aqui me envia seus gentis cumprimentos, pensava eu que ele, há apenas dez minutos, com uma lanterna furta-fogo na mão, brandia um amolador de pedra no porão e afiava uma machadinha para mim. Pois então, essas longas calmarias têm um efeito mórbido na mente, segundo muitas vezes ouvi dizer, embora nunca tenha acreditado. Rá!, com os olhos voltados ao bote; lá está o *Rover*, bom cão, de osso branco na boca. Um belo osso, é o que me parece. — O quê? Sim, foi pego por uma corrente de retorno. Isso o coloca, por enquanto, em outro rumo. Paciência.

Aproximava-se o meio-dia, embora, pelo cinza de todas as coisas, parecia que se chegava perto do entardecer.

A calmaria se consolidara. Ao longe, distante da influência da terra, o oceano plúmbeo parecia sólido, estático, de curso findo, alma perdida, morto. A corrente de terra, porém, onde o navio estava, aumentara; levando-o silenciosamente cada vez mais além nas águas em transe.

Mesmo assim, cultivando consigo, a partir do conhecimento que tinha daquelas latitudes, a esperança de que uma brisa — e uma brisa forte e fresca — lufasse a qualquer momento, Capitão Delano, a despeito da situação presente, confiava plenamente que lançaria o ferro do *San Dominick* no ancoradouro antes do anoitecer. A distância percorrida significava nada, uma vez que, com boa brisa, dez minutos de vela perfariam mais do que sessenta de deriva. Enquanto isso, entre observar, de um lado, a luta do *Rover* contra a corrente de retorno e, do outro, ver a aproximação de Dom Benito, continuou a caminhar pela popa.

Gradualmente, sentiu crescer certa irritação decorrente do atraso do bote; a qual não tardou a se misturar a um desassossego; e por fim, com seus olhos buscando continuamente, como se percorressem o caminho do palco ao fosso do teatro, a estranha multidão que tinha diante e abaixo de si e, vez por outra, reconhecendo nela o rosto, então calmo, quase apático, do marinheiro espanhol que parecera acenar-lhe da mesa de guarnição do mastro principal — por fim, um pouco de sua agitação anterior ressurgiu.

Ah, pensou ele — já bastante circunspecto —, é como malária: o fato de ter cedido não significa que não volte.

Embora constrangido com a recaída, não era capaz de reprimi-la totalmente; e assim, valendo-se ao máximo de seu bom coração, chegou a um acordo consigo mesmo sem que o percebesse.

Sim, era uma estranha embarcação; uma estranha história, também; assim como estranhos eram os que a povoavam. Mas, apenas isso.

Para manter seus pensamentos distantes de qualquer deslize até que o bote chegasse, ele procurou ocupar-se de revolver, de forma absolutamente especulativa, algumas peculiaridades menores do capitão e da tripulação. Entre outros, quatro pontos curiosos lhe ocorreram.

Primeiro, o caso do menino espanhol atacado com uma faca pelo menino escravo, ocorrência à qual Dom Benito fez vistas grossas. Depois, a tirania de Dom Benito no tratamento dado a Atufal, o preto, como se uma criança pudesse conduzir um touro do Nilo pelo anel de seu nariz. Em terceiro lugar, a violência infligida ao marinho espanhol pelos dois negros, uma demonstração de insolência que não suscitou reação que se aproximasse de uma punição. E, finalmente, a servil submissão de todos os subalternos do navio, a maioria pretos, a seu senhor; como se temessem, mesmo pelo menor descuido, despertar seu despótico aborrecimento.

Ligando os pontos, eles pareciam-lhe de algum modo contraditórios. Mas o que, então, pensava Capitão Delano, atento ao bote que se avizinhava — o que, então? Ora, Dom Benito é um comandante bastante caprichoso. Mas não é o primeiro que conheço com tal disposição; embora, verdade seja dita, exceda qualquer outro de que tenha notícia. De qualquer forma, como nação — prosseguia o americano em seus devaneios —, os espanhóis

formam um grupo estranho; a própria palavra “espanhol” tem uma sonoridade curiosa, conspiratória, digna de Guy Fawkes.¹⁶ E, no entanto, ousa dizer, os espanhóis no geral são tão bons quanto qualquer um em Duxbury, Massachusetts. Ah, ótimo! Por fim, o *Rover* chegara.

Enquanto o bote tocava o costado do navio com sua carga bem-vinda, os desfiadores de calafeto procuravam, com gestos respeitáveis, conter os pretos que, ao ver as três pipas d’água distribuídas no fundo da embarcação e a pilha de abóboras que esta trazia na proa, penduraram-se na amurada em arrebatada desordem.

Talvez apressados pelo barulho que ouviram, Dom Benito e seu criado, então, reapareceram. Ao espanhol, Capitão Delano pediu permissão de servir a água, de modo que todos tivessem igualmente sua parte e ninguém se ferisse por qualquer injusto excesso. Não obstante fosse o oferecimento razoável e, segundo a observação de Dom Benito, gentil, ele foi recebido com o que mais parecia impaciência — como se Dom Benito, ciente de que perdia energia como comandante e, com o ciúme próprio à fraqueza, se ressentisse de qualquer interferência, entendida como afronta. Assim foi, pelo menos, que o americano inferiu.

16 Guy Fawkes foi um soldado católico inglês que lutou na Espanha e teve participação na conspiração que pretendia assassinar o rei Jaime I, em 1605. Na Inglaterra, dia 5 de novembro, celebra-se até hoje a *Noite das Fogueiras*, em que bonecos simbolizando Fawkes são queimados. (N.E.)

Noutro momento, quando os barris eram içados para dentro do convés, alguns dos negros mais sôfregos acidentalmente esbarraram em Capitão Delano no passadiço, onde este, então, estava; de modo que, sem dar atenção a Dom Benito e atendendo a um impulso, ordenou, com bem-humorada autoridade, que os pretos se afastassem; reforçando suas palavras mediante um gesto a um só tempo divertido e ameaçador. Os pretos imediatamente pararam, no lugar em que estavam, cada qual, negro ou negra, congelado na postura exata em que o comando do americano os encontrou, assim permanecendo por alguns segundos, enquanto, como entre os postes sensíveis de um telégrafo, uma sílaba indeterminada percorreu os desfiadores de calafeto empoleirados. A atenção do visitante fixava-se na cena quando, subitamente, os polidores de machadinha começaram a se erguer, e um breve e imediato grito irrompeu de Dom Benito.

Pensando, diante do sinal do espanhol, que estava prestes a ser massacrado, Capitão Delano teria saltado para dentro de seu bote — antes, contudo, parou, enquanto os desfiadores de calafeto, saltando à multidão com duríssimas exclamações, forçavam cada branco e cada negro a se afastar, ao mesmo tempo em que, com gestos calmos e cordiais, quase cômicos, lhes pediam, em suma, que não fossem estúpidos. Enquanto isso, os polidores de machadinha voltaram a seus lugares, tranquilos como alfaiates, e, imediatamente, como se nada tivesse acontecido, se retomou o içamento dos barris, com pretos e brancos cantando na talha.

Capitão Delano lançou um olhar de soslaio na direção de Dom Benito. Quando viu suas formas macilentas no ato de se reerguer dos braços do criado, nos quais o nervoso inválido caíra, não pôde senão embasbacar com o pânico no qual flagrara a si próprio, diante da rápida suposição de que tal comandante, que, mesmo numa situação de normalidade, tão trivial quanto aquela lhe parecia, era capaz de perder todo o autocontrole, com enérgica iniquidade estava a ponto de provocar seu assassinato.

Com os barris no convés, Capitão Delano recebeu certo número de jarras e copos de um dos ajudantes do taifeiro, que, em nome de seu capitão, permitiu que o americano realizasse o que propusera: distribuir a água. Tinha para si, seguindo a imparcialidade republicana própria àquele tão republicano elemento, sempre naturalmente inclinado ao nivelamento, servir o branco mais velho com não mais do que o preto mais jovem — com exceção feita a Dom Benito, cuja condição, se não a hierarquia, exigia quantidade maior. Para o espanhol, em primeiro lugar, Capitão Delano ofereceu uma jarra repleta do líquido; não obstante a avidez, o espanhol não desperdiçou uma gota, senão depois de muitos e sisudos cumprimentos e meneios. Uma reciprocidade de cortesias que os africanos, de olhares tão gentis, saudaram com uma salva de palmas.

Reservaram-se duas das abóboras menos murchas à cabine do capitão; o restante foi cortado no próprio convés para o regalo geral. Mas o pão mole, o açúcar e a

cidra engarrafada, Capitão Delano teria entregue apenas aos brancos e, em particular, a Dom Benito; este, porém, lhe fizera objeção, demonstrando um despreendimento que agradou deveras ao americano. Desse modo, porções foram distribuídas igualmente aos brancos e aos pretos; exceto por uma garrafa de cidra, que Babo fizera questão de guardar para seu senhor.

Observe-se aqui que, na primeira visita do bote, o americano não permitira a seus homens subirem a bordo do navio. Tampouco Capitão Delano o permitiu agora; pois não desejava aumentar a confusão dos conveses.

Não sem deixar influenciar-se pelo peculiar bom humor que então prevalecia, e por ora inconsciente de tudo que não fossem bons pensamentos, Capitão Delano que, por evidências recentes, supunha o surgimento de uma brisa no intervalo de uma ou, no máximo, duas horas, despachou o bote baleeiro de volta ao caça-focas com ordens para que toda a equipagem desocupada preparasse prontamente os barris e os levasse ao ponto de estocagem de água para enchê-los. Pediu igualmente que fosse transmitido a seu principal oficial o recado de que não se preocupasse caso o navio, contra as perspectivas de momento, não fosse conduzido ao ancoradouro até o pôr do sol; pois, como aquela seria noite de lua cheia, ele (Capitão Delano) permaneceria a bordo pronto para fazer as vezes de piloto, surgisse o vento cedo ou tarde.

Enquanto os dois capitães estiveram juntos, assistindo à partida do bote — o criado notara, ao que parecia,

uma mancha na manga de veludo de seu senhor e, em silêncio, a esfregava —, o americano expressou seu pesar quanto ao fato de o *San Dominick* não dispor de botes; pelo menos nenhum além da lancha, um velho casco indigno do mar, que, arruinado como o esqueleto de um camelo no deserto e, no mínimo, igualmente quarado, jazia à maneira de uma panela emborcada a meia-nau. Com um dos lados levemente inclinado, a estrutura propiciava uma espécie de covil subterrâneo a grupos familiares de pretos, em sua maioria crianças e mulheres que, sob o domo escuro, de cócoras sobre velhas esteiras ou empoleirados sobre assentos elevados, eram vistos, a certa distância, como um círculo social de morcegos abrigados numa agradável caverna — enquanto, de tempo em tempo, voos de ébano dos corpos nus de meninos e meninas, de três ou quatro anos de idade, disparavam para dentro e para fora da boca do covil.

“Tivesse o senhor três ou quatro botes, Dom Benito”, disse Capitão Delano, “penso que, mourejando nos remos, seus negros poderiam ajudar em alguma coisa. O senhor partiu do porto sem botes, Dom Benito?”

“Perderam-se nos vendavais, *señor*.”

“Que pena. Perdeu também muitos homens, então. Botes e homens. Devem ter sido vendavais terríveis, Dom Benito.”

“Indescritíveis”, encolheu-se o espanhol.

“Diz-me, Dom Benito”, prosseguiu seu colega com ainda maior interesse, “diz-me, tais vendavais ocorreram logo após a dobragem do Cabo Horn?”

“Cabo Horn? — quem falou em Cabo Horn?”

“O senhor, quando fez o relato de sua viagem”, respondeu Capitão Delano, com quase igual surpresa diante da resposta que, da parte do espanhol, lhe corroía o discurso tanto quanto sentia, de sua parte, corroer-lhe o coração. “O senhor mesmo, Dom Benito, falou do Cabo Horn”, repetiu, enfaticamente.

O espanhol virou-se, numa espécie de postura cambaleante, parando por um instante, como quem, do ar à água, estivesse prestes a mergulhar numa troca de elementos.

Nesse instante, um menino mensageiro, branco, apressou-se a levar, segundo a execução normal de suas funções, a última meia hora que expirava do relógio da cabine de comando ao castelo de proa, para que esta fosse anunciada no grande sino do navio.

“Senhor”, disse o criado, interrompendo seu trabalho na manga do casaco e dirigindo-se ao circunspecto espanhol com uma espécie de tímida apreensão — como quem tem um dever cujo cumprimento, antecipava-se, provar-se-ia irritante para a própria pessoa que o impusera e em cujo benefício se realizava —, “o senhor disse que não importava onde ou quão ocupado estivesse, mas que sempre fosse lembrado da hora de se barbear. Miguel foi anunciar a primeira meia hora do meio-dia. É *agora*, senhor. O senhor quer ir ao gabinete?”

“Ah, sim”, respondeu o espanhol, assustado, como quem deixasse os sonhos e retornasse à realidade; em

seguida, voltando-se para Capitão Delano, disse que logo retomariam a conversa.

“Mas se o senhor deseja conversar mais com Dom Amasa”, disse o criado, “por que não deixar o Dom Amasa sentado ao lado do senhor no gabinete, e o senhor pode falar, e o Dom Amasa escutar, enquanto Babo aqui afia e ensaboa.”

“Sim”, disse Capitão Delano, animado com o arranjo sociável, “sim, Dom Benito, a não ser que o senhor não o queira, seguirei convosco.”

“Que seja, *señor*.”

Enquanto caminhavam, o americano não podia senão pensar naquilo como outra estranha manifestação do capricho do anfitrião, a ser barbeado com tal incomum pontualidade no meio do dia. No entanto, também julgava absolutamente plausível que a ansiosa fidelidade do criado tivesse a ver com o assunto — à medida que a oportuna interrupção serviu para que seu senhor se recuperasse da crise de humor que visivelmente o acometera.

O lugar que chamavam de “gabinete” era uma cabine clara de convés construída à popa, uma espécie de sótão para a cabine maior logo abaixo. Parte dela servira anteriormente de compartimento para oficiais; desde a morte destes, porém, todas as suas anteparas tinham sido postas abaixo, e todo o interior convertido num espaçoso e arejado salão naval; que, dada a ausência de mobília refinada e o pitoresco desmazelo, além de seus inusitados objetos, correspondia, em certa medida, ao salão amplo

e desorganizado de algum excêntrico cavalheiro solteiro em terra firme, que pendura a jaqueta de caça e a bolsa de tabaco em chifres de veado e mantém sua vara de pescar, bastões de caminhada e tenazes no mesmo canto.

A semelhança crescia, se não era originalmente sugerida, pelas breves consultas ao panorama do mar que os cercava; já que, em certa medida, campo e oceano parecem primos em primeiro grau.

Esteiras cobriam o chão do gabinete. Acima, quatro ou cinco mosquetes ocupavam buracos horizontais que atravessavam as vigas. De um lado, havia uma velha mesa, cujos pés, presos ao convés, eram entalhados em forma de pata; sobre ela, um missal bastante manuseado e, preso à antepara e encimando todas as coisas, um pequeno e frágil crucifixo. Sob a mesa, viam-se um ou dois cutelos dentados e um arpão avariado em meio a um velho e gasto cordame, disposto como uma pilha de cordões de frade. Havia também dois compridos e bem estruturados assentos de ratã, enegrecidos pelo tempo e desconfortáveis aos olhos como fossem bancos da Inquisição, e uma grande e deformada cadeira de braços, que, munida de uma tosca forqueta de barbeiro no encosto, enfiada com um parafuso, mais parecia uma grotesca máquina de tortura. A um canto, via-se um baú de bandeiras, aberto, expondo diferentes flâmulas coloridas, algumas enroladas, outras meio enroladas ou estendidas umas sobre as outras. Do lado oposto, havia um lavatório desajeitado, de mogno preto, inteiriço, munido de pedestal, como uma pia de água-benta, e sobre

ele uma prateleira com pentes, escovas e outros instrumentos de toalete. Uma maca de palha, rasgada e manchada, balançava ao lado, com os lençóis desarrumados, e o travesseiro amassado como um rosto, como se aquele que ali dormisse não o fizesse senão mal, com as visitas alternadas de tristes pensamentos e sonhos ruins.

A extremidade oposta do gabinete, sobre a popa do navio, trazia a intervenção de três aberturas, janelas ou portinholas, segundo a perspectiva sociável ou insociável de homens ou canhões, a depender de quem e do que as utilizasse. Naquele momento não eram vistos homens ou canhões, embora imensas cavilhas de arganém e outros enferrujados acessórios instalados na madeira sugerissem canhões de vinte e quatro libras.

Tendo visto a maca de soslaio ao entrar, Capitão Delano disse: “O senhor dorme aqui, Dom Benito?”

“Sim, *señor*, desde que o tempo fez-se ameno.”

“Parece uma espécie de dormitório, sala de estar, estoque de velas, capela, arsenal e vestíbulo, todos juntos, Dom Benito”, acrescentou Capitão Delano, olhando ao redor.

“Sim, *señor*; os acontecimentos não foram muito favoráveis à ordem em meus aposentos.”

Neste momento, o criado, de toalha em mãos, movimentou-se como esperasse apenas a vontade de seu senhor. Dom Benito correspondeu à presteza do criado quando, sentando-se na cadeira de ratã e, para conveniência do convidado, colocando-se do lado oposto a um dos canapés, o criado começou as operações

ao afrouxar o colarinho de seu senhor e soltar-lhe a gravata.

Existe algo no negro que o torna particularmente apto a servir. Os negros são, em sua maioria, criados e cabeleireiros natos, tão afeitos ao pente e à escova quanto às castanholas e cultivando-os com quase idêntica satisfação. Neles também existe uma sutileza de tato quanto ao uso desses instrumentos, o que realizam com um formidável, silencioso e leve vigor, a um só tempo particularmente belo e agradável de se observar e, ainda mais, de servir-lhe de objeto. E, acima de tudo, está o grande dom do bom humor. Não se remete, aqui, ao simples sorriso ou risada, estes não são apropriados. Trata-se, sim, de uma certa e fácil alegria, harmoniosa em cada mínimo gesto e olhar; como se Deus tivesse criado o negro em sua inteireza para uma agradável melodia.

Quando a isso se acrescenta a docilidade que surge do desinteressado contentamento de uma mente limitada e a suscetibilidade de ligação cega, por vezes inerente ao inferior categórico, percebe-se por que aqueles enfermiços, Johnson e Byron¹⁷ — talvez irmanados ao combalido Benito Cereno —, traziam no coração, a ponto de excluir deles praticamente toda a raça branca, seus criados, os negros Barber e Fletcher. No entanto, se algo existe no negro que o isenta do amargor de mentes mórbidas e

17 Samuel Johnson (1709-1784) crítico e escritor inglês, e Lord Byron (1788-1824) famoso poeta romântico. Ambos com ligações estreitas com seus criados negros Francis Barber e William Fletcher. (N.E.)

cínicas, como, em seus mais positivos atributos, deve ele parecer aos olhos de uma pessoa benevolente? Quando tranquilo no que dizia respeito às coisas exteriores, a natureza de Capitão Delano era não só benigna, mas bem-humorada e amigável. Em casa, muitas vezes tivera a rara satisfação de sentar-se à porta da entrada, observando homens de cor livres trabalhando ou brincando. Se, em viagem, tinha a oportunidade de ter consigo um marinheiro preto, invariavelmente estabelecia com este uma postura falante e brincalhona. De fato, como muitos homens de coração bom e feliz, Capitão Delano gostava dos negros, não filantrópica, mas espiritualmente, como outros homens se afeiçoavam a cães labrador.

Até então, as circunstâncias em que encontrara o *San Dominick* haviam reprimido no americano tal tendência. Contudo, no gabinete, aliviado de seu primeiro desconforto e, por muitas razões, mais inclinado à sociabilidade do que em qualquer outro momento do dia, além de ver o criado de cor, a toalha no braço, tão jovial diante de seu mestre e numa tarefa tão corriqueira quanto barbear, todo seu antigo fraco por negros veio à tona.

Entre outras coisas, Capitão Delano distraía-se com o estranho e ilustrativo caso do amor africano pelas cores fortes e os belos espetáculos, tomado do fato de o preto apanhar informalmente do baú de bandeiras um grande conjunto de flâmulas de todas as cores e colocá-las extravagantemente sob o queixo do senhor à guisa de avental.

O modo de barbear entre os espanhóis é um pouco diverso do existente em outras nações. Eles dispõem de

uma bacia, especificamente chamada de bacia de barbeiro, que de um lado é côncava, de modo a acolher o queixo com precisão no momento do ensaboar; o que se faz não com pincel, mas com uma pedra de sabão mergulhada na água da bacia e esfregada no rosto.

Na presente situação, utilizava-se água salgada, na falta de melhor; e as partes ensaboadas limitavam-se ao lábio superior e à garganta, mantendo-se todo o resto como barba cultivada.

Curioso diante de preparativos, em certa medida, desconhecidos, Capitão Delano permaneceu a observá-los, de modo que não se travou conversação, nem Dom Benito pareceu, então, disposto a renová-la.

Depondo a bacia, o preto procurou entre suas lâminas a mais afiada e, tendo-a encontrado, reforçou-lhe o fio, ao passá-la com experiência na pele firme, lisa e oleosa da palma de sua mão; em seguida, fez um gesto de quem iniciaria os trabalhos, porém a meio caminho suspendeu o movimento por um instante, com uma mão erguendo a lâmina, enquanto a outra umedecia profissionalmente o sabão das bolhas de espuma que cobriam o longo pescoço do espanhol. Não sem se deixar afetar pela visão do aço brilhante que se aproximava, Dom Benito tremeu nervosamente; sua palidez usual era reforçada pela espuma, cuja cor, por sua vez, se intensificava em contraste com a escuridão do corpo do negro. No conjunto, a cena tinha sua peculiaridade, ao menos para Capitão Delano: ao observar os dois assim postados, não resistiu ao devaneio, no qual o negro fazia as vezes de

carrasco, e o branco, de condenado ao cadafalso. Não era mais do que uma daquelas ideias bobas que aparecem e desaparecem num átimo e das quais é possível que mesmo as mentes mais bem reguladas não estejam de todo livres.

Enquanto isso, a agitação do espanhol soltara um pouco a bandeira a seu redor, de modo que uma ampla fralda desceu como uma cortina pelo braço da cadeira ao chão, revelando, em meio à profusão de barras armoriais e cores cruas — preto, azul e amarelo —, um castelo fechado num campo vermelho sangue em diagonal em relação a um leão empinado num campo branco.

“O castelo e o leão”, exclamou Capitão Delano — “ora, Dom Benito, é a bandeira da Espanha que usas aqui. Que bom que sou eu quem está aqui, não o rei!”, acrescentou, com um sorriso, “Mas” — voltando-se ao negro — “não importa, suponho, desde que as cores sejam alegres”, comentário jocoso que não deixou de agradar o negro.

“Agora, senhor”, disse ele, arrumando a bandeira e pressionando-lhe a cabeça gentilmente um pouco mais para trás na forquilha da cadeira; “agora, senhor”, e o aço aproximou-se da garganta.

Mais uma vez, Dom Benito tremeu levemente.

“O senhor não deve tremer. Veja, Dom Amasa, o senhor sempre treme quando faço a barba nele. E, no entanto, o senhor sabe que eu nunca derramei sangue, embora seja verdade que, se o senhor tremer demais, pode ser que aconteça um dia desses. Agora, senhor”,

prosseguiu. “E agora, Dom Amasa, por favor continue com sua conversa sobre o vendaval e tudo aquilo; o senhor pode ouvir e, uma vez ou outra, pode responder.”

“Ah, claro, esses vendavais”, disse Capitão Delano; “mas quanto mais penso em sua viagem, Dom Benito, mais penso, não nos vendavais, terríveis como devem ter sido, mas no desastroso intervalo que se sucedeu entre eles. Pois aqui, segundo seu relato, o senhor levou uns dois meses ou mais dobrando o Cabo Horn em direção a Santa Maria, distância que eu mesmo, com bom vento, velejei em poucos dias. É verdade que experimentou as calmarias, e bem longas, mas ficar sob uma calmaria por dois meses — isso é, no mínimo, incomum. Ora, Dom Benito, tivesse qualquer outro cavalheiro me relatado tal história, creio que estaria mais ou menos inclinado a recebê-la com alguma incredulidade.”

Uma expressão involuntária, então, tomou conta do rosto do espanhol, semelhante a que acabara de assaltá-lo no convés; e se foi um susto, ou um súbito e desajeitado agitar do casco na calmaria, ou uma momentânea instabilidade da mão do criado, a despeito do que fosse, naquele instante a lâmina derramou sangue, cujas manchas marcaram a espuma cremosa de sob a garganta. O barbeiro negro afastou prontamente a lâmina e, sem perder a postura profissional, de costas para Capitão Delano e de frente para Dom Benito, ergueu a lâmina que gotejava e disse, numa espécie de lamento bem-humorado, “Veja só, senhor, o senhor tremeu, é o primeiro sangue de Babo”.

Nenhuma espada que se desembainhasse na presença de Jaime I¹⁸ da Inglaterra, nenhum assassinato que se cometesse diante daquele rei tão medroso, teria produzido mais horror em sua frente do que o então estampado no semblante de Dom Benito.

Pobre sujeito, pensou Capitão Delano, tão nervoso que não suporta sequer a visão do sangue no barbeiro; e esse homem destemperado e doente, como pude ter imaginado que ele pretendia derramar todo o meu sangue, se não é capaz de aguentar a visão de nem mesmo uma gota do seu próprio? É certo, Amasa Delano: hoje você esteve fora de si. Não vá contar o que se passou quando chegar em casa, Amasa, seu bobo. Ora, ora, ele parece um assassino, não parece? Mas está mais para a vítima. Bem, a experiência de hoje há de deixar uma boa lição.

Enquanto essas coisas passavam pela cabeça honesta do homem do mar, o criado tomara da toalha de seu braço, e a Dom Benito dissera, "Apenas responda a Dom Amasa, por favor, senhor, enquanto limpo essa coisa feia da lâmina e a afio de novo".

Disse essas palavras com o rosto um tanto virado, de modo a ficar igualmente visível para o espanhol e o americano e parecer por seu semblante sugerir que ele estava compadecidamente desejoso, ao fazer com que seu senhor prosseguisse na conversa, de desviar sua

18 Jaime I, ou *James the first of England* no original (1566-1625) (N.E.)

atenção do recente e aborrecido incidente. Feliz de agarrar o alívio oferecido, Dom Benito retomou a conversa. Relatou a Capitão Delano que não apenas as calmarias tiveram duração inusitada, como o navio fora vítima de fortes correntes, além de outras coisas que nada mais eram do que a repetição de afirmações anteriores; explicando, assim, como lhes sucedera que a dobragem do cabo Horn para Santa Maria tivesse sido tão excessivamente longa; misturando a suas palavras, vez por outra, elogios incidentais, não tão precisos quanto antes, aos pretos, por sua boa conduta em geral.

Tais pormenores não se deram sem interrupção, o criado, em momentos apropriados, usou de sua lâmina, e assim, entre os intervalos do barbear, a história e pagnégirico prosseguia com mais do que a esforçada e usual rouquidão.

Para a imaginação de Capitão Delano, mais uma vez um tanto intranquila, havia algo tão vazio nos modos do espanhol, somado à aparente vacuidade recíproca do silêncio sombrio com que o criado pontuava a conversa, que se acendeu um pensamento em sua mente, talvez senhor e criado, por alguma razão desconhecida, encenassem, tanto em palavras quanto em gestos, chegando ao próprio tremor dos membros de Dom Benito, alguma farsa diante de si. Nem mesmo a suspeita de conspiração estava desprovida de aparente apoio, a julgar pelas conferências sussurradas outrora mencionadas. Mas, então, qual seria o objetivo da peça do barbeiro? Chegando finalmente à conclusão de que a ideia não

passava de um capricho, inconscientemente sugerido, quiçá, pelo aspecto teatral de Dom Benito em sua bandeira arlequinal, Capitão Delano de pronto a descartou.

Terminado o barbear, o criado serviu-se de uma pequena garrafa de água de cheiro e destilou umas poucas gotas na cabeça do senhor para, em seguida, diligentemente a esfregar. O vigor do exercício fez com que os músculos do rosto de Dom Benito se retesassem um tanto estranhamente.

O procedimento seguinte contou com tesouras, pente e escova. Estes percorreram a cabeça de Dom Benito controlando um cacho aqui, podando a pelugem ingovernável de uma suíça ali, obsequiando as madeixas da têmpera com um gracioso penteado acolá, entre outros toques improvisados que manifestavam a mão de um mestre; enquanto, como qualquer cavalheiro resignado nas mãos de um barbeiro, Dom Benito suportava tudo com muito menos desconforto, ao menos em comparação com o exercício da lâmina; a bem da verdade, o espanhol permanecia tão pálido e rígido que o negro mais parecia um escultor núbio¹⁹ terminando uma cabeça de estátua branca.

Com tudo concluído, a insígnia espanhola removida, amassada e jogada de volta ao baú de bandeiras, o bafejar quente do negro soprando quaisquer cabelos

19 Referente aos habitantes da região Núbia, onde, na antiguidade, se desenvolveu a mais antiga civilização negra da África. Área que corresponde ao sul do Egito e norte do Sudão.

perdidos que pudessem ter se alojado no pescoço do senhor; a gravata e colo de camisa recompostos; e uma pequena mecha de cabelo, removida da lapela de veludo, por fim, dando um passo para trás e parando com uma expressão de moderada autocomplacência, o criado por um momento observou seu senhor, como se, ao menos na toalete, fosse a criatura de suas próprias e refinadas mãos.

Em tom de brincadeira, Capitão Delano cumprimentou-o por sua realização, sem deixar de parabenizar Dom Benito.

Mas nem a água de cheiro, nem a massagem, nem a fidelidade ou a sociabilidade agradavam ao espanhol. Ao vê-lo entregar-se a uma melancolia paralisante, sem que se levantasse, Capitão Delano, entendendo ser sua presença, então, indesejada, retirou-se, sob o pretexto de ver se, tal como havia profetizado, eram visíveis quaisquer sinais de brisa.

Enquanto caminhava ao mastro principal, dedicou à cena alguns pensamentos, e não sem um vago sentimento de apreensão, quando escutou um ruído próximo ao gabinete e, voltando-se, viu o negro com a mão no rosto. Avançando em sua direção, Capitão Delano percebeu que seu rosto sangrava. Ele estava a ponto de lhe perguntar a causa, quando o choroso solilóquio do negro o esclareceu.

“Ah, quando o senhor vai melhorar de seu mal-estar; só o coração amargo que alimenta essa amargura faz ele tratar Babo assim; cortar Babo com a lâmina, só

porque, por um acidente, Babo fez um arranhão pequeno no senhor; e pela primeira vez, depois de tantos dias. Ai, ai, ai”, mantendo a mão no rosto.

É possível?, pensou Capitão Delano; terá sido para dar azo à sua malícia espanhola contra seu pobre amigo que Dom Benito, a seu modo sombrio, fez com que me retirasse? Ah, essa escravidão alimenta paixões horríveis num homem. Pobre sujeito!

Estava pronto a consolar o negro, mas este, com timorata relutância, entrou novamente no gabinete.

Em seguida, senhor e criado saíram; com Dom Benito amparado pelo criado como se nada tivesse acontecido.

Enfim, era só uma espécie de briga amorosa, pensou Capitão Delano.

O americano dirigiu-se a Dom Benito, e ambos caminharam lentamente juntos. Haviam dado poucos passos, quando o taifeiro — um mulato alto com ares de rajá, impressão acentuada por seu turbante, alto como uma pagoda e feito, à maneira oriental, de três ou quatro lenços de Madras que lhe envolviam, camada sobre camada, a cabeça —, aproximando-se com um rapapé, anunciou o almoço na cabine.

Ao longo do percurso, os capitães foram precedidos pelo mulato, que, virando-se à medida que avançava, com sorrisos e deferência contínuos, conduziu ambos numa exibição de elegância que apenas consumava a insignificância de Babo, baixo e humilissimamente vestido, que, como não fosse de todo inconsciente de

sua inferioridade, olhava com desconfiança o gracioso taifeiro. Em parte, porém, Capitão Delano imputava aquele enciumado desvelo ao sentimento tão particular que um africano puro conserva em relação ao adulterado. Quanto ao taifeiro, seus modos, se não indicavam, por um lado, a dignidade inerente ao amor-próprio, ao menos evidenciavam seu extremo desejo de agradar; o que não só é duplamente meritório, como digno, a um só tempo, de Cristo e de Chesterfield²⁰.

Com interesse, Capitão Delano observou que, embora houvesse hibridez nas feições do mulato, sua fisionomia era europeia, de um tipo clássico.

“Dom Benito”, sussurrou ele, “fico feliz de ver esse seu Cavalheiro Ostiário do Bastão Dourado; sua figura refuta um terrível comentário que certa feita me dirigiu um latifundiário de Barbados; segundo o qual, quando um mulato tem as feições comuns ao rosto europeu, é melhor se precaver, pois é um demônio. Nota, porém, que teu taifeiro tem traços mais harmoniosos que os de Jorge, da Inglaterra; e, no entanto, faz meneios, trata com deferência e sorri; um rei, sem dúvida alguma, rei da cordialidade e da educação. Que voz agradável ele tem, não?”

“Ele tem, *señor*.”

“Mas me diga, não tem ele se mostrado, tanto

20 Capitão Delano coloca como um paradoxo ser cristão e seguir as ideias de Philip Dormer Stanhope, 4º Conde de Chesterfield (1694 – 1773), que dizia que a aparência moral é mais importante a moralidade em si. (N.E.)

quanto o conhece, um sujeito bom e digno de confiança?”, perguntou Capitão Delano, interrompendo-se, enquanto, depois de uma genuflexão final, o taifeiro desaparecia cabine adentro, “Por favor, pela já referida razão, estou curioso por saber.”

“Francesco é um bom homem”, respondeu um tanto indolentemente Dom Benito, como um apreciador fleumático, que não lhe encontrasse defeito, nem o que se pudesse elogiar.

“Ah, foi o que pensei. Pois seria de fato estranho, e não muito digno de fé para nós, de pele branca, que um pouco de nosso sangue misturado ao dos africanos pudesse, longe de melhorar as qualidades do último, ter efeito semelhante ao da combinação de ácido vitriólico em caldo negro — apurando a cor, talvez, mas não a integridade.”

“Sem dúvida, sem dúvida, *señor*, mas” — olhando para Babo — “sem falar nos negros, já vi o comentário do seu latifundiário aplicado à mestiçagem de espanhóis e índios em nossas províncias. Mas nada sei sobre o assunto”, acrescentou, letárgico.

E, assim, entraram na cabine.

O almoço foi frugal. Um pouco do peixe fresco e das abóboras de Capitão Delano, biscoito e charque, a cidra guardada para a ocasião, e a última garrafa de vinho-das-canárias a bordo do *San Dominick*.

Quando entraram, Francesco, com dois ou três ajudantes de cor, caminhava em torno da mesa ocupado dos ajustes finais. Ao perceber a presença de seu senhor,

todos se afastaram, com Francesco oferecendo um sorridente meneio, e o espanhol enfadado, sem lhe dar a mínima atenção, comentando a seu auxiliar que não lhe agradava criadagem supérflua.

Sem os serviçais, anfitrião e convidado sentaram-se, como um casal sem crianças, de lados opostos da mesa. Dom Benito indicou a Capitão Delano o lugar, e, fraco como estava, insistiu que o cavalheiro se sentasse primeiro.

O negro colocou um cobertor sob os pés de Dom Benito e um travesseiro atrás de suas costas; em seguida, postou-se atrás, não da cadeira de seu senhor, mas de Capitão Delano. De início, isto causou certa surpresa ao americano; no entanto, logo ficou claro que, ao tomar tal posição, o preto apenas reforçava a fidelidade ao senhor, uma vez que, frente a frente com este, poderia mais prontamente antecipar-lhe o menor desejo.

“É um sujeito incrivelmente inteligente, Dom Benito”, sussurrou Capitão Delano à mesa.

“É verdade, *señor*.”

Durante o repasto, o convidado outra vez retomou trechos da história de Dom Benito, pedindo pontualmente maiores detalhes. Perguntou como o escorbuto e a febre poderiam ter acarretado tão indiscriminada devastação entre os brancos e ceifado menos de metade dos negros. Como a pergunta lhe colocasse outra vez toda a catástrofe diante dos olhos, recordando-o miseravelmente de sua solidão numa cabine onde antes tivera tantos amigos e oficiais ao redor, sua mão tremeu, seu rosto perdeu a cor, palavras truncadas lhe escapuliram,

e a memória saudável do passado parecia substituída pelos loucos terrores do presente. Com os olhos injetados, ele mirava o vazio diante de si, quando nada se via além da mão do criado servindo-lhe o vinho-das-canárias. Finalmente, umas poucas bebericadas serviram para restaurá-lo parcialmente; e, então, fez menção sem propósito às diferenças de constituição das raças, que levavam umas a oferecer mais resistência a certos males do que outras. O pensamento era novo para seu conviva.

Em seguida, interessado em tratar com seu anfitrião do aspecto pecuniário dos negócios que lhe prometera, em especial — já que era estritamente honesto com os proprietários de sua embarcação — os relativos a um novo jogo de velas e a outras coisas do gênero; e preferindo, naturalmente, conduzir tais negócios em ambiente privado; Capitão Delano desejou que o criado deixasse o recinto. Imaginava o americano que, por alguns poucos minutos, Dom Benito pudesse prescindir de seu auxílio. No entanto, esperou um pouco: sua ideia era de que, durante a conversação, Dom Benito, sem ser instado, perceberia a propriedade da decisão.

Mas tudo se deu de outro modo. Encontrando, por fim, os olhos do convidado, Capitão Delano apontou para trás com um discreto gesto de dedão e sussurrou, “Dom Benito, peço desculpas, mas sinto que algo interfere na clareza do que desejo dizer”.

Dito isto, o semblante do espanhol se transformou, o que se atribuiu à contrariedade ante a sugestão, como se desta fosse possível, em alguma medida, inferir opi-

nião sobre o criado. Depois de um instante de hesitação, o espanhol garantiu a seu convidado que a permanência do preto não seria desserviço; pois, desde que perdera seus oficiais, fizera de Babo (cuja função original, ao que parecia, fora a de capitão dos escravos) não só seu criado e companheiro de todas as horas, mas em tudo seu confidente.

Depois disso, nada mais podia ser dito; embora Capitão Delano mal conseguisse disfarçar a pequena dose de irritação que sentia por não ter sido contemplado numa vontade tão banal por alguém a quem pretendia prestar tão sólidos serviços. Mas isso é apenas sua rabugice, pensou ele; então, enchendo o copo, procedeu com os negócios.

O preço das velas e de outros materiais foi fixado. Mas, enquanto isso se fazia, o americano notou que, embora sua oferta original de assistência tivesse sido saudada com enorme alegria, agora que ela se reduzia a uma transação mercantil, faziam-se notar indiferença e apatia. Na verdade, Dom Benito parecia submeter os detalhes à escuta mais por respeito aos bons modos do que por qualquer impressão de que se traziam à baila grandes benefícios para si e sua viagem.

Não tardou para que sua postura se tornasse ainda mais reservada. O esforço de tentar atraí-lo para uma conversa social foi vão. Moído pela melancolia, Dom Benito limitou-se a cofiar a barba, enquanto a mão de seu criado, postado à parede e mudo como ele, lenta e inutilmente lhe empurrava o vinho-das-canárias.

Com o fim do almoço, eles se sentaram na trave acolchoada; não sem antes o criado colocar um travesseiro às costas de seu senhor. A longa duração da calmaria afetava, então, a atmosfera. Dom Benito suspirou pesadamente, como se procurasse ar.

“Por que não descansamos no gabinete”, disse Capitão Delano, “há mais ar ali.” O anfitrião, porém, permaneceu imóvel e em silêncio.

Enquanto isso, o criado ajoelhou-se aos pés do espanhol, com um grande abanador de penas. E Francesco, entrando discretamente, entregou ao negro um pequeno copo de água de cheiro, com a qual esfregava de tempo em tempo a fronte de seu senhor; alisando-lhe o cabelo ao longo das têmporas como uma ama faz com uma criança. Ele nada disse. Apenas manteve os olhos nos de seu senhor, como se, em meio a todo o sofrimento de Dom Benito, pudesse aliviar-lhe um pouco o espírito com o silencioso olhar da fidelidade.

O sino do navio soou, então, duas horas; e através das janelas da cabine discerniu-se um leve marulhar do mar indicando a direção desejada.

“Ali”, exclamou Capitão Delano, “eu disse, Dom Benito, olha!”

Tinha se posto de pé, falando com bastante animação diante da visão, que, antes, deveria ter erguido seu anfitrião. Mas, embora a cortina escarlate da janela de popa, então próxima a ele, esvoaçasse contra seu rosto pálido, Dom Benito parecia ainda menos contente pela brisa do que pela calmaria.

Pobre sujeito, pensou Capitão Delano, o amargor da experiência o ensinou que um marulhar não faz o vento, não mais do que uma andorinha o verão. Mas ele está enganado. Pilotarei o navio em seu lugar e o provarei.

Aludindo brevemente a sua condição enfraquecida, exortou que o anfitrião permanecesse onde estava, sem praticar esforço, já que ele (Capitão Delano) assumiria com prazer e em sua própria pessoa a responsabilidade de fazer o melhor uso do vento.

Ao ganhar o convés, Capitão Delano deparou-se com a inesperada figura de Atufal, parada monumentalmente à porta, como um daqueles porteiros em mármore negro que guardam os alpendres das tumbas egípcias.

Mas é possível que o susto, então, tenha sido puramente físico. A presença de Atufal, atestando singular docilidade mesmo em sua teimosia, contrastava com a dos polidores de machadinha, que manifestavam pacientemente seu trabalho. Ambos os panoramas mostravam que, por mais relaxada que a autoridade geral de Dom Benito pudesse ser, quando decidia exercê-la, não havia homem, por mais colossal ou selvagem, que não se lhe curvasse.

Tomando de uma trombeta pendurada na amurada, com a passada desimpedida Capitão Delano avançou ao extremo frontal da popa, proferindo ordens em seu melhor espanhol. Alguns poucos marinheiros e muitos negros, todos igualmente felizes, obedientemente se organizaram para levar o navio ao porto.

Enquanto dava instruções para que se desfraldasse um cutelo baixo, Capitão Delano foi surpreendido por uma voz que lhe repetia fielmente as ordens. Voltando-se, viu Babo, agora interpretando, sob a autoridade do piloto, seu papel original de capitão dos escravos. Sua assistência provou-se valiosa. Às velas rasgadas e vergas deformadas logo se deu algum acabamento. Nenhuma braça ou adriça se puxou senão ao som das alegres canções dos negros vivazes.

Bons sujeitos, pensou Capitão Delano, com um pouco de treinamento faria de todos bons marinheiros. Ora, mesmo as mulheres puxam e cantam. Essas devem ser algumas daquelas negras axânti,²¹ amazonas de primeira qualidade, segundo ouvi. Mas quem está ao leme? Preciso de um bom marinheiro ali.

Ele saiu para verificar.

As manobras do *San Dominick* se faziam em um leme desajeitado, ao qual se ligavam enormes molinetes horizontais. À ponta de cada molinete permanecia um preto subordinado e, entre estes, à cabeça do leme, o responsável pelo posto, um marinheiro espanhol, cujo semblante manifestava seu quinhão na esperança e na confiança que se disseminavam com a chegada da brisa.

Era o mesmo homem que se comportara com ar tão constrangido no sarilho.

“Ah! É você, meu homem”, exclamou Capitão

21 Etnia da região de Ashanti, na atual Gana. (N.E.)

Delano. "Pois bem, sem mais aquele acanhamento bovino, olhos à frente, e navio no mesmo curso. Você é um bom marinheiro, suponho? Quer chegar ao porto, não?"

O homem assentiu com um riso disfarçado, enquanto agarrava com firmeza a cabeça do leme. Sem que o americano percebesse, os dois pretos observavam atentamente o marinheiro.

Encontrando ordem ao leme, o piloto seguiu à frente, rumo ao castelo de proa, para saber como andavam as coisas por ali.

O navio agora tinha velocidade o bastante para enfrentar a corrente contrária. Com a aproximação do entardecer, a brisa certamente aumentaria.

Tendo feito todo o necessário até então e municiando os marinheiros com as últimas ordens, Capitão Delano dirigiu-se à popa para relatar a situação a Dom Benito na cabine; talvez ainda mais estimulado a fazê-lo pela esperança de roubar-lhe um momento de privacidade enquanto o criado se ocupava do convés.

Havia, abaixo da popa e de lados opostos, duas maneiras de se chegar à cabine; uma com entrada mais à proa que a outra e, conseqüentemente, comunicando-se com um corredor mais longo. Ao notar a presença do criado ainda ao cordame, Capitão Delano tomou com celeridade o caminho mais próximo, justamente o mais longo, em cuja entrada Atufal ainda estava, até que, chegando ao batente da cabine, parou um instante, um pouco para recobrar-se de sua ansiedade. Então, com as palavras do assunto pretendido nos lábios, o americano

entrou. Enquanto caminhava na direção do espanhol, sentado, escutou outros passos, em velocidade idêntica aos seus. Da porta oposta, com uma bandeja em mãos, o criado também chegava.

Maldito sujeito fiel, pensou Capitão Delano; que coincidência irritante.

Possivelmente, a irritação teria sido algo diversa, não fosse pela viva confiança inspirada pela brisa. Mas mesmo então, sentiu uma leve pontada, a partir de uma súbita e vaga relação que sua mente produzira entre Babo e Atufal.

“Dom Benito”, disse ele, “trago-lhe boas notícias, o vento é firme, e sua intensidade será maior. A propósito, teu homem forte e pontual, Atufal, está à porta. A tuas ordens, suponho?”

Dom Benito encolheu-se, como em resposta a alguma leve sugestão satírica, tão habilmente ornada de aparente cortesia que não dava lugar a réplica.

É como se tivesse sido depelado vivo, pensou Capitão Delano; onde pode alguém tocá-lo sem que se encolha?

O criado movimentou-se diante de seu senhor, ajeitando-lhe um travesseiro; convocado à civilidade, o espanhol replicou rigidamente, “O senhor está certo. O escravo ali está pois assim lhe foi ordenado: se a determinada hora me encontro na cabine, ele deve tomar seu lugar e estar presente à minha chegada.”

“Ah, ora, perdoa-me, mas isso é tratar o pobre sujeito como um ex-rei de fato. Ah, Dom Benito”, sorrin-

do, “apesar de toda a liberdade que dá em certas coisas, temo que, no fundo, seja um senhor deveras duro.”

Mais uma vez, Dom Benito encolheu-se; e então, como o bom marinheiro pensou, a partir de uma genuína pontada em sua consciência.

Mais uma vez a conversação restringiu-se. Foi em vão que Capitão Delano chamou a atenção do espanhol ao já perceptível movimento da quilha que gentilmente singrava o mar; com um olhar ao qual faltava o brilho, Dom Benito dirigiu-lhe poucas e lacônicas palavras.

Nesse meio tempo, com o aumento constante da intensidade do vento, que soprava na direção do ancoradouro, o *San Dominick* seguiu seu rumo. Volteando um braço de terra, o caça-focas surgiu à distância.

Enquanto isso, Capitão Delano mais uma vez retornou ao convés, permanecendo ali algum tempo. Tendo por fim alterado o curso do navio e abrindo, desse modo, ampla distância ao recife, o americano retornou por alguns instantes à cabine.

Alegrarei meu pobre amigo desta vez, pensou.

“Cada vez melhor, Dom Benito”, exclamou ele, ao entrar na cabine alegremente; “logo daremos um fim a suas preocupações, ao menos por ora. Pois o senhor bem sabe, quando, depois de uma longa e triste viagem, larga-se âncora no ancoradouro, todo seu vasto peso parece erguer-se do coração do capitão. Nosso avanço é admirável, Dom Benito. Meu navio está à vista. Olha através desta abertura lateral aqui, lá está ele, amarrado e retesado! É o *Bachelor's Delight*, meu bom amigo. Ah,

como esse vento nos revigora. Vem, tomarás uma xícara de café comigo esta noite. Meu velho taifeiro oferecerá uma xícara boa como sultão algum jamais experimentou. O que diz, Dom Benito? O senhor vem?”

De início, o espanhol ergueu ligeiramente os olhos febris, lançando um ansioso olhar na direção do caçafocas, enquanto com muda preocupação o criado lhe investigava o semblante. De repente, a costumeira febre gelada retornou; caindo de volta sobre os travesseiros, ele nada disse.

“Não responda. Venha, o senhor foi meu anfitrião todo o dia; a hospitalidade permanecerá de um só lado?”

“Não posso ir”, foi a resposta.

“O quê? Mas isso não vai fatigá-lo. Os navios ficarão tão próximos quanto puderem, sem balançar um de encontro ao outro. Será pouco mais que saltar de convés a convés; o que não é mais do que ir de quarto a quarto. Venha, venha, o senhor não deve recusar-me o convite.”

“Não posso ir”, repetiu Dom Benito, com decisão e nojo.

Renunciando àquilo que não diferia do próprio retrato da cortesia com uma espécie de casmurrice cadavérica e roendo as unhas finas a ponto de sangrar os dedos, ele olhou seu convidado de relance, quase ferozmente, como demonstrasse impaciência diante da presença do estranho, que interferia em sua total entrega à morbidez. Enquanto isso, surgia pela janela, em seu alegre marulhar, o som das águas que o navio singrava; como se o reprovasse por sua lúgubre melancolia; como se lhe

dissesse que, apesar de soturno e enfurecido, a natureza não lhe era indiferente; afinal, de quem era a culpa, por obséquio? Acompanhando, porém, a força do vento, seu humor medonho atingiu intensidade máxima.

Havia algo no espanhol que ia tão além da mera misantropia e do amargor previamente manifestos, que mesmo o resistente bom humor de seu convidado já não o conseguia tolerar. Absolutamente perplexo diante de tais modos e julgando ser a combinação de doença e excentricidade, ainda que extrema, uma desculpa inadequada, sem falar que nada em sua própria conduta poderia justificá-lo, o orgulho de Capitão Delano começou a aflorar. O americano, então, calou-se. Mas sua reserva nada parecia significar ao espanhol. Retirando-se, por fim, Capitão Delano retornou ao convés.

O navio estava agora a menos de duas milhas do caça-focas. Entre um e outro, via-se o bote baleeiro, veloz.

Enfim, as duas embarcações, graças à habilidade do piloto, não tardaram a ter as âncoras lançadas uma ao lado da outra, como fossem duas casas vizinhas.

Antes de retornar a seu próprio navio, Capitão Delano teve a intenção de comunicar a Dom Benito os pormenores dos serviços a serem executados. Sem disposição, porém, de sujeitar-se a recusas deseducadas, decidiu, agora que viu o *San Dominick* ancorado e a salvo, deixar a embarcação imediatamente, sem qualquer alusão maior à hospitalidade ou a negócios. Postergando indefinidamente planos subsequentes, regularia suas

ações futuras ao sabor das circunstâncias futuras. Seu bote estava pronto para recebê-lo; mas seu anfitrião ainda se demorava na cabine. Pois bem, pensou Capitão Delano, se ele demonstra pouca educação, mais necessário se faz que demonstre a minha. Ele desceu a cabine para um adeus formal e, se possível, delicadamente crítico. Para sua grande satisfação, porém, como sentisse o peso daquele tratamento com o qual seu convidado negligenciado não indecorosamente o retalhara, Dom Benito, apoiando-se agora em seu criado, pôs-se de pé e, apertando a mão de Capitão Delano, permaneceu trêmulo, agitado demais para falar. Mas o bom presságio que disso resultou logo se desfez, ao recobrar sua reserva prévia com ainda mais acentuada melancolia e, com olhos um tanto esquivos, silenciosamente voltar a seus travesseiros. Devolvendo-lhe a frivolidade expressa, Capitão Delano curvou-se em deferência e deixou o recinto.

Ele não havia percorrido metade do corredor estreito, escuro como um túnel, que ligava a cabine à escada, quando um som, não diverso do dobrar de um sino que anunciasse a execução de um prisioneiro no pátio da prisão, chegou-lhe aos ouvidos. Era o eco do sino quebrado do navio, que marcava a hora e reverberava assustadoramente na câmara subterrânea. De pronto, por uma fatalidade à qual não ofereceu resistência, sua mente, atenta a tal agouro, encheu-se de suspeitas supersticiosas. Ele parou. Em imagens ainda mais rápidas do que estas frases, recaíram sobre ele todos os mínimos detalhes de suas primeiras suspeitas.

Até então, sua boa natureza crédula tinha prontamente oferecido desculpas para medos razoáveis. Por que o espanhol, tão superfluamente meticuloso às vezes, agora fazia pouco da boa educação ao não acompanhar seu convidado que partia? A indisposição o impedia? A indisposição não o tinha eximido, naquele dia, de esforços mais aborrecidos. Sua última e ambígua demonstração veio-lhe à mente. Ele levantara-se, apertara a mão do convidado, movimentara-se na direção do chapéu; e então, num instante, tudo se eclipsou em melancolia e um sinistro mutismo. Aquilo por acaso dizia respeito a uma breve e tardia mudança de planos, o arrependimento por algum vil stratagem, seguido de uma reafirmação dele, sem qualquer remorso? Seu último olhar parecia expressar um funesto e, no entanto, conformado adeus a Capitão Delano para sempre. Por que recusar o convite para visitar o caça-focas naquela noite? Ou era o espanhol menos endurecido que o judeu, que não recusava cear ao lado daquele que na mesma noite pretendia trair? O que significavam aquelas contradições e enigmas do dia inteiro, senão que tinham a função de obscurecer e confundir, introduzindo, assim, algum golpe furtivo? Atufal, o suposto rebelde, mas sombra pontual, naquele instante espreitava no batente do lado de fora. Parecia uma sentinela; talvez fosse mais. Quem confessaria ter ordenado que permanecesse ali? O negro estava a postos para um ataque?

O espanhol atrás — sua criatura à frente: correr da escuridão para a luz era a escolha involuntária.

No instante seguinte, de mão e mandíbula cerradas, passou por Atufal e pôs-se, a salvo, sob a luz. Quando viu seu navio aparelhado e tranquilamente fundeado no ancoradouro, quase à distância de um simples chamado; quando viu seu bote caseiro e os rostos conhecidos dentro dele, pacientemente surgindo e descendo, sob o efeito das pequenas ondas, próximo ao costado do *San Dominick*; e então, observando as cobertas em que estava, viu os desfiadores de calafeto ainda ocupando diligentemente os próprios dedos; e escutou o assovio baixo, o murmurar industrioso dos polidores de machadinha, ainda aplicados a seu trabalho sem fim; e mais do que tudo, quando viu o aspecto benigno da natureza, com seu inocente repouso no anoitecer; o sol oculto no espaço tranquilo do oeste, brilhando como a luz leve da tenda de Abraão; quando seus olhos e ouvidos, encantados, atentaram a tudo isso, juntamente com a figura agrilhoadada do negro, suas mãos e a mandíbula cerradas relaxaram. Mais uma vez, ele sorriu para os fantasmas que o caçoavam e sentiu algo como uma ponta de remorso, ao acolhê-los ainda que por um instante, era como se demonstrasse uma dúvida quase ateísta da sempre diligente Providência celestial.

Houve alguns minutos de atraso, enquanto, em obediência a suas ordens, o bote era preso ao lado do passadiço. Durante esse intervalo, uma espécie de triste satisfação acometeu Capitão Delano, ao pensar nos bons oficiais que naquele dia empenhara por um estranho. Ah, pensou ele, depois de realizadas boas ações,

nossa consciência jamais demonstra ingratidão, ainda que ingrata seja a parte beneficiada.

Em seguida, com seu pé apoiado no primeiro degrau da escada de portaló ao primeiro ato de descer ao bote, seu rosto voltou-se ao convés. No mesmo instante, escutou seu nome ser chamado com cortesia; e, para sua agradável surpresa, viu Dom Benito avançar ostentando uma incrível vitalidade, como se, no último instante, tivesse a intenção de produzir reparos a sua recente descortesia. Com instintiva bondade, Capitão Delano, tirando o pé da escada, virou-se e avançou em sua direção. Ao fazê-lo, a avidez nervosa do espanhol aumentou, mas faltou-lhe a energia vital; de modo que, para melhor ampará-lo, o criado, colocando a mão de seu senhor sobre seu ombro nu, e gentilmente segurando-a ali, fez as vezes de muleta.

Quando os dois capitães se encontraram, o espanhol mais uma vez tomou fervorosamente da mão do americano, ao mesmo tempo em que lançava um olhar sincero e determinado aos seus olhos, mas como antes, muito comovido para falar.

Eu o levei a mal, pensou Capitão Delano em tom de autorreprimenda; sua aparente frieza enganou-me, em nenhum momento teve ele intenção de ofender-me.

Enquanto isso, como se temesse que o prolongamento da cena pudesse fatigar demais seu senhor, o criado pareceu ansioso para encerrá-la. E assim, ainda apresentando-se como uma muleta, e caminhando entre os dois capitães, avançou com eles na direção do

passadiço; enquanto Dom Benito, como estivesse repleto de gentil arrependimento, não deixava a mão de Capitão Delano, mantendo-a presa a sua, diante do corpo do negro.

Logo estavam eles de pé na amurada, olhando de cima para o bote, cuja tripulação lhes voltava olhares curiosos. Esperando um momento pelo espanhol soltá-lo, o então constrangido Capitão Delano levantou o pé para repousá-lo na soleira da abertura do passadiço; não obstante o gesto, Dom Benito não lhe soltava a mão. E com um tom de voz agitado, disse ele, “Não posso ir além; aqui preciso dizer-te adeus. Adeus, adeus, meu caro, caríssimo, Dom Amasa. Vá...— vá!”, soltando de súbito sua mão, “vá, e que Deus o guarde melhor do que a mim, meu grande amigo.”

Não sem emocionar-se, Capitão Delano teria se demorado; deparando, contudo, com o olhar de advertência e submissão do criado, desceu ao bote com um rápido adeus, seguido pela interminável despedida de Dom Benito, que permanecia plantado no passadiço.

Sentado à popa, Capitão Delano, depois de uma última medida, ordenou que o bote partisse. A tripulação tinha os remos erguidos. O proeiro empurrou o bote a suficiente distância para que os remos fossem inteiramente descidos. Tão logo se fez isso, Dom Benito saltou pela amurada, caindo aos pés de Capitão Delano; ao mesmo tempo gritando na direção do navio, mas num tom tão agitado que ninguém no bote era capaz de compreendê-lo. Mas, como os gritos não lhes fossem

tão obscuros, três marinheiros, de três diferentes e distantes partes do navio, saltaram ao mar, nadando na direção de seu capitão, como se intentassem resgatá-lo.

O oficial do bote, perplexo e assustado, perguntou o que significava aquilo. Ao que Capitão Delano, dirigindo um sorriso desdenhoso ao inexplicável espanhol, respondeu que, de sua parte, não sabia nem se preocupava em sabê-lo; mas que era como se Dom Benito tivesse em mente produzir a impressão entre seus homens de que o bote quisesse sequestrá-lo. "Remem, remem por suas próprias vidas!", acrescentou, aos berros, assustado com o tumulto barulhento no navio, acima do qual soavam em tom de alarme os polidores de machadinhas; e agarrando Dom Benito pela garganta, disse, "este pirata traiçoeiro significa assassinato!" Nesse instante, numa aparente confirmação de suas palavras, o criado, com uma adaga na mão, foi visto na amurada acima, no ato de saltar, como que em desesperada fidelidade para estar até o fim ao lado de seu senhor; enquanto, aparentemente para ajudar o preto, os três marinheiros brancos tentavam agarrar-se e subir pela proa obstruída. Enquanto isso, todo o grupo de negros, como que inflamados diante de seu capitão ameaçado, surgia numa escura avalanche na amurada.

Tudo isso, com o que o precedeu, e o que o seguiu, ocorreu com tal confusão e rapidez, que passado, presente e futuro pareciam um só.

Vendo o negro chegar, Capitão Delano jogara o espanhol ao lado, quase concomitantemente ao ato de

agarrá-lo e, por um recolher-se inconsciente, mudando de lugar, com os braços para cima, agarrou o criado em sua descida, este com uma adaga apontada ao coração de Capitão Delano, como tivesse saltado com aquele alvo em vista. Mas a arma foi lançada longe, e o assaltante caiu no fundo do bote, que agora, com os remos desimpedidos, ganhava velocidade.

A essas alturas, a mão esquerda de Capitão Delano, de um lado, mais uma vez agarrou Dom Benito, semirreclinado, sem perceber que ele recaía numa fraqueza quase sem palavras, enquanto seu pé direito, do outro lado, mantinha o negro prostrado no fundo do bote; seu braço direito pedia mais velocidade ao remo de popa; seus olhos permaneciam voltados à frente, enquanto alentava ao máximo seus homens.

Mas aqui, o oficial do bote, que tinha por fim sido bem-sucedido em derrotar os marinheiros que tentavam subir ao bote e estava, agora, com o rosto voltado à frente auxiliando o proeiro com o remo, exortou Capitão Delano a ver o que intentava o preto; enquanto um remador português gritou-lhe para dar atenção ao que o espanhol dizia.

Olhando para os próprios pés, Capitão Delano viu a mão livre do criado buscando uma segunda adaga, menor, escondida em sua carapinha, e com ela contorcendo-se como uma cobra, do fundo do bote, na direção do coração de seu senhor, seu rosto lividamente vingativo, expressando o propósito central de sua alma; enquanto o espanhol, meio engasgado, tentava em vão afastar-se, com palavras

roucas, incoerentes para todos, exceto ao português.

Naquele momento, atravessando os pensamentos por tanto tempo nublados de Capitão Delano, um raio de revelação iluminou com inesperada clareza todos os misteriosos modos do anfitrião, com cada evento enigmático do dia, bem como a viagem inteira do *San Dominick*. Ele golpeou a mão de Babo, mas seu próprio coração o acertou com mais força. Com infinita pena ele deixou de reter Dom Benito. Não era Capitão Delano, mas Dom Benito que o preto, ao saltar ao bote, tinha a intenção de esfaquear.

Ambas as mãos do preto foram presas, enquanto, olhando para cima na direção do *San Dominick*, Capitão Delano, agora com os olhos livres das escamas que os cegavam, via os negros, não desgovernados, não em tumulto, não como se estivessem freneticamente preocupados com Dom Benito, mas sem a máscara que os cobria, brandindo machadinhas e facas numa feroz revolta pirata. Como dervixes negros em delírio, seis axântis dançavam na popa. Impedidos por seus inimigos de saltar na água, os meninos espanhóis subiam às pressas em busca das vergas mais altas, enquanto alguns dos poucos marinheiros espanhóis que, menos alertas, não tinham pulado ao mar, foram avistados, misturados no convés com os pretos sem oportunidade de se defender.

Enquanto isso, Capitão Delano bradava aos homens de seu próprio navio, ordenando que abrissem as portinholas e que colocassem a postos os canhões. Mas, a esta altura, a amarra do *San Dominick* já fora cortada; e a

ponta do cabo, ao subir chicoteando, acertou e arrancou a vela que cobria o esporão, revelando subitamente, ao mesmo tempo que o casco esbranquiçado partia ao mar aberto, a morte na figura da proa, esta, um esqueleto humano, branco comentário à brancura das palavras à giz que logo abaixo diziam, *Segui vosso líder*.

Diante do que via, Dom Benito, cobrindo o rosto, gritou: “É ele, Aranda! Meu amigo morto e insepulto!”.

Ao chegar ao caça-focas, Capitão Delano pediu cordas e prendeu o negro, que não lhe impôs resistência e foi içado ao convés. Em seguida, teria ajudado Dom Benito, praticamente entregue à própria fragilidade, a subir a amurada; mas Dom Benito, esgotado como estava, recusou-se a se mover ou ser removido, até que o negro tivesse sido primeiramente encarcerado na cobertura inferior, longe de seus olhos. Quando, por fim, foi-lhe assegurada a prisão, ele deixou-se levar ao navio.

O bote foi imediatamente despachado para resgatar os três marinheiros que nadavam. Enquanto isso, os canhões foram colocados a postos, embora, tendo o *San Dominick* partido pela popa do caça-focas, apenas o canhão mais a ré pudesse ser acionado. Com tal peça, dispararam-se seis tiros; com o objetivo de avariar o navio fugitivo, botando suas vergas abaixo. No entanto, apenas uns poucos e desimportantes cabos foram atingidos. Não tardou para que o navio se colocasse fora do alcance do canhão, velejando para fora da baía, com os pretos reunidos em grande número ao redor da proa, ora proferindo gritos de insulto aos brancos, ora elevando aos

céus gestos de saudação aos negros páramos do oceano — como corvos crocitanes que escapassem à mão do caçador.

O primeiro impulso foi de soltar os cabos e dar-lhes caça. Mas, pensando melhor, parecia mais promissor persegui-los com o bote baleeiro e o iole.

Perguntando a Dom Benito de que armas de fogo dispunham a bordo do *San Dominick*, Capitão Delano foi informado de que não tinham o que se pudesse utilizar; pois, nos primeiros estágios do motim, um finado passageiro secretamente colocara fora de uso os gatilhos dos poucos mosquetes que havia. Porém, com toda a sua força restante, Dom Benito pediu ao americano que não lhes desse caça, com navio ou bote; pois os negros já tinham se provado verdadeiros criminosos, de modo que, no caso de um ataque presente, não pensariam em menos do que um massacre dos brancos. Mesmo considerando, o aviso de alguém cujo espírito fora destruído por tantos tormentos, o americano não desistiu de seu desígnio.

Os botes foram preparados e armados. Capitão Delano designou seus homens. Ele próprio se preparava para o embarque quando Dom Benito agarrou-lhe o braço.

“O quê! Salvou minha vida, *señor*, e agora vai jogar fora a sua própria?”

Os oficiais também, por razões relacionadas a seus interesses e os da viagem, e com deveres a cumprir frente aos proprietários do navio, objetaram veementemente a ida do comandante. Pesando sua reprovação por um instante, Capitão Delano sentiu-se inclinado

a ficar; destacando seu mais importante oficial — um homem vigoroso e decidido, que fora marinheiro de um corsário a serviço do Estado e, como seus inimigos o sussurravam, pirata — para chefiar o grupo. Para ainda mais animar os marinheiros, foi-lhes informado que o capitão espanhol considerava seu navio irremediavelmente perdido; e que ele e sua carga, incluindo quantidades de ouro e prata, valiam aproximadamente mil dobrões. Capturassem-na, e uma parte não pequena lhes pertenceria. Os marinheiros responderam com um brado.

Os fugitivos tinham naquele momento praticamente ganhado mar aberto. Era quase noite; a lua, porém, surgia. Depois de prolongado e difícil remar, os botes se aproximaram do navio, a uma distância segura para deixar os remos e descarregar os mosquetes. Sem munição para devolver, os negros dispararam seus gritos. Mas, depois de uma segunda descarga, como índios, eles arremessaram suas machadinhas. Uma delas arrancou os dedos de um marinheiro. Outra atingiu a proa do bote, cortando o cabo que ali estava e permanecendo presa na amurada como o machado de um lenhador. Agarrando-a, arrancando-a de onde estava, o oficial a arremessou de volta. A arma devolvida fincou-se na alheta destruída do navio, e ali permaneceu.

Com a recepção violenta dos negros, os brancos mantiveram-se a uma distância mais segura. Navegando agora longe do alcance das machadinhas arremessadas e alimentando perspectivas do encontro mais próximo

que logo teria lugar, eles procuraram enganar os negros para que estes ficassem desarmados da maioria de suas armas e encarassem uma luta corporal, incitando-os a lançar bobamente suas machadinhas como obuses para que caíssem distantes do alvo no mar. Porém, logo percebendo o estratagema, os negros desistiram, embora não antes que muitos deles tivessem de substituir suas machadinhas perdidas por lanças; uma troca que, como se esperava, provou-se favorável aos que atacavam o navio.

Enquanto isso, com o vento forte, o navio ainda cortava as águas; e os botes alternadamente ralentavam e apressavam-se para descarregar suas saraivadas.

O fogo era, quase sempre, dirigido à popa, já que ali, sobretudo, os negros se reuniam. Mas matar ou ferir os negros não era o objetivo. Capturá-los, juntamente com o navio, era o objetivo. Para fazê-lo, precisavam abordar o navio; o que não se poderia fazer com os botes enquanto a embarcação velejasse tão rápido.

Um pensamento veio ao socorro do oficial. Observando os meninos espanhóis nos mastros, tão alto quanto poderiam estar, pediu que descessem às vergas e cortassem os rizes das velas. A essas alturas, devido a causas a serem mostradas, dois espanhóis, em roupas de marinheiros e exibindo-se conspicuamente, foram mortos; não pelas saraivadas, mas por tiros deliberados de um atirador; enquanto, como pareceu depois, por uma das descargas gerais, Atufal, o negro, e o espanhol do leme foram igualmente mortos. Perdidas as velas e

os líderes, o navio tornou-se, então, ingovernável para os negros.

Com os mastros rangendo, o navio começou a orçar pesadamente ao vento; a proa lentamente balançando à vista dos botes, com seu esqueleto luzindo à luz horizontal da lua, e lançando uma gigantesca sombra entrecortada sobre as águas. O braço estendido do fantasma parecia acenar aos brancos para vingá-lo.

“Segue teu líder!”, gritou o oficial; e, um em cada amurada, os botes alcançaram o navio. Lanças de caça à foca e cutelos cruzaram machadinhas e lanças de bordo. Apinhadas sobre o bote longo de meia-nau, as negras erguiam um canto lamentoso, cujo coro era o retinir do aço.

Por um tempo, o ataque retrocedeu; os negros protegiam-se e contra-atacavam; os marinheiros parcialmente repelidos, como que incapazes de encontrar apoio para os pés, lutavam como uma tropa sobre selas, uma perna sobre a amurada, a outra fora, enquanto aplicavam seus cutelos como o chicote de um carroceiro. Porém, tudo em vão. Estavam perto de serem derrotados, quando, organizando-se num esquadrão como um só homem, com um grito, lançaram-se a bordo, onde, cercados, involuntariamente se separaram mais uma vez. No intervalo de uns poucos respiros, produziu-se um som abafado, vago, interno, como fosse um peixe-espada submerso agitando-se de um lado para o outro entre cardumes negros de orcas. Logo, num grupo reunido e ao qual se uniram os marinheiros espanhóis, os brancos vieram à superfície, empurrando irresistivelmente os ne-

gros à proa. Uma barricada de sacos e barris, de lado a lado, tinha sido erguida próximo ao mastro principal. Aqui os negros recuaram, e embora se escarnecessem de paz ou rendição, teriam aceito um descanso de bom grado. Mas, sem pausa, saltando a barreira, os marinheiros incansáveis se reuniram. Exaustos, os negros agora lutavam em desespero. Suas línguas vermelhas saíam-lhes pelas bocas pretas, como fossem lobos. Os dentes dos pálidos marinheiros estavam cerrados; nenhuma palavra foi dita; e, em cinco minutos, tinham tomado o navio.

Cerca de vinte negros foram mortos. Excluídos os feridos por bala, muitos foram atingidos; seus ferimentos, em sua maioria infligidos pelas longas lanças de caça à foca, lembravam os dos ingleses em Prestonpans,²² atacados pelas foices de guerra dos escoceses. Do outro lado, não houve baixas, embora muitos tenham se ferido; alguns gravemente, incluindo o oficial. Os negros sobreviventes foram temporariamente presos, e o navio, rebocado ao ancoradouro, onde fundeou novamente, à meia-noite.

Omitindo os incidentes e arranjos seguintes, basta que se diga que, depois de dois dias passados em manutenção, os navios velejaram juntos rumo a Concepción, no Chile, e dali para Lima, no Peru; onde, diante das cortes do vice-reino, todo o assunto, desde seu início, passou por investigação.

22 Referência a Batalha de Prestonpans em 1745, quando os ingleses foram derrotados pelos escoceses. (N. E.)

Embora, a meio caminho da travessia, o desafortunado espanhol, relaxado de suas provações, mostrasse sinais de recobrar a saúde e a espontaneidade, acabou por sofrer uma recaída, o que ele próprio antevira, pouco antes de chegar a Lima, ficando tão abatido que teve de ser carregado nos braços a terra firme. Ao vir a saber de sua história e padecimentos, uma das muitas instituições religiosas da Cidade dos Reis abriu-lhe um hospitaleiro refúgio, onde tanto médico quanto padre lhe foram enfermeiros, e um membro da ordem voluntariou-se para oferecer-lhe guarda e consolo, dia e noite.

Os trechos seguintes, traduzidos de um dos documentos oficiais espanhóis, vão, assim se espera, lançar luz à narrativa precedente, bem como, em primeiro lugar, revelar o verdadeiro ponto de partida e a verdadeira história da viagem do *San Dominick*, até o momento de sua chegada à ilha de Santa Maria.

Mas, antes que os trechos apareçam, que sejam prefaciados por um comentário.

O documento selecionado, entre tantos outros, para tradução parcial, traz o depoimento de Benito Cereno; o primeiro tomado pela investigação. O tribunal inclinou-se à opinião de que o depoente, não sem perturbação decorrente dos eventos recentes, discorreu em delírio sobre coisas que jamais poderiam ter acontecido. Mas o depoimento dos marinheiros sobreviventes, sustentando as revelações de seu capitão em muitos dos mais estranhos particulares, deu crivo ao resto. De modo que o tribunal, em sua decisão final, apoiou suas sen-

tenças mais importantes sobre afirmações que, caso não tivessem confirmação, teriam de ser descartadas.

* * *

Eu, DON JOSÉ DE ABOS Y PADILLA, Notário de Sua Majestade para o Erário Real, e Escrivão desta Província, e Notário Público da Santa Cruzada deste Bispado etc., certifico e declaro, tanto quanto seja exigido por lei, que, na causa criminal iniciada em vinte e quatro do mês de setembro, ano 1799, contra os negros do navio *San Dominick*, fizeram-se as seguintes declarações em minha presença.

Declaração da primeira testemunha, DOM BENITO CERENO

No mesmo dia, mês e ano, Seu Honorável Doutor Juan Martinez de Rozas, Conselheiro da Real Audiência deste Reino e versado nas leis desta Intendência, pediu que o capitão do navio *San Dominick*, Dom Benito Cereno, se apresentasse; o que fez, acomodado em liteira própria, auxiliado pelo monge Infelez; dele recebendo o juramento, invocado sob o nome de Deus, nosso Senhor, e um sinal da Cruz; e sob o qual prometeu dizer a verdade do que quer que soubesse e fosse perguntado; e sendo consentidamente interrogado diante do responsável pelo ato de início do processo, declarou que, em

vinte de maio último, partiu com seu navio do porto de Valparaíso, no Chile, com destino ao porto de Callao; carregado com produtos da região, além de trinta caixas de ferramentas e cento e sessenta negros, de ambos os sexos, a maioria propriedade de Dom Alexandro Aranda, fidalgo da cidade de Mendoza; que a tripulação do navio consistia de trinta e seis homens, além de pessoas que seguiam viagem como passageiras; que os negros eram, em parte, os seguintes:

[Aqui, no original, segue uma lista de aproximadamente cinquenta nomes, descrições e idades, compiladas de documentos recuperados de Aranda e também de lembranças do depoente, do qual apenas trechos foram extraídos.]

— Um, entre dezoito e vinte anos, chamado José, e este era o homem que cuidava de seu senhor, Dom Alexandro, e que falava bem o espanhol, tendo servido a seu lado quatro ou cinco anos; [...] um mulato, de nome Francesco, o taifeiro da cabine, de boa voz e figura, tendo cantado em igrejas de Valparaíso, nativo da província de Buenos Aires, contando cerca de trinta e cinco anos. [...] Um negro esperto, de nome Dago, que fora por muitos anos coveiro entre os espanhóis, contando quarenta e seis anos. [...] Quatro velhos negros, nascidos na África, entre sessenta e setenta anos, mas fortes, calafetadores de ofício, cujos nomes são os que se seguem: o primeiro, Mure, e foi morto (como também foi seu filho Diame-

lo); o segundo, Natu; o terceiro, Yola, igualmente morto; o quarto, Ghofan; e seus negros crescidos, de idade entre trinta e quarenta e cinco anos, todos brutos, nascidos entre os axânti — Matiluqui, Yau, Lecbe, Mapenda, Yambaio, Akim; quatro dos quais foram mortos; [...] um negro forte, de nome Atufal, supostamente chefe de tribo na África, de grande importância para seus proprietários. [...] E um negrinho do Senegal, havia alguns anos entre os espanhóis, contando seus trinta anos, cujo nome de negro era Babo; [...] que não se recorda dos nomes de outros, mas que, ainda esperando que se encontrem o que resta dos papéis de Dom Alexandro, todos serão devidamente registrados e enviados à corte; [...] e trinta e nove mulheres e crianças de todas as idades.

[*Findo o catálogo, o depoimento prossegue.*]

[...] Que todos os negros dormiam no convés, como era costume nesse tipo de navegação, e nenhum usava corrente, pois o proprietário, seu amigo Aranda, disse-lhe que todos eram tratáveis; [...] que no sétimo dia depois de deixar o porto, às três da manhã, enquanto todos os espanhóis dormiam, exceto os dois oficiais da vigia, que eram o contramestre, Juan Robles, o carpinteiro, Juan Bautista Gayete, o timoneiro e seu ajudante, os negros subitamente se revoltaram, ferindo perigosamente o contramestre e o carpinteiro e matando sucessivamente dezoito homens daqueles que dormiam no convés, alguns com lanças e machadinhas, outros lançados ao mar vivos

depois de amarrados; que, dos espanhóis no convés, eles deixaram cerca de sete, segundo se recorda, vivos e amarrados, para manobrar o navio, e que três ou quatro, que se esconderam, permaneceram vivos. Que, embora no ato de revolta os negros tivessem se feito senhores da escotilha, seis ou sete feridos passaram desta à cabine, sem qualquer impedimento da parte dos negros; que durante o ato de revolta, o oficial e outra pessoa, cujo nome não se recorda, tentaram subir pela escotilha, mas sendo rapidamente feridos, foram obrigados a retornar à cabine; que o depoente decidiu no raiar do dia subir pela escada do tombadilho, onde o negro Babo estava, este o líder da revolta, e Atufal, que o assistia, e tendo falado com eles, exortou-lhes que cessassem com tais atrocidades, perguntando-lhes, ao mesmo tempo, o que queriam e pretendiam fazer, oferecendo-se a obedecer-lhes os comandos; que, não obstante isso, eles lançaram ao mar, em sua presença, três homens, vivos e amarrados; que pediram ao depoente que subisse, e eles não o matariam; uma vez feito, o negro Babo perguntou-lhe se havia naqueles mares terras de negro para onde pudessem ser levados, ao que ele respondeu-lhes, Não; que o negro Babo, depois disso, ordenou que fossem levados ao Senegal ou às ilhas vizinhas de São Nicolau; tendo ele respondido que era impossível, devido à grande distância, à obrigação de dobrar o cabo Horn, às más condições da nau, à necessidade de provisões, velas e água; a isto, porém, o negro Babo respondeu-lhe que os levasse de qualquer forma; que fariam o que pudessem e se adequariam a tudo que

o depoente julgasse necessário no tocante à comida e à bebida; que, depois de uma longa conferência, sendo de todo compelido a agradar-lhes, pois ameaçavam matar todos os brancos caso não fossem, de qualquer forma, levados ao Senegal, ele lhes disse que o mais necessário à viagem era água; que poderiam se aproximar da costa para obtê-la e daí seguir seu caminho; que o negro Babo concordou com isso; e o depoente tomou o rumo dos portos intermediários, esperando encontrar alguma embarcação espanhola ou estrangeira que pudesse salvá-los; que, passados dez ou onze dias, eles avistaram terra firme e continuaram seu curso por ela na vizinhança de Nazca; que o depoente observou que os negros ficaram, então, inquietos e tumultuosos, pois ele não levara a cabo a busca de água; que o negro Babo exigiu, com ameaças, que isso fosse feito, sem falta, no dia seguinte; ele disse que via claramente que a costa era escarpada, e os rios indicados nos mapas não seriam encontrados, entre outras razões adequadas às circunstâncias; que a melhor forma seria rumar à ilha de Santa Maria, onde poderiam encontrar água facilmente, tratando-se de ilha solitária, como diziam os forasteiros; que o depoente não foi a Pisco, que era mais próximo, nem a qualquer outro porto da costa, pois o negro Babo dissera repetidas vezes que mataria todos os brancos no exato momento em que avistasse qualquer cidade, vilarejo ou assentamento nas costas às quais deveriam ser levados, o que determinou a ida à ilha de Santa Maria, como o depoente planejara, com o propósito de encontrar, na travessia ou nas imediações da

ilha, qualquer embarcação que os auxiliasse, ou para ver se ele próprio era capaz de escapar dali num bote rumo à costa vizinha de Arauco; para tanto, ele imediatamente mudou seu curso, rumando à ilha; que os negros Babo e Atufal mantinham diálogo diário, durante os quais discutiam o que seria necessário para seu retorno ao Senegal, se, por exemplo, matariam todos os espanhóis e, em particular, o depoente; que, oito dias depois de deixarem a costa de Nazca, com o depoente na vigia um pouco depois do raiar do dia, e logo depois de os negros terem seu encontro, o negro Babo chegou ao lugar onde estava o depoente e lhe disse que estava determinado a matar seu senhor, Dom Alexandro Aranda, tanto porque ele e seus companheiros não estariam de outro modo certos de sua liberdade, como porque, para manter os marinheiros assujeitados, precisava preparar um aviso sobre o caminho que tomariam caso eles ou qualquer outro se opusessem a ele; que, por meio da morte de Dom Alexandro, esse aviso seria mais bem dado; mas, o que estava implicado nisso, o depoente não soube no momento compreender, nem poderia ir além da intenção do assassinato de Dom Alexandro; que o negro Babo também sugeriu ao depoente, então, chamar o oficial Raneds, que dormia na cabine, antes que a coisa fosse feita, temendo, como o depoente o compreendeu, que o oficial, um bom navegador, fosse morto com Dom Alexandro e os demais; que o depoente, amigo de juventude de Dom Alexandro, pediu veementemente pelo companheiro, mas foi em vão; pois o negro Babo respondeu que aquilo não se podia evitar, e que todos

os espanhóis arriscariam suas vidas caso tentassem frustrar-lhe a vontade, naquele ou em qualquer outro assunto; que, nesse embate, o depoente chamou o oficial, Raneds, que foi forçado a se separar dos demais, e imediatamente o negro Babo ordenou que o axânti Matiliqui e o axânti Lecbe cometessem o assassinato; que os dois desceram com machadinhas ao beliche de Dom Alexandro; que, ainda com vida e desfigurado, estes o arrastaram ao convés; que iam lançá-lo ao mar naquele estado, porém o negro Babo os interrompeu, pedindo que o assassinato fosse finalizado no convés diante de si, o que se fez, quando, por suas ordens, carregou-se o corpo para a cobertura inferior, à vante; que nada mais foi visto pelo depoente por três dias; [...] que Dom Alonzo Sidonia, um velho homem, há muito residente em Valparaíso e recentemente indicado a um posto civil no Peru, destino ao qual seguia, dormia, no momento, no beliche oposto ao de Dom Alexandro; que, acordando com seus gritos, surpreendido por eles, e diante dos negros com suas machadinhas cheias de sangue nas mãos, lançou-se ao mar através de uma janela próxima e afogou-se, sem que o depoente tivesse condições de ajudá-lo ou trazê-lo novamente a bordo; [...] que pouco tempo depois do assassinato de Aranda, eles trouxeram ao convés seu primo em primeiro grau, de meia idade, Dom Francisco Masa, de Mendoza, e o jovem Dom Joaquim, Marquês de Arambaolaza, então chegado de Espanha, com seu criado espanhol Ponce, e os três jovens secretários de Aranda, José Morairi, Lorenzo Bargas e Hermenegildo Gandix, todos de Cádiz;

que Dom Joaquim e Hermenegildo Gandix, por razões a serem esclarecidas posteriormente, tiveram a vida preservada pelo negro Babo; mas que Dom Francisco Masa, José Morairi e Lorenzo Bargas, com o criado Ponce, além do contramestre, Juan Robles, e seus oficiais, Manuel Viscaya e Roderigo Hurta, e quatro dos marinheiros, o negro Babo ordenou que fossem lançados ao mar vivos, embora não oferecessem resistência, nem implorassem por nada senão misericórdia; que o contramestre, Juan Robles, que sabia nadar, permaneceu por mais tempo na superfície d'água, rezando atos de contrição, e, nas últimas palavras que proferiu, pediu ao depoente que mandasse rezar uma missa por sua alma em louvor de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; [...] que, durante os três dias que se seguiram, o depoente, incerto do destino que teria acometido os restos de Dom Alexandre, frequentemente perguntava ao negro Babo onde eles estavam, e, caso ainda estivessem a bordo, se tinham sido preservados para um enterro em terra, pedindo-lhe que o fizesse; que o negro Babo nada respondeu até o quarto dia, quando, ao nascer do sol, com o depoente chegando ao convés, o negro Babo mostrou-lhe um esqueleto, que substituíra a própria figura de proa do navio, uma imagem de Cristóvão Colombo, o descobridor do Novo Mundo; que o negro Babo perguntou-lhe que esqueleto era aquele e se, por sua brancura, ele não deveria compreender se tratar do esqueleto de um branco; que, descobrindo-lhe o rosto, o negro Babo, aproximando-se, disse palavras mais ou menos que tais: "Mante-

nha-se fiel aos negros daqui até o Senegal; caso contrário vai em espírito, como agora em corpo, seguir o seu líder”, apontando à proa; [...] que na mesma manhã o negro Babo levou, um a um, cada espanhol à proa, perguntando-lhes de quem era o esqueleto e se, por sua brancura, não se poderia imaginar que fosse de um branco; que cada espanhol cobriu o rosto; que, então, a cada um o negro Babo repetiu as palavras antes ditas ao depoente; [...] que contra eles (os espanhóis), então reunidos à popa, o negro Babo lançou imprecações, dizendo que, de sua parte, tudo estava feito; que o depoente (como piloto para os negros) deveria seguir a rota exigida, avisando-o, bem como a todos os demais, que conheceriam, de corpo e alma, o fim de Dom Alexandro, caso os visse (os espanhóis) falar ou planejar qualquer coisa contra eles (os negros), ameaça que foi reiterada todos os dias; que, antes dos acontecimentos por último mencionados, eles haviam amarrado o cozinheiro para lançá-lo ao mar, por algo que este supostamente teria dito, mas que por fim o negro Babo poupou-lhe a vida, a pedido do depoente; que poucos dias depois, o depoente, tentando tudo que estivesse a seu alcance para preservar as vidas dos brancos remanescentes, pediu aos negros paz e tranquilidade e concordou em produzir um documento, assinado pelo depoente e os marinheiros capazes de escrever, bem como pelo negro Babo, em seu nome e de todos os pretos, segundo o qual o depoente se comprometia a levá-los ao Senegal, desde que não matussem mais ninguém, e que ele, então, entregar-lhes-ia

formalmente o navio, incluída a carga, com o que eles se aquietaram e se satisfizeram por ora. [...] Mas no dia seguinte, para se certificar de que os marinheiros não escapariam, o negro Babo ordenou que todos os botes fossem destruídos, exceto o bote longo, que estava avariado, e outro, um cúter em boas condições, que sabendo ser necessário para trazer os barris d'água, fez com que descessem ao porão.

* * *

[Seguem-se vários pormenores da prolongada e acidentada navegação aqui tratada, com incidentes de uma calamitosa calmaria, de cujo trecho uma passagem é extraída, a saber:]

Que no quinto dia da calmaria, com todos a bordo sofrendo muito pelo calor e pela falta d'água, e cinco morrido em meio a ataques de demência e convulsões, os negros ficaram irritadiços e, por um gesto fortuito, que consideraram suspeito, embora inofensivo, feito pelo oficial Raneds ao depoente no momento de entregar-lhe um quadrante, eles o mataram; mas que por isso depois se arreponderam, já que o oficial era o único navegador a bordo, além do depoente.

* * *

Que omitindo outros acontecimentos, que se passavam diariamente, e que apenas serviriam inutilmente à

recordação de conflitos e infortúnios passados, depois de setenta e três dias de navegação, contados do momento em que partiram de Nazca, durante os quais navegaram sob uma escassa reserva d'água e foram afligidos pelas calmarias antes mencionadas, eles por fim chegaram à ilha de Santa Maria, no dia dezessete do mês de agosto, aproximadamente às seis da tarde, hora em que lançaram âncora bem próximos do navio americano *Bachelor's Delight*, surto na mesma baía, comandado pelo generoso Capitão Amasa Delano; contudo, já às seis da manhã eles haviam avistado a baía, e os negros ficaram incomodados, tão logo à distância viram o navio, não esperando ver outro; que o negro Babo os pacificou, garantindo-lhes que não precisavam temer; que imediatamente ele ordenou que a figura na proa fosse coberta com uma vela, como precisasse de reparos, e colocou as cobertas um pouco em ordem; que o negro Babo e o negro Atufal travaram uma rápida conversa; que o negro Atufal era da opinião de partirem, mas o negro Babo, não, e, por sua própria conta, estabeleceu o que deveria ser feito; que, por fim, ele foi ao depoente, propondo-lhe dizer e fazer tudo que o depoente declara ter feito e dito diante do Capitão americano; [...] que o negro Babo advertiu-o que, no caso de qualquer mínimo desvio ou palavra ou olhar que desse a menor ideia dos acontecimentos passados ou da situação presente, ele instantaneamente o mataria, com todos os seus companheiros, mostrando-lhe uma adaga, que trazia escondida, dizendo algo que, como ele o compreendeu, significava que a adaga esta-

ria tão alerta quanto seus olhos; que o negro Babo então anunciou o plano a todos os seus companheiros, o que os agradou; que ele, então, para melhor disfarçar a verdade, valeu-se de diferentes expedientes, dos quais alguns serviam igualmente aos propósitos de defesa e dissimulação; que, entre estes, encontrava-se o expediente dos seis axântis acima nomeados, seus matadores; que estes ele dispôs à borda da popa, como limpassem certas machadinhas (em caixas, que eram parte da carga), mas com a função, em realidade, de utilizá-las e distribuí-las em caso de necessidade, desde que dado o sinal verbal previamente combinado; que, entre outros expedientes, estava o de apresentar Atufal, seu braço direito, como se estivesse preso, embora num instante as correntes pudessem ser tiradas; que em cada particular ele informou ao depoente o papel a desempenhar para cada expediente, e que história deveria contar em cada circunstância, sempre ameaçando-o com a morte instantânea, caso se desviasse um instante do determinado; que, consciente de que muitos dos negros poderiam causar tumulto, o negro Babo designou os quatro homens de idade, calafetadores, para manter a ordem doméstica que fosse possível nas cobertas; que, por diversas vezes, ele discursou aos espanhóis e seus companheiros, informando-os de seu intento, de seus expedientes e da história inventada que o depoente contaria, bem como do que se lhes passaria caso algum deles a contradissesse; que tais arranjos foram feitos e amadurecidos no intervalo de duas ou três horas, entre o primeiro momento que avistaram

o navio e a chegada a bordo do Capitão Amasa Delano; que isso aconteceu mais ou menos às sete e meia da manhã, enquanto Capitão Amasa Delano chegava em seu bote, e todos com alegria o receberam; que o depoente, tanto quanto pôde forçar-se, fazendo as vezes de principal proprietário e capitão livre do navio, disse ao Capitão Amasa Delano, quando instado, que partira de Buenos Aires, com destino a Lima, carregado de trezentos negros; que nas imediações do cabo Horn, e por uma febre subsequente, muitos negros tinham morrido; que também, em circunstâncias similares, todos os oficiais do navio e a maior parte da tripulação morreram.

* * *

[E assim o depoimento prossegue, recontando em detalhes a história fictícia que Babo impôs ao depoente e com a qual, através do depoente, ludibriou Capitão Delano; e também recontando os amigáveis oferecimentos de Capitão Delano, entre outras coisas, todas aqui omitidas. Depois da ficção etc., o relato continua:]

* * *

que o generoso Capitão Amasa Delano permaneceu a bordo o dia todo, até que deixou o navio ancorado às seis horas da tarde, com o depoente falando-lhe todo o tempo de seus falsos infortúnios, sob os princípios

acima mencionados, sem ter tido em seu poder a possibilidade de contar uma só palavra, ou dar-lhe a menor sugestão, para que ele pudesse saber a verdade e o estado de coisas; pois o negro Babo, fazendo as vezes de um oficioso criado com toda a aparência de submissão de um humilde escravo, não deixou o depoente um momento sequer; que assim se portava de modo a observar as ações e palavras do depoente, pois o negro Babo compreende bem o espanhol; e, além disso, havia por perto outros em constante observação e que, da mesma forma, entendiam o espanhol; [...] que, numa ocasião, enquanto o depoente estava no convés conversando com Amasa Delano, por um sinal secreto o negro Babo levou-o (o depoente) a um canto, parecendo o ato ter partido do depoente; que, então, o negro Babo lhe propôs extrair de Amasa Delano detalhes acerca de seu navio, tripulação e armamentos; que o depoente perguntou-lhe “Por quê?”, e o negro respondeu-lhe que ele podia imaginar; que, atormentado pelo futuro que poderia acometer o generoso Capitão Amasa Delano, o depoente de início recusou-se a obter as informações desejadas e valeu-se de todo argumento para convencer o negro Babo a desistir de seu novo desígnio; que o negro Babo mostrou-lhe a ponta da adaga; que, depois de a informação ter sido obtida, o negro Babo mais uma vez chamou-o a um canto, dizendo-lhe que, naquela mesma noite, ele (o depoente) seria o capitão de dois navios, em vez de um, pois, estando grande parte da tripulação do navio americano ausente, pescando,

os seis axântis, sem mais ninguém, poderiam facilmente dominá-lo; que, nesse momento, disse outras coisas com a mesma finalidade; que nada o demoveu; que, antes de Amasa Delano embarcar no navio, nenhuma sugestão fora dada no tocante à captura do navio americano; que o depoente não tinha recursos para impedir tal projeto; [...] que em algumas coisas sua memória estava confusa, pois não conseguia recordar de forma clara cada acontecimento; [...] que tão logo lançaram âncora, às seis da tarde, como fora estipulado, o capitão americano deixou o navio, para retornar ao seu; que sob um súbito impulso, que o depoente acreditava ter vindo de Deus e seus anjos, ele, depois de o adeus ter sido dito, seguiu o generoso Capitão Amasa Delano até a amurada, onde permaneceu, sob o pretexto de despedir-se, até que Amasa Delano estivesse sentado em seu bote; que ao iniciar os procedimentos de partida, o depoente saltou da amurada no bote e dentro dele caiu, não sabe como, pois Deus o guardava; que [...]

* * *

[Aqui, no original, segue o relato do que depois aconteceu com a escapada, de como o San Dominick foi recapturado, e da travessia à costa; incluindo, no relato, muitas expressões de “eterna gratidão” ao “generoso Capitão Amasa Delano”. O depoimento, então, procede com apontamentos de recapitulação, e uma enumeração parcial dos

negros, fazendo registro de seu papel individual nos eventos, com o intuito de fornecer, segundo pedido da corte, a data a partir da qual fundar as sentenças criminais a serem pronunciadas. A partir dessa passagem segue-se:]

Que ele acredita que todos os negros, embora desconhecessem previamente o plano da revolta, aprovaram-na quando esta se realizou. [...] Que o negro José, de dezoito anos de idade e a serviço pessoal de Dom Alexandro, foi quem comunicou ao negro Babo o estado de coisas na cabine antes da revolta; que isto se sabe pois, nas meias-noites que a antecederam, ele costumava deixar seu beliche, instalado sob o de seu senhor, na cabine, e ir ao convés, onde o líder e seus asseclas estavam travando conversas secretas com o negro Babo, durante as quais muitas vezes foi visto pelo oficial; que, certa noite, o oficial o fez retornar à cabine duas vezes; [...] que esse mesmo negro José foi quem, sem ser instado a fazê-lo pelo negro Babo, como Lecbe e Matiliqui o foram, esfaqueou seu senhor, Dom Alexandro, depois de ele ter sido arrastado quase sem vida ao convés; [...] que o taifeiro mulato, Francesco, estava no grupo inicial de revoltosos, sendo em todas as coisas criatura e instrumento do negro Babo; que, para agradar-lhe, pouco antes da refeição na cabine, propôs ao negro Babo envenenar um dos pratos destinados ao generoso Capitão Amasa Delano; o que se sabe e se crê, pois os negros o disseram; mas que o negro Babo, tendo outros planos, proibiu Francesco; [...] que o axânti Lecbe

era um dos piores entre eles; pois, no dia em que o navio foi reconquistado, auxiliou em sua defesa com uma machadinha em cada mão, com uma das quais feriu no peito o oficial de Amasa Delano durante o primeiro movimento de embarque no navio; isto todos sabiam; que, ao ver o depoente, Lecbe atacou com uma machadinha Dom Francisco Masa, quando, segundo ordens do negro Babo, o carregava para lançá-lo ao mar, além de participar no assassinato anteriormente mencionado, de Dom Alexandro Aranda, e de outros dentre os passageiros; que, devido à fúria com que os axântis entregaram-se ao confronto com os botes, apenas Lecbe e Yau sobreviveram; que Yau era tão mau quanto Lecbe; que Yau fora o homem que, sob o comando de Babo, preparara de bom grado o esqueleto de Dom Alexandro, do modo que os negros depois contaram ao depoente, mas que ele, enquanto estiver são, jamais poderá divulgar; que Yau e Lecbe foram os dois que, numa calmaria à noite, prenderam o esqueleto à proa; isto também os negros lhe contaram; que o negro Babo foi quem produziu a inscrição abaixo; que o negro Babo foi o conspirador do começo ao fim; que ordenou cada assassinato e foi a quilha e o leme da revolta; que Atufal foi seu lugar-tenente em tudo; mas Atufal, por suas próprias mãos, não cometeu assassinato algum; tampouco o negro Babo; [...] que Atufal foi ferido e morto durante a luta com os botes, antes da abordagem; [...] que as negras de idade sabiam da revolta e se mostraram satisfeitas com a morte de seu senhor, Dom Alexandro; que, não tivessem os negros as controlado, elas teriam torturado até a morte

os espanhóis executados sob as ordens do negro Babo, em vez de simplesmente os assassinar; que as negras usaram de toda a sua influência para também se livrar do depoente; que, em vários atos de assassinato, cantaram canções e dançaram, não alegre, mas solenemente; e que, antes do confronto com os botes, bem como durante a ação, elas entoaram melodias melancólicas aos negros, e que a melancolia era o que mais os inflamava, sendo essa sua intenção; que tudo isso é crível pois os negros o disseram.

Que dos trinta e seis homens a bordo, tirante passageiros (todos os quais hoje mortos), dos quais o depoente tem conhecimento, apenas seis permaneceram vivos, com quatro pajens e grumetes, não incluindo a tripulação; [...] que os negros quebraram um braço de um dos pajens e o golpearam com as machadinhas.

[Seguem-se então várias e aleatórias revelações referentes a diferentes momentos. Os seguintes trechos se destacam:]

Que durante a presença de Capitão Amasa Delano a bordo, os marinheiros fizeram algumas tentativas, uma delas, de Hermenegildo Gandix, de dar-lhe sugestões do verdadeiro estado de coisas; mas que essas tentativas foram ineficazes, devido ao medo que tinham de serem mortos e, ademais, aos expedientes que impunham contradições ao verdadeiro estado de coisas, bem como à generosidade e compaixão de Amasa Delano, incapaz de vislumbrar tanta vilania; [...] que Luys Galgo, ma-

rinheiro de aproximadamente sessenta anos e antes integrante da Armada Real, foi um dos que tentou produzir sinais a Capitão Amasa Delano; porém, somente a suspeita de seu intento, jamais descoberto, o fez ser, sob falsa alegação, levado para longe dos olhos de todos e, por fim, ao porão, onde foi morto. Isto os negros o disseram então; [...] que um dos grumetes, imbuído de alguma esperança de libertação a partir da presença de Capitão Amasa Delano, porém sem a prudência necessária, liberou alguma palavra fortuita em relação a seus anseios, a qual, ouvida e compreendida por um menino escravo com quem então comia, fez com que este último o atacasse na cabeça com uma faca, inflingindo-lhe um grave ferimento, do qual o garoto se recupera; que do mesmo modo, não muito antes de o navio ancorar, um dos marinheiros, então ao leme, colocou-se em perigo ao permitir que os pretos notassem alguma expressão em seu semblante, oriundo de causa semelhante a anteriormente relatada; mas esse marinheiro, por sua cuidadosa conduta posterior, escapou; [...] que essas afirmações são feitas para mostrar à corte que, do começo ao fim da revolta, era impossível ao depoente e seus homens agir de outro modo; [...] que o terceiro secretário, Hermenegildo Gandix, antes forçado a viver entre os marinheiros, usando as roupas de um marinheiro e em todos os aspectos adequado ao tipo; que ele, Gandix, foi morto por uma bala de mosquete disparada por engano dos botes antes da abordagem; tendo, apavorado que estava, corrido ao cordame de mezena e conclamado aos

botes, "Não abordem", temendo que os negros o pudessem matar; que isso induziu os americanos a acreditar que ele, de alguma forma, favorecia a causa dos negros; e, assim, foram-lhe endereçadas duas balas, que o fizeram cair do cordame e, então, afogar-se no mar; [...] que o jovem Dom Joaquim, Marquês de Aramboalaza, como Hermenegildo Gandix, o terceiro secretário, foi degradado ao ofício e aparência de um marinheiro comum; que, numa ocasião, quando Dom Joaquim se recusou a certa ordem, o negro Babo ordenou que o axânti Lecbe aquecesse alcatrão e o despejasse nas mãos de Dom Joaquim; [...] que Dom Joaquim foi morto por outro engano dos americanos, este, porém, impossível de ser evitado, uma vez que, diante da aproximação dos botes, Dom Joaquim, com uma machadinha amarrada com a lâmina a vista e ao alto, fora levado pelos negros à amurada; onde, visto armado e em postura questionável, foi morto como fosse um renegado; [...] que na pessoa de Dom Joaquim encontrou-se uma joia escondida, a qual, pelos documentos descobertos, provou-se destinada ao altar de Nossa Senhora da Misericórdia, em Lima; uma oferenda votiva, antes preparada e guardada, para atestar sua gratidão, quando desembarcasse no Peru, seu último destino, pela feliz conclusão de sua viagem desde a Espanha; [...] que a joia, com os outros desejos do finado Dom Joaquim, está sob custódia dos irmãos do Hospital de Sacerdotes, esperando as disposições da honorável corte; [...] que, devido à condição do depoente, bem como à celeridade com que os botes partiram ao con-

fronto, os americanos não foram avisados de que havia, entre a equipagem aparente, um passageiro e um dos secretários disfarçados pelo negro Babo; [...] que, além dos negros mortos em ação, alguns foram mortos depois da captura e do reancoramento à noite, quando presos aos grilhões no convés; que essas mortes foram cometidas pelos marinheiros, sem que se pudesse evitá-las. Que tão logo foi informado disso, Capitão Amasa Delano usou de toda a sua autoridade e, em particular com seus próprios punhos, puniu Martínez Gola, que, guardando uma lâmina no bolso de uma velha jaqueta sua, vestida por um dos negros agrilhoados, a estava apontando à garganta do negro; que o nobre Capitão Amasa Delano também tirou da mão de Bartolomeu Barlo um punhal, guardado à época do massacre dos brancos, com o qual fora encontrado no ato de esfaquear um negro agrilhoadado, que, no mesmo dia, com outro negro, o tinha levado ao chão e saltado sobre ele; [...] que não tinha condições de relatar todos os acontecimentos relativos ao período em que o navio esteve nas mãos do negro Babo; mas que tudo que se disse era o mais substancial do que ocorrera então, e trata-se da verdade sob a qual se tomara o juramento; declaração que afirma e ratifica, depois de escutá-la lida a ele.

Disse ele que tem vinte e nove anos de idade e está destruído, em corpo e alma; que quando finalmente fosse dispensado pela corte, não retornaria ao Chile, mas partiria para o monastério em Monte Agonia; e assinou com sua honra e persignou-se e, então, partiu como che-

gou, em sua liteira, com o monge Infelez, para o Hospital de Sacerdotes.

BÊNITO CERENO

DOUTOR ROZAS

Se o Depoimento de Benito Cereno serviu como chave adequada ao baú de complicações que o precederam, então, como uma câmara mortuária cuja porta se empurra, o casco do *San Dominick* jaz, agora, aberto.

Daí decorre a natureza dessa narrativa, que além de demonstrar as complicações de início incontornáveis, tem requerido que muitas coisas, em vez de serem colocadas em ordem de ocorrência, sejam retrospectiva ou irregularmente dadas. Este último caso é o das passagens que se seguem e concluirão o relato.

Durante a longa e aprazível viagem a Lima, houve, como antes se sugeriu, um período durante o qual o doente recobrou um pouco de sua saúde, ou, pelo menos em alguma medida, sua tranquilidade. Antes da recaída definitiva que se sucedeu, os dois capitães tiveram muitas e cordiais conversas, a fraternal sinceridade entre si contrastava especialmente com a primeira distância tomada.

Diversas vezes repetiu-se quão difícil fora representar o papel imposto ao espanhol por Babo.

“Ah, meu caro amigo”, Dom Benito certa feita disse, “naqueles momentos em que me via tão melancólico

e incomodado, sim, quando, como agora o admite, tinha para si que eu planejava seu assassinato, naqueles mesmos momentos meu coração estava congelado; não era capaz de olhá-lo, pensando nas coisas que, tanto a bordo deste navio como do seu próprio, reservavam-se a meu caro benfeitor. E por Deus, Dom Amasa, não sei se apenas o desejo de minha própria salvaguarda teria sido capaz de me dar forças para saltar em seu bote, não fosse pelo sentimento de que, caso o senhor, nada sabendo, retornasse ao seu navio, o senhor, meu bom amigo, com todos que poderiam ser consigo atacados naquela noite durante o sono, jamais despertaria neste mundo novamente. Apenas pensa como caminhou neste convés, como se sentou nesta cabine, com cada polegada deste chão minada sob seus pés. Tivesse eu dado a mínima sugestão, feito o menor avanço no sentido de um entendimento entre nós, a morte, a morte explosiva — sua como minha — teria encerrado a cena.”

“Verdade, verdade”, exclamou Capitão Delano, animando-se, “salvou minha vida, Dom Benito, mais do que salvei a sua; salvou-a, também, a despeito de meu conhecimento e vontade.”

“Pois não, meu amigo”, respondeu o espanhol, de uma cortesia quase religiosa, “Deus encantou sua vida, mas o senhor salvou a minha. Pensar em algumas das coisas que fez, aqueles sorrisos e conversas, aqueles comentários e gestos impensados. Por menos do que isso, mataram meu oficial, Raneds; mas o senhor tem o salvo-conduto do Príncipe do Céu para todas as emboscadas.”

“Sim, tudo graças à Providência, eu sei. Mas a disposição de minha mente naquela manhã era mais feliz do que o normal, enquanto a perspectiva de tanto sofrimento, mais aparente que real, acrescentou a minha boa natureza a compaixão, enquanto a caridade amarrou-as num só todo. Fosse de outra forma, sem dúvida, como sugeriu, algumas de minhas interferências teriam tido um fim nada feliz. Ademais, os sentimentos de que falei me permitiram conseguir o melhor da desconfiança momentânea em momentos que uma maior agudeza poderia ter me custado a vida, sem salvar a de outrem. Apenas no fim minhas suspeitas se tornaram mais fortes, e sabe quão distantes da verdade elas se provaram.”

“Distantes, de fato”, disse Dom Benito, com tristeza; “o senhor esteve comigo o dia todo; permaneceu ao meu lado, sentou-se comigo, conversou comigo, me viu, comeu comigo, bebeu; e, no entanto, seu ato final foi se digladiar com um monstro, não com um homem inocente, mas com o mais desprezível dos homens. A tal ponto podem ir os enganos e as malignas maquinações. Tão longe que mesmo os melhores homens podem errar, ao julgar a conduta de alguém sobre cujos recessos e condição não está informado. Mas o senhor foi forçado a tanto; e a tempo desfez-se do engano. Que assim fosse, em ambos os aspectos, para sempre e para todos os homens.”

“O senhor generaliza, Dom Benito; e melancolicamente o bastante. Mas o passado é passado; por que moralizá-lo? Esqueça-o. Veja ali, o sol que brilha tudo

esquece, e o mar azul, e o céu azul; estes todos viram novas páginas.”

“Porque não têm memória”, ele respondeu em discordância; “pois não são humanos.”

“Mas esses ventos leves que agora lhe roçam o rosto, eles não chegam com uma cura quase humana? Amigos calorosos, amigos prestimosos são estes ventos.”

“Com sua prestimosidade eles vão acabar me soprando para dentro do caixão, *señor*,” foi a resposta agourenta.

“O senhor foi salvo”, exclamou Capitão Delano, cada vez mais surpreso e condoído; “foi salvo. O que lançou tal sombra sobre o senhor?”

“O negro.”

Fez-se o silêncio, enquanto o homem melancólico sentou-se, lenta e inconscientemente cobrindo-se com a manta, como se fosse uma mortalha.

Não houve mais conversa naquele dia.

Mas se a melancolia do espanhol por vezes acabava em mudez no tocante a tópicos como o registrado acima, houve outros assuntos sobre os quais jamais falou de todo; sobre os quais, de fato, todas as suas velhas reservas se acumulavam. Deixemos de lado o pior, e, apenas para elucidá-lo, permitamos que um ou dois temas sejam citados. A roupa, tão refinada e rigorosa, vestida por ele no dia cujos eventos foram narrados, não o fora por livre e espontânea vontade. E a espada com copo de prata, aparentemente símbolo do comando despótico, não era, na verdade, uma espada,

mas seu fantasma. A bainha, artificialmente preenchida, estava vazia.

Quanto ao preto — cujo cérebro, não o corpo, tinha planejado e liderado a revolta, com a conspiração —, seu corpo esguio, inadequado ao que trazia consigo, sucumbira sem resistência à força muscular superior de seu capturador, no bote. Vendo que tudo terminara, não produziu som, nem podia ser forçado a tanto. Seu aspecto parecia dizer: já que nada posso fazer, também nada direi. Colocado sob grilhões no porão, com os demais, foi levado para Lima. Durante a viagem, Dom Benito não o visitou. Nem então, nem depois, voltou a vê-lo. Diante do tribunal, recusou-se. Quando pressionado pelos juízes, desfaleceu. Coube somente ao testemunho dos marinheiros a identidade legal de Babo.

Alguns meses depois, arrastado à força preso ao rabo de uma mula, o negro encontrou seu fim mudo. O corpo foi cremado; por muitos dias a cabeça, aquela colmeia de argúcia, foi fixada num poste na praça, encontrando, sem embaraço, o olhar dos brancos; e, através da praça, mirava a igreja de São Bartolomeu, em cujas câmaras mortuárias dormiam então, como agora, os ossos recuperados de Aranda e, para além da ponte do rio Rimac, na direção do monastério, no Monte Agonia; onde, três meses depois de ser dispensado pela corte, Benito Cereno, levado em seu ataúde, de fato seguiu seu líder.